**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

**TRANSFORMAÇÕES URBANAS RECENTES EM TIRADENTES - MG:
ANOS 80 E 90 DO SÉCULO XX**

Helcio Ribeiro Campos

São Paulo
2006

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

**TRANSFORMAÇÕES URBANAS RECENTES EM TIRADENTES - MG:
ANOS 80 E 90 DO SÉCULO XX**

Helcio Ribeiro Campos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Professora Doutora Amália Inés Geraiges de Lemos

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que contribuíram - nas mais diversas atividades - para a realização desse trabalho:

- aos meus familiares, pelo apoio desde a infância e por terem compreendido e aceitado minha escolha profissional. Aos incentivos pela leitura dados por meus pais e irmãos mais velhos. À minha irmã Lucimar e ao Adalberto, pela hospedagem semanal em São Paulo! - sem falar nos filmes, música boa...- e tantos pequenos mimos, que compõem em mim um agradecimento profundo. À minha irmã Dê e ao Fernando, pelo rango gostoso e o bate-papo na "hora bendita" do almoço. À minha irmã Inês e ao Zé, por todas essas coisas e aquela exploração que acompanha os anos!

- aos meus professores de todos os tempos, pela lição comum da entrega. Aos professores da UFJF que me ajudaram, Pedro Machado e Maria Aparecida Gonçalves. Valeu Cida! e obrigado por me suportar desde a primeira orientação! Será que isso acaba um dia? Aos professores da USP, Eduardo Yázigi, Antônio Carlos R. Moraes e Élvio Rodrigues, pelas lições inesquecíveis; também Rita de Cássia Cruz e Francisco Scarlato, pelas críticas e sugestões;

- aos meus "heróis cibernéticos": Cezar, Leonardo, Rommel e Itiberê. Existem tantos cliques aqui nesse trabalho... eu os vejo, não são anônimos! Agradecimentos também para a ajuda preciosa da Karen e da Vanessa;

- aos tiradentinos, pela recepção sempre bondosa. Muito obrigado aos funcionários da Prefeitura, da Secretaria de Turismo, da Câmara... Valeu Gláucia! Valeu Cidinha! Valeu Cid Barbosa!

- ao André, gerente da CEMIG em Juiz de Fora, pela gentileza em ceder os mapas e pela fineza do tratamento que recebi;

- aos amigos, que me incentivaram e que me suportaram ao falar desse trabalho, sobretudo a Jussara: obrigado por ter me ajudado a "bisbilhotar" em Tiradentes, como você dissera com galhardia;

- ao professor Cláudio Perobelli, pela revisão do texto de um amigo;

- aos meus coordenadores, que me liberaram para ir a São Paulo;
- ao Antônio Pedro Neto e à Ana Luísa Croce pelo "help" no "abstract";
- e ao final, para dar sentido a tudo, às professoras Ana Maria Marangoni e Amália Inés, pela confiança e carinho: peço desculpas pelo meu silêncio, às vezes até excessivo, mas saibam da gratidão e da admiração que gritam dentro de mim.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
SUMÁRIO	5
ÍNDICE	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
1. TIRADENTES: DE INÍCIO, APENAS UM DESTINO NO ROTEIRO DE VIAGENS	9
2. TIRADENTES: APRESENTANDO A CIDADE	12
2.1 - A LOCALIZAÇÃO DE TIRADENTES E O ACESSO AO MUNICÍPIO	13
2.2. A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE TIRADENTES ATÉ 1980	24
2.2.1. A fase "lenta": a formação socioespacial do século XVIII até meados do século XX	25
2.2.2. A aceleração das modificações socioespaciais com o turismo - as décadas de 1960 e 1970: o "período de transição"	42
2.3. O PATRIMÔNIO TURÍSTICO DE TIRADENTES	44
2.3.1. O PATRIMÔNIO HISTÓRICO-ARQUITETÔNICO	46
2.3.2. O PATRIMÔNIO NATURAL	57
2.3.3. ARTESANATO REGIONAL	60
2.3.4. ARTES E CULINÁRIA LOCAL	62
2.3.5. FOLCLORE LOCAL	63
2.3.6. EVENTOS	68
2.4. O TURISMO COMO NECESSIDADE CRIADA: A NOVA FUNÇÃO DE TIRADENTES	71
2.5. PATRIMÔNIO, CULTURA E CIVILIZAÇÃO	77
3. TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM TIRADENTES - MG A PARTIR DE 1980	92
3.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO URBANO E TURISMO	97
3.1.1. Produção, consumo e reprodução do espaço no interior das cidades	101
3.2. A INFRA-ESTRUTURA URBANA: INFLUENCIANDO OS LOTEAMENTOS E, LOGO, A OCUPAÇÃO DAS CIDADES	107
3.3 - A SITUAÇÃO ATUAL DO MUNICÍPIO: POPULAÇÃO URBANA, QUALIDADE DE VIDA E TURISMO	110
3.4 - A OCUPAÇÃO RECENTE NO CENTRO E NA PERIFERIA, A PARTIR DA DÉCADA DE 1980	118
3.4.1 - A ocupação histórica: a formação do espaço intra-urbano de Tiradentes	118
3.4.2 - Ocupação, mudanças e características recentes no espaço urbano de Tiradentes	126
3.4.3. As faixas de ocupação	137
3.4.4. O Centro Histórico: restauração, revitalização e gentrificação <i>incompleta</i>	153
4. CONCLUSÕES	163
5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	168
ÍNDICE DAS TABELAS	176
ÍNDICE DOS GRÁFICOS	177
ÍNDICE DE FIGURAS	178

ÍNDICE

1. TIRADENTES: DE INÍCIO, APENAS UM DESTINO NO ROTEIRO DE VIAGENS	9
2. TIRADENTES: APRESENTANDO A CIDADE.....	12
2.1 - A LOCALIZAÇÃO DE TIRADENTES E O ACESSO AO MUNICÍPIO.....	13
2.2. A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE TIRADENTES ATÉ 1980	24
2.2.1. A fase "lenta": a formação socioespacial do século XVIII até meados do século XX.....	25
2.2.2. A aceleração das modificações socioespaciais com o turismo - as décadas de 1960 e 1970: o "período de transição"	42
2.3. O PATRIMÔNIO TURÍSTICO DE TIRADENTES	44
2.3.1. O PATRIMÔNIO HISTÓRICO-ARQUITETÔNICO.....	46
2.3.2. O PATRIMÔNIO NATURAL	57
2.3.3. ARTESANATO REGIONAL.....	60
2.3.4. ARTES E CULINÁRIA LOCAL	62
2.3.5. FOLCLORE LOCAL.....	63
2.3.6. EVENTOS.....	68
2.4. O TURISMO COMO NECESSIDADE CRIADA: A NOVA FUNÇÃO DE TIRADENTES.....	71
2.5. PATRIMÔNIO, CULTURA E CIVILIZAÇÃO	77
3. TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM TIRADENTES - MG A PARTIR DE 1980	92
3.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO URBANO E TURISMO	97
3.1.1. Produção, consumo e reprodução do espaço no interior das cidades	101
3.2. A INFRA-ESTRUTURA URBANA: INFLUENCIANDO OS LOTEAMENTOS E, LOGO, A OCUPAÇÃO DAS CIDADES	107
3.3 - A SITUAÇÃO ATUAL DO MUNICÍPIO: POPULAÇÃO URBANA, QUALIDADE DE VIDA E TURISMO.....	110
3.4 - A OCUPAÇÃO RECENTE NO CENTRO E NA PERIFERIA, A PARTIR DA DÉCADA DE 1980	118
3.4.1 - A ocupação histórica: a formação do espaço intra-urbano de Tiradentes.....	118
3.4.2 - Ocupação, mudanças e características recentes no espaço urbano de Tiradentes	126
3.4.3. As faixas de ocupação.....	137
3.4.4. O Centro Histórico: restauração, revitalização e gentrificação <i>incompleta</i>	153
4. CONCLUSÕES	163
5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	168

RESUMO

Esse trabalho, estreitado com a linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, tem por objetivo maior indicar as transformações recentes ocorridas no espaço urbano da cidade de Tiradentes - MG, ou seja, a partir da década de 1980. A fim de demonstrar isso, houve um estudo sobre a formação socioespacial da cidade ao longo do tempo - desde o século XVIII até 2005, incluindo aí a influência do turismo - que resgatou o dinamismo econômico local após os anos 1960. Desse modo, Tiradentes passa a receber investimentos públicos e privados que incrementam o turismo e, assim, atraem os imigrantes; valorizam seus terrenos e imóveis; transformam o Centro Histórico cada vez mais numa região de comércio e em processo de gentrificação; expandem intensamente a cidade, desde a década de 1980, através de loteamentos nos bairros. Nesse contexto, o trabalho é finalizado com as perspectivas da expansão urbana que estão se formando em Tiradentes.

Palavras-chave: expansão urbana; formação socioespacial; turismo cultural; gentrificação; espaço urbano.

ABSTRACT

This research beside the Post-Graduation Program in Human Geography line has as a greatest proposal to indicate the most recently transformation at the urban space of Tiradentes-MG, after the eighties. In order to prove that, a study was made about the sociospace build-up of the city through the years since the eightieth century until 2005, including tourism influence that brought back its economic dynamism of the place after the sixties. By the way, Tiradentes begins to receive public and private investiments increasing the tourism in the city, absorbing migrant people, raising the value of real properties. The Historical Center becomes more and more on a trade region and in gentrification process and new plots of land at the neighborhood shows the intensity expansion of the city since the eighties. On this context, the research ends revealing the perspectives of urban expansion that are taking shape in Tiradentes.

Key-words: urban expansion; cultural tourism; sociospace build-up; urban space; gentrification.

1. TIRADENTES: DE INÍCIO, APENAS UM DESTINO NO ROTEIRO DE VIAGENS

Essa dissertação carrega em si um pouco do contexto em que a geografia se cria. Primeiramente, porque surge das *viagens* até Tiradentes: elas "autorizam" a tônica da curiosidade e da busca pelo conhecimento. Em segundo lugar, porque pede a superação da observação direta e empírica feita há décadas, desde a adolescência. A maturidade cronológica vem acompanhada do gradativo aprimoramento com a ciência geográfica. Embora não se encaixe perfeitamente em nenhuma das atuais correntes hegemônicas de pensamento da geografia, esse trabalho tem grande influência de autores que se alinharam com a geografia crítica, e de outros que usaram idéias de variadas origens, sendo, por isso, chamados de "eccléticos".

A idéia e, presentemente, a concretização desse trabalho são tributários de um princípio ontológico e consagrado nos estudos geográficos: o princípio da *observação*. As viagens tornaram-se uma referência para os precursores da geografia em diferentes períodos de sua trajetória e, assim, é possível considerar o aporte de conhecimentos que viajantes como Marco Polo, Ibn Batouta, Ibn Khaldun, El Edrisi, dentre outros, fizeram avolumar em prol da *comparação* dos lugares.

Nesse sentido, a comparação entre os lugares, cidades, reinos etc., contribuiu para diminuir a extrema lacuna que existira em séculos anteriores ao XIX, quando a geografia torna-se acadêmica, acerca do que se podia saber a respeito de lugares longínquos. Experiências tão simples, como essas dos viajantes, vão lentamente proporcionar a compreensão de que certas características culturais e socioeconômicas de variadas realidades espaciais estão concatenadas, demonstrando, a um só tempo, a importância do que é *único* e *local*, e sua relação com aquilo que é *comum*, *que repete sem exclusividade*, dando contornos do que se convencionou chamar de *mundo*.

Portanto, os viajantes deixaram o legado da observação, da *descrição*, da experiência direta. A convergência de tudo isso se dá em função do conhecimento:

no início com forte carga empírica, mas que, paulatinamente, vai agrupando análises mais interessantes. Nesse contexto, é relevante a contribuição isolada de certos geógrafos, ou sob a constituição de uma corrente de pensamento e seus métodos próprios de estudos espaciais. Sem pretender esgotar todos os exemplos, pode-se citar (ANDRADE, 1992): Humboldt e Ritter; E. Reclus, que já considerava a sociedade classista (p. 57); Kropotkin e sua idéia de que a geografia é uma ciência da natureza (p.60); as "escolas" possibilista e determinista; a geografia teórico-quantitativa; o aporte do marxismo, sob os nomes de geografia "radical" e de geografia "crítica"; o uso da fenomenologia, do existencialismo e da psicologia na constituição de tendências atuais, como a da geografia da percepção; a revitalização da geografia cultural; dentre tantas expressões que compõem a configuração do saber no cerne da ciência geográfica.

Não dividi essa dissertação com a clássica seção que trata dos princípios metodológicos que, costumeiramente, figuram como o primeiro capítulo. Explico tal decisão: a carga teórica está distribuída por todas as seções da dissertação, a fim de aproximar prática e argumentação. O que se pretende com isso é uma esquiva da situação em que esse clássico primeiro capítulo não "conversa" com o restante do trabalho, caindo num isolamento em que a teoria e a prática não convergem a contento, como frisara veementemente, durante suas aulas, o professor Dr. Robert Moraes.

A dissertação está dividida em duas grandes seções, que apresentam uma continuidade de informações e análises sobre Tiradentes. A primeira delas, intitulada *Tiradentes: apresentando a cidade*, traz a formação da cidade ao longo do tempo, com a sua configuração espacial intra-urbana, desde o início do século XVIII, período em que surge Tiradentes. O patrimônio turístico do Município é apresentado para que se possa ter consciência de sua importância na atualidade, além de estar relacionado com a evolução urbana de Tiradentes, já que a decadência econômica que rondou a cidade em diferentes períodos contribuiu para a manutenção do casario setecentista. Tal patrimônio suscita a curiosidade, o afeto, mas também a preocupação com a sua segurança. Por isso, o desfecho desse capítulo é dado por uma breve discussão acerca do convívio com o patrimônio.

A segunda grande seção desse trabalho, sob a designação de *Transformações urbanas recentes em Tiradentes - MG a partir de 1980*, apresenta um aporte teórico mais evidente, incidindo sobre as relações entre espaço urbano e turismo. A atividade turística, tão importante na escala municipal, ganhou análises gerais e também voltadas para o caso de Tiradentes, já que influencia na ocupação da cidade, na valorização imobiliária, na implantação de infra-estrutura etc. Como tudo se estreita com a conformação e a dinâmica do espaço intra-urbano tiradentino, consta, ao final da seção, a atual situação de ocupação no Centro e na periferia. A chegada dos imigrantes - que encampam os mais valorizados imóveis do Centro Histórico, em detrimento da população local que, aos poucos, toma o rumo dos novos bairros, criando novas faixas de ocupação - e a elitização cultural e econômica decorrentes do processo migratório para Tiradentes têm espaço privilegiado nas argumentações finais da segunda seção desse trabalho.

Assim apresentadas as seções, é fundamental ainda externar que os grandes temas acerca de Tiradentes encontram-se aí entrelaçados, ou seja: espaço urbano e turismo. A atividade turística tem uma incrível força como locomotiva da vida socioespacial local, influenciando vários segmentos urbanos, como os investimentos, as migrações e a expansão dos loteamentos. Para lograr êxito ao analisar essa complexa realidade de Tiradentes, esse estudo foi realizado concebendo um recorte temporal, as duas últimas décadas do século XX, pois é um nítido período de intensificação da atividade turística; e o segundo recorte, que delimita as modificações espaciais recentes em Tiradentes apenas para a sua área urbana. Nesse sentido, escritores que se dedicaram aos estudos urbanos foram companheiros na elaboração dessa dissertação que, sabiamente, em silêncio, souberam ajudar-me a compor uma idéia mais forte e nítida.

2. TIRADENTES: APRESENTANDO A CIDADE

Neste capítulo da dissertação há uma apresentação geral de Tiradentes, a fim de criar uma identificação da cidade que é objeto deste estudo, através de dados históricos, geográficos e socioeconômicos - desde a descoberta do lugar até os dias atuais, relatando as fases de decadência e apogeu das atividades econômicas do local - criando uma referência sobre o contexto da história social e da formação urbana de Tiradentes, além de ser apresentado o seu patrimônio turístico, incluindo aí o acervo histórico-arquitetônico, o patrimônio natural, o artesanato regional, as artes e a culinária, além do folclore. O calendário oficial de eventos foi fornecido diretamente pelo atual Secretário Municipal de Turismo, Cid Barbosa Filho, e, por isso, encontra-se inteiramente atualizado.

Há uma breve indicação do acesso até Tiradentes, relacionado com o recente crescimento do turismo, sobretudo a partir da conexão da cidade até a BR-265 na década de 1960. Nas décadas seguintes o turismo ganharia um peso ainda maior na economia local.

Dada toda a riqueza patrimonial que envolve, com predomínio, as atividades econômicas do Município - influenciando suas relações sociais, as relações interpessoais e criando uma função para Tiradentes - o capítulo é encerrado com uma breve discussão sobre o convívio da população com os bens patrimoniais, colocando frente a frente cultura e vandalismo, preservação e destruição.

2.1 - A LOCALIZAÇÃO DE TIRADENTES E O ACESSO AO MUNICÍPIO

Num sítio encaixado nas bordas da Serra da Mantiqueira, conforme os mapas 1 e 2 demonstram, o Município de Tiradentes está localizado na subregião do Estado de Minas Gerais conhecida com Campo das Vertentes, que abrange também outros municípios: Prados, Coronel Xavier Chaves, Santa Cruz de Minas¹ e São João del Rei.

Mapa 1 - Tiradentes e municípios vizinhos do Campo das Vertentes

Fonte: www.google.com.br

¹ Santa Cruz de Minas era um distrito de Tiradentes. Segundo o Censo de 1980, do IBGE, o distrito possuía mais que o dobro da população da sede, a cidade de Tiradentes, que contava com cerca de 2300 habitantes.

[illegible]

O Campo das Vertentes faz parte da Região Central de Planejamento do Estado de Minas Gerais, a qual engloba a Região Metropolitana de Belo Horizonte, que concentra a maior parte da população e indústrias estaduais: é a mais importante das regiões do estado. O Campos das Vertentes é uma região de tradicional transição entre Minas e outros estados, São Paulo e Rio de Janeiro, e por ser uma extensão de áreas de influência de centros dinâmicos mais próximos (como Belo Horizonte e Juiz de Fora) e mais distantes (como o Rio de Janeiro, São Paulo e, em conjunto, o Sul de Minas).

Mapa 3 - Regiões de Minas Gerais

Fonte: LE SANN, J. Gisèle. *A caminho das noções básicas de Geografia*. Belo Horizonte: Dimensão, 2001.

Tiradentes localiza-se no sudeste de Minas Gerais, a 190 km da capital, Belo Horizonte; a 170 km de Juiz de Fora; a 330 km do Rio de Janeiro; e a 480 km de São Paulo.

Mapa 4 - Mapa rodoviário de acesso a Tiradentes

Fonte: TIRADENTES GERAIS. Ano II, nº 13, julho de 2005.

Rodovias Principais:

- BR-381 (Rodovia Fernão Dias): São Paulo - Belo Horizonte;

- BR-040: Rio de Janeiro - Belo Horizonte. Tal rodovia permite o acesso de Tiradentes a Barbacena (com trevo de acesso para Tiradentes) e a Juiz de Fora (a cidade média mais próxima de Tiradentes).

Rodovias que cortam o Município de Tiradentes:

- BR-383: trevo secundário, com acesso à parte noroeste do Município, no trecho Lagoa Dourada - São João del Rei;

- BR-265: trevo principal de acesso à cidade no trecho Barbacena - São João del Rei. Na década de 1960, a construção do trecho asfaltado de 4 km até a BR-265 contribuiu para a acessibilidade de Tiradentes, marcando o "despertar" para a atividade turística do Município, e a esperança de sua população por melhores condições de vida, conforme atestam os seguintes trechos transcritos, de 1969:

Atualmente a cidade vive de um gadinho, de uma lavourinha e de muito artesanato de prata. E do turismo, que começa a chegar pela simpática estradinha de asfalto (...). Tiradentes ainda não tem hotel (espera-se a construção de um para breve).

Assim que atingem a adolescência os meninos "se mandam" para mais alegres e proveitosas paragens e a cidade fica entregue, como na guerra, aos velhos e às moças. Há certa nostalgia, um ar parado. Um desânimo de melhores dias. Começam, porém, a despertar às possibilidades do turismo e nele se concentram todas as esperanças (HORIZONTES, 1969: s/p).

Rodovias - trechos em reforma:

- BR-040, entre Barbacena e Juiz de Fora;
- BR-265, entre Barbacena e São João del Rei.

As reformas nas rodovias citadas persistiam até o final de 2005, criando desvios não pavimentados e com passagens, em certos trechos, para apenas um veículo, atrasando e dificultando viajar entre as cidades da região.

De modo geral, as rodovias favorecem a acessibilidade até Tiradentes, sobretudo com o término das recentes reformas, influenciando a emissão de turistas oriundos das cidades que estão conectadas a Tiradentes através dessas mesmas rodovias.

Os gráficos a seguir, elaborados a partir de dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Turismo, indicam uma dupla tendência: os núcleos emissores de turistas são aqueles que estão: 1) geograficamente mais próximos; e 2) com maior poder aquisitivo. Assim, a maior parte dos turistas é proveniente da própria Região Sudeste, com destaque para a forte emissão de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro - ao contrário do Espírito Santo, o estado mais pobre da região.

Após o Sudeste, conforme os gráficos abaixo, as regiões Sul e Centro-Oeste são as que mais contribuem com o fluxo de turistas para Tiradentes. Seguindo as tendências indicadas acima, o Distrito Federal, junto com o Paraná e o Rio Grande

do Sul, são os maiores emissores, já que são áreas com populações de considerável poder aquisitivo: o Distrito Federal apresenta a maior renda *per capita* entre as unidades da Federação.

As regiões Norte e Nordeste são as que menos turistas levam até Tiradentes, de acordo com os levantamentos diretamente realizados pelo Secretário de Turismo do Município, Cid Barbosa, durante o primeiro semestre de 2005 e que podem ser visualizados no gráfico.

Em escala internacional, conforme os três últimos gráficos, os europeus em conjunto - mas sobretudo com espanhóis, franceses, italianos e alemães - além de norte-americanos e argentinos, compõem os estrangeiros mais freqüentes em Tiradentes, confirmando as tendências de atração ligadas à proximidade geográfica e níveis socioeconômico e cultural. Para endossar essa exposição, os países sul-americanos de maior IDH - Índice de Desenvolvimento Humano, são os maiores pólos emissores de turistas, ou seja: Argentina, Chile e Uruguai. Pela mesma razão, mais turistas saem dos países ricos.

Gráficos 1, 2 e 3 - Origem dos Turistas em Tiradentes, por Regiões do IBGE -
1º Semestre de 2005.

Fonte: Secretaria Municipal de Turismo de Tiradentes, 2005.

Gráficos 4, 5 e 6 - Origens dos Turistas Internacionais em Tiradentes -
Por Continentes - 1º Semestre 2005

Fonte: Secretaria Municipal de Turismo, 2005.

Arley ANDRIOLO (1999:128-143), que empreendeu um estudo sobre a evolução do turismo em Minas Gerais durante o século XX, indica o longo tempo em que Tiradentes esteve sob esquecimento, mesmo com as prerrogativas governamentais de fomento ao turismo nas cidades históricas. Para confirmar isso, cita, dentre outros, Antenor Nascentes, membro do Touring Club do Brasil, que nos anos 1950, dedica um artigo ao turismo mineiro. Nascentes enumera as cidades que

julga demonstrarem algum potencial turístico, como Juiz de Fora, Palmyra, Barbacena, Congonhas, Diamantina, Sabará, Ouro Preto, Mariana e Estância das Águas. "Destas mencionadas, percebe-se a inclusão da distante Diamantina, mas o esquecimento de Tiradentes e São João del Rei" (ANDRIOLO, 1999:128-129).

Esse autor revela que as estâncias hidrominerais já contavam com um turismo anterior e mais consolidado, se comparado com as cidades históricas. O jornal *O Estado de São Paulo*, na década de 1930, emitia toda sexta-feira um quadro de informações de interesse turístico - como tarifas de trens, restaurantes e hotéis, em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Apenas 4 cidades mineiras promoviam seus hotéis: Belo Horizonte, Araguari, Guaxupé e Poços de Caldas. Numa publicação deste jornal, já dos anos 1950, Tiradentes é referida como "(...) ruínosa e melancólica. Não passa a velha cidade (outrora São José del Rei) de pequeno aglomerado de casas, quase todas antigas e maltratadas, que me parece só se conservam ainda de pé em função da pomposa matriz"².

Os obstáculos a serem vencidos para a consecução da promoção do turismo "(...) definiam-se, sobretudo, acerca de três aspectos, consolidados no discurso dos 50 como o 'tripé do turismo'. Os três 'pés' básicos eram o transporte, a hospedagem e a informação" (ANDRIOLO, 1999:134). Os governos passam a verter capitais para tais setores, sobremaneira para a construção de rodovias. Assim, em 1957, o então governador mineiro, Juscelino Kubtischek, inaugurou grande parte da BR-3 (atual BR-040) entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte, cujo trajeto ficou reduzido em cerca de 80 km se comparado com o antigo. Kubtischek ainda inaugurou a rodovia dos Inconfidentes, principal ligação ente a capital mineira e Ouro Preto.

Para o caso de Tiradentes, a sua conexão asfaltada com a BR-265, já na década de 1960, trouxe um grande subsídio para a consolidação do turismo na cidade. O tripé - transporte, hospedagem e informação, mencionado por Andriolo - se completaria à medida que Tiradentes passou a contar com inserções na mídia, sobretudo como cenário para produções da TV, e de capitais oriundos de empresas, governos e fundações.

² Artigo de Aureliano LEITE, intitulado *São João del Rei, das mais Paulistas de Minas*, publicado em *O Estado de São Paulo*, de 18/12/1952, p.7. Trecho extraído de ANDRIOLO (1999:129).

Figura 1: inauguração da BR-265.

O limite territorial do Município de Tiradentes (com cerca de apenas 83 km²), que consta na Prefeitura, foi traçado na Carta do IBGE, de 1975, na escala de 1:50.000, confronta-o com os seguintes municípios, abaixo relacionados, conforme a disposição da divisão administrativa do Município, que possui ainda os distritos do Elvas e da Caixa D'água da Esperança, além de aglomerações com características semi-urbanas como Águas Santas (que é um pouco maior) e César de Pina, constantes na Prefeitura como bairros, mas que possuem um considerável uso rural³. Observe no mapa a seguir a localização do bairro Águas Santas, a noroeste do Centro Histórico e demais bairros a ele adensados, que estão separados pela Serra de São José.

³ Esses dois "bairros" de Tiradentes estão separados da cidade pela Serra de São José, de tal maneira que o acesso viário até eles só é possível passando pelos municípios de São João del Rei e Santa Cruz de Minas, para novamente acessar a parte noroeste do Município de Tiradentes. Nesse sentido, um recente estudo de José Eli da Veiga, afirma que a população urbana do Brasil é de 60% do total, e não 80%, conforme os dados oficiais do Censo-2000, do IBGE.

Mapa 6 - Demarcação do sítio histórico de Tiradentes

Fonte: IPHAN, 1997.

2.2. A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE TIRADENTES ATÉ 1980

A formação socioespacial de Tiradentes foi dividida em dois momentos: antes e depois do advento do turismo. O primeiro, até o final da década de 1970, mostra uma cidade que viveu o apogeu e a decadência da atividade mineradora e da pecuária até meados do século XX, quando, logo em seguida, já nas décadas de 1960 e 1970, o turismo começava a despontar na cidade, mas ainda tépido. O segundo momento, derivado da hegemonia econômica que foi implantada via atividade turística, que suplanta a timidez das décadas anteriores e se fortalece a partir dos anos de 1980 em Tiradentes. O turismo inaugura e marca um período em que as modificações foram aceleradas e que vêm conduzindo a atual formação socioespacial da cidade. Por isso, esse período recente e ainda atual é apresentado

no capítulo "Transformações urbanas recentes em Tiradentes - MG a partir de 1980" (p.92), que privilegia a apresentação e a análise acerca da estrutura urbana do final do século XX.

Portanto, a cidade teve o século XX marcada pela lentidão das transformações espaciais até a sua primeira metade; viveu um período de transição compreendido nos anos 60 e 70; e uma aceleração já no final do século XX, notadamente a partir da década de 1980.

2.2.1. A fase "lenta": a formação socioespacial do século XVIII até meados do século XX

O tráfego de aventureiros em direção ao ouro das minas de Ouro Preto e ao sertão do Rio das Velhas tornou a região do Rio das Mortes caminho obrigatório para a travessia da Serra da Mantiqueira em direção a Taubaté e ao litoral fluminense, rumo ao porto de Parati, rota denominada *Caminho Velho*. Esse fluxo migratório determinou, inicialmente, o surgimento dos pousos ao longo da rota ou nos trechos cortados pelos rios e, posteriormente, com a descoberta de ouro, surgem os primeiros povoados (PMT-PREFEITURA MUNICIPAL DE TIRADENTES: 2001, s/p).

A atual cidade de Tiradentes foi fundada em 1702, como consequência da descoberta, pelos paulistas, de jazidas auríferas, nas encostas de uma serra que foi denominada mais tarde de São José. Foi batizada anteriormente de Santo Antônio do Rio das Mortes e passou a se chamar Arraial Velho do Rio das Mortes, em 1704, para se diferenciar da atual São João del Rei, que era conhecida como Nossa Senhora do Pilar, o Arraial Novo do Rio das Mortes, pois o ouro foi descoberto primeiramente no Arraial Velho e, três anos depois, já em 1705, no Arraial Novo. Assim, teve seu crescimento associado com o Rio das Mortes, se estruturando de forma longilínea e com edificações térreas (CAMPOS, 1998:93). Esse nome foi dado aos arraiais devido ao Rio das Mortes⁴ que os separavam em margem direita e

⁴ A origem do nome do rio está associada com as mortes ocorridas na travessia para o novo arraial e também ao Capão da Traição, episódio em que os paulistas foram aniquilados pelos componentes do grupo emboaba (ver nota 2), mesmo após a submissão pacífica. Após este massacre, os corpos foram atirados no rio (CRUZ, 2002).

esquerda. Era o chamado Caminho Velho, a ligação entre São Paulo e as minas de ouro (PELLEGRINI FILHO, 2000: 15).

O eixo primitivo de ocupação de Tiradentes definiu-se da matriz de Santo Antônio, "colocada em *plateau*", no início da rua da Câmara, onde encontra-se a Casa da Câmara. Esse trecho, situado numa parte mais elevada do sítio, poderia ser considerado como o "território do poder". A rua descia em direção a parte baixa e alagadiça, em direção ao Chafariz e ao córrego de Santo Antônio, trecho original de menor opulência, considerado como "área de serviço" (SAINT-HILAIRE, 1974:116 apud CAMPOS, 1998:97) ou "espaço de produção". Descendo da Matriz, paralela à rua da Câmara, ficava a rua Jogo da Bola, que é provavelmente a rua mais antiga da Vila (IPHAN, 1997:17).

Mapa 7 - Núcleo inicial de Tiradentes

Fonte: CAMPOS, Helcio (2006:26).

Nas duas bifurcações da rua da Câmara e Jogo da Bola localizavam-se dois largos. O primeiro, próximo à Casa da Câmara, foi provavelmente o lugar onde se localizou o pelourinho(...). O segundo é o Largo do Ó.

Da rua da Câmara expandiram-se dois eixos transversais - a rua Direita e a rua do Sol (ou de Cima ou Padre Toledo). Na parte inicial da rua Direita localizava-se a igreja do Rosário e do outro lado, na sua frente, a Cadeia. (...) em direção ao Largo das Forras, localizavam-se os principais e poucos sobrados da vila (CAMPOS, 1998:98).

Figura 2: em pequenas porções tem-se a capela curada em nível de ARRAIAL.

Figura 3: paróquia em nível de FREGUESIA.

A prosperidade, de capela curada para paróquia, eleva religiosamente o arraial em nível de freguesia⁵, dando-lhe o roussio⁶ como patrimônio público e permitindo a aglomeração ao redor do templo. Depois esta freguesia vai almejar sua autonomia com o pelourinho e a Casa de Câmara, religiosamente ascendendo de paróquia para matriz e, em termos de ocupação, tornando-se vila. A gradativa ocupação do território ao redor da capela e da paróquia podem ser conferidas nas figuras 2, 3 e 6.

A edificação religiosa é a referência básica para a implantação do "território do poder" - sede do poder público e religioso.

O "espaço da produção", formado pela área onde se explorava o ouro, ficou conhecido como *Canjica*, porque, segundo a tradição, neste local eram encontradas pepitas de ouro do tamanho de canjicas (grãos de milho).

As relações entre o "território do poder" e o "espaço de produção"

foram muito tênues, como frágeis foram as estruturas que consolidaram o núcleo urbano, já que jamais firmou-se como um centro densamente ocupado, havendo a presença marcante de vazios, e que acabaram por se tornar uma das principais características da ocupação (IBPC, 1994:16 *apud* CAMPOS, 1998:97).

Por volta de 1707 e 1709, ocorreu a Guerra dos Emboabas⁷ na região de São José, que consistiu na luta entre paulistas, os descobridores das minas, que não concordavam com a presença de forasteiros, que eram portugueses e brasileiros provenientes de outras regiões da Colônia, principalmente do norte do país. Esse período foi marcado pela superioridade dos emboabas. Houve muitas batalhas e mortes (PELLEGRINI FILHO, 2000: 20).

⁵ Povoação eclesiástica.

⁶ Terreno, geralmente amplo e frontal às igrejas, que o povo roçava e usufruía em comum.

⁷ A disputa pelo domínio das lavras de ouro evoluiu para lutas abertas e armadas, a Guerra dos Emboabas, conflito que é considerado a primeira guerra civil das Américas (1707-1709), envolvendo os paulistas descobridores e os portugueses, forasteiros atraídos pela riqueza, que eram chamados de *emboabas*, *embuabas* ou *buabas*, denominação indígena dada aos europeus que, por trazerem as pernas cobertas, eram assemelhados com certas aves que tinham penas nas pernas (OLIVEIRA, 2004:53).

São João del Rei, o Arraial Novo, foi elevado à vila e cabeça da Comarca do Rio das Mortes em 1713, onde o governo colonial já havia estabelecido um posto de cobrança de passagem, responsável pela ocupação do local.

Conforme o Auto de Criação, mostrado nas figuras abaixo, somente em 1718 o Arraial Velho foi elevado à vila, chamando-se Vila de São José, em homenagem ao príncipe D. José, futuro rei de Portugal (ROCHA, 1998: 29). De acordo com o IBGE (2005:6), "Vila é a sede do distrito que não abriga a cidade. É delimitada pelo perímetro urbano definido (...) como a área urbana do distrito que não o sede do município". Convertendo isso para a realidade do século XVIII, significa que as vilas eram estágios embrionários das futuras cidades.

Figuras 4 e 5: Auto de Criação da Vila de São José.

A nova vila desenvolveu-se mais que a Vila de São João del Rei. "Na primeira metade dos setecentos, existia em São José maior número de escravos e pagava-se mais impostos de captação" (PMT, 2001, s/p).

Mapa 8 - As Três Comarcas de Minas Gerais

Fonte: ARAÚJO, Márcia (2004:5).

A partir de 1711, com a independência da Capitania das Minas do Ouro e de São Paulo em relação ao Rio de Janeiro, diversos arraiais são elevados à categoria de vila, como a Vila do Carmo (Mariana), a Vila Rica (Ouro Preto), a Vila Real de Sabará (Sabará), a Vila de São João del Rei, a Vila Rainha (Caeté) e a Vila do Príncipe (Serro). Fazendo isso, "(...) o governo metropolitano busca estabelecer alguma ordem e tranquilidade a partir da implantação de justiça, milícia e fisco nos núcleos urbanos fundados" (ARAÚJO, 2004:4). Segundo o mapa 8, o território mineiro é oficialmente dividido, em 1714, em três comarcas: Vila Rica, Rio das Velhas e Rio das Mortes, que tinham como sede as atuais cidades de Ouro Preto, Sabará e São João del Rei, respectivamente, como se apresenta na carta número 8, onde se registra a Vila de São José, antigo Arraial Velho.

Mapa 9 - Comarca do Rio das Mortes

Fonte: ARAÚJO, 2004:5.

A vila de São José compreendia um vasto território, incluindo Congonhas do Campo, Prados, Carijós (hoje Conselheiro Lafaiete), Igreja Nova (atual Barbacena) e outras localidades da margem direita do rio das Mortes (ROCHA, 1998: 29; PELLEGRINI FILHO, 2000: 20). A Vila de São José cresce no sopé da "muralha" representada pela Serra de São José que pode

...ser percebida espacialmente em qualquer ponto da vila, envolvendo-a como se fosse o fundo de um cenário. Marcando ainda sua singularidade, podemos perceber a presença de vazios em seu miolo central e quintais com árvores verdejantes moradias, colorindo-a bucolicamente e dando-lhe um ar quase rural (CAMPOS, 1998:93).

Figura 6: Pelourinho, Casa da Câmara e a Matriz, centralizando a VILA.

Figura 7: a Vila de São José.

Figura 8: a Serra e a cidade de São José.

Conforme as figuras acima registram, o assentamento urbano de São José seguiu o padrão geral dos povoados mineiros, que acompanhavam os acidentes topográficos dos terrenos (veja ao fundo a Serra de São José) e sem um plano urbanístico fixo. Primeiramente predominam as edificações térreas, evoluindo logo depois, já na segunda metade dos setecentos, para a construção dos sobrados com

funções comerciais e residenciais. Entretanto, deve-se ressaltar que foram as edificações religiosas e públicas que determinaram os arruamentos e a teia urbana. Assim, em 1724, a freguesia foi elevada à paróquia. Havia uma pequena capela de pau-a-pique, substituída por outra, a Igreja Matriz de Santo Antônio, cuja construção foi finalizada em 1732.

Data do século XVIII, a definição urbanística da futura cidade de Tiradentes, onde a maior concentração de edificações se dava ao longo da via principal, que saía da Matriz em direção ao Chafariz.

Tais características mencionadas sobre o sítio urbano da cidade, no passado, persistem na atualidade: "(...) uma das principais características de Tiradentes é a presença dos quintais produzindo uma relação bastante peculiar preservada ainda hoje, entre os espaços verde e construído" (IPHAN, 1994:16).

Durante o século XVIII a região viveu da exploração do ouro e foi considerada um dos mais importantes centros produtores de Minas Gerais, tendo atingido o seu apogeu nessa época. Mas no final do século XVIII, a Vila de São José já se encontrava em estado de decadência, devido à escassez do ouro (PELLEGRINI FILHO, 2000: 27).

Saint-Hilaire, que percorreu a área nas primeiras décadas do século XIX, assim observa o lugar:

As colinas que cercam São José, cavadas e reviradas em todos os sentidos demonstram quais eram as ocupações dos primeiros habitantes dessa vila (...). É de crer-se que este lugar foi de grande importância, para que tão perto de São João, se criasse outra vila. Hoje o metal precioso acha-se quase esgotado, tendo sido abandonado quase todas as antigas minerações" (SAINT-HILAIRE, 1974:116 citado por CAMPOS, 1988:94).

Maria Augusta do Amaral CAMPOS forneceu, através de sua dissertação, importantes subsídios para compor o quadro da morfologia urbana, além de levantar aspectos demográficos e socioeconômicos que marcaram a vila de São José do Rio das Mortes entre 1810 e 1844, que foram de grande valia para a composição de uma seqüência cronológica em que estes mesmos itens são aqui apresentados.

Cunha MATOS (apud CAMPOS, 1998:96), a vila possuía, em 1837, 760 almas⁸. Num espaço de uma década, portanto, registrou-se menos 433 pessoas. Segundo o inventário do IPHAN, a morfologia urbana da vila praticamente não sofreu alterações no decorrer do século XIX. Como suas congêneres mineiras setecentistas, caracterizou-se por um arruamento onde o casario é na beira da rua. O ideal de estética urbana, herança portuguesa, privilegiava a retitude das ruas e o traçado urbano regular. "A cidade é como uma decoração de teatro. O essencial é a aparência, a fachada. Se preocupa pouco com a decoração interna" (HARQUEL, apud CAMPOS, 1998:97).

Saint-Hilaire e outros viajantes que estiveram na vila de São José são unânimes em relatar seu estado de abandono, a ociosidade dos moradores e a presenças de prostitutas. As posturas municipais tinham uma preocupação em organizar a economia rural que se desenrolava no entorno da vila. Quando elas se referiam à organização do espaço urbano era apenas para a necessidade de controle dos costumes considerados "bárbaros", ou seja, que fugiam dos padrões civilizados europeus. Portanto, eram costumes negros ou africanos.

Em 1860, Tiradentes passou a ser considerada cidade⁹ e ganhou esse nome após a Proclamação da República, em homenagem ao mártir da Inconfidência Mineira, Joaquim José da Silva Xavier. Silva Jardim, advogado, jornalista, político e grande propagandista da república, quando passou por São José, sugeriu em um discurso que o nome da cidade fosse trocado para o do herói, em lugar de um rei português (PELLEGRINI FILHO, 2000: 35). No entanto, a troca de nome e de posição hierárquica, não retirou Tiradentes de sua profunda crise econômica, conforme atesta o quadro abaixo.

⁸ As almas referem-se apenas aos homens livres. Portanto, os escravos não possuíam almas.

⁹ "Cidade é a localidade onde está sediada a Prefeitura Municipal. É constituída pela área urbana do distrito sede e delimitada pelo perímetro urbano estabelecido por lei municipal" (IBGE, 2005:6). Cidade é um "centro populacional permanente, altamente organizado, com funções urbanas e políticas próprias (GIOVANNETTI e LACERDA, 1996:34). Ana Fani A. CARLOS (1994) deixa algumas pistas para a elaboração de um conceito sobre a cidade, que embora não formalize, compõe um quebra-cabeças que, ao final, indicam indubitavelmente a formação de uma idéia sobre a cidade: "... a cidade é a heterogeneidade entre modos de vida, formas de morar, uso dos terrenos da cidade por várias atividades econômicas" (p.22). E ainda: "A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz idéias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura" (p.26). Ver p. 81, uma análise oriunda de José Eli da VEIGA, acerca dos critérios de classificação das cidades no Brasil e em Portugal.

Tabela 1: Mendigos residentes em São José

POBRES	SEXO	ROBUSTOS	FRACOS	ARRUINADOS	TOTAL
LIVRES	M	-	-	-	-
	F	18	16	10	44
LIBERTOS	M	-	-	-	-
	F	15	17	21	53
ESCRAVOS EM DESAMPARO	M	-	-	4	4
SOMA	-	33	33	35	101

Fonte: Arquivo Público Municipal de Tiradentes, 1897, p. 51.

Nesse período, o século XIX, a cidade possuía dois acessos ou caminhos, que mostram a divisão socioespacial da época. O principal passava por trás da matriz de Santo Antônio, por onde chegavam os mantimentos e onde foi construída a igreja de Nossa Senhora da Santíssima Trindade¹⁰. Através desse acesso ainda pode se chegar a São João del Rei, como se fazia no século XIX, integrando uma parte da Estrada Real. O outro caminho, menos concorrido, localizava-se na parte baixa da cidade. Atravessava-se a Ponte de Pedra e chegava-se ao Largo das Forras, sendo este o local de comércio e parada de tropas, e de instalação da Igreja de Bom Jesus Agonizante ou dos Pobres. O próprio nome da igreja é um indicativo da camada social que freqüentava esse trecho da vila e, depois, da cidade de Tiradentes. Atualmente, o caminho "de cima", atrás da Matriz é menos usado que o de baixo (que permite o acesso à BR-265), e o Largo das Forras é uma área nobre da cidade, com altíssimo valor imobiliário. "A ocupação mais adensada dos largos das Forras, das Mercês, da Ladeira da Ss. Trindade, da rua da Praia ou Beira-Rio e da subida da Igreja de São Francisco é muito recente, posterior ao tombamento, em 1938" (IPHAN, 1997:21).

¹⁰ Livro de Atas da Câmara - 1829/1833 - Sessão de 06/07/1829. ACMT (Arquivo da Câmara Municipal de Tiradentes).

Mapa 11 - Tiradentes: principais núcleos adensadores da cidade no século XIX

Fonte: CAMPOS, 2006.

Mapa 12 - Situação urbana de Tiradentes do século XVIII até a metade do XIX.

A cidade de Tiradentes permaneceu estagnada economicamente do início do século XIX até a segunda metade do século XX. De 1816 a 1827 houve uma desvalorização de cerca de 40% dos imóveis urbanos, chegando a perder a categoria de vila em 1848 (quando esteve subordinada a São João del Rei, que já se tornara cidade desde 1838), logo recuperada em 1849.

Registra-se que muitas casas foram fechadas e que muitos habitantes da Vila de São José migraram para São João del Rei, que se desenvolvia devido ao crescimento do comércio (ARAÚJO, 2004:9).

Certo alento econômico ocorreu com a construção da Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas, criada com capital levantado junto aos habitantes influentes de São João del Rei, e que nos seus 100 km iniciais ligava Sítio, atual Antônio Carlos, à São João del Rei, passando por São José.

Tiradentes, a exemplo do que ocorreu com outras cidades brasileiras¹¹, pode ter sofrido um quê de renovação e de higienização urbanas, como sugere o relatório do IPHAN (1997:23), pois

¹¹ Tais itens de intervenção urbana podem ser encontrados nos estudos de YÁZIGI, E. (2003) sobre São Paulo e Rio de Janeiro; e de FRÚGOLI JR. (2000) sobre a capital paulista.

(...) a construção do Jardim no Largo das Forras ou a demolição do Sobrado da Rua Direita, abrindo o Largo do Sol, nos sugerem que as transformações sociais do século XIX/XX, em que a mentalidade voltada para a higienização preconizava a abertura de espaços urbanos e jardins burgueses para passeio/deleite, parecem, de alguma forma, terem sido ensaiadas em Tiradentes.

Tiradentes entrou no século XX em franca decadência. Em 1900, a cidade possuía 11 ruas e 5 praças. A população, que nos tempos abastados chegara a mais de 4000 habitantes, foi reduzida a apenas 1236 moradores em 1920.

A decadência econômica deixou seus bens culturais em total abandono: pessoas demoliram casas e os casarios estavam em ruínas, desvalorizados. Entretanto, as características arquitetônicas estavam intactas. Devido à decadência econômica, a cidade não conheceu os efeitos do progresso, causando assim a preservação de seu patrimônio histórico. Em 1938, o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) promoveu o tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico de Tiradentes (ROCHA, 1998: 31), na esteira do Movimento Modernista, que alavancou a discussão interna no Brasil a respeito da cultura nacional, da necessidade de preservação da memória e do patrimônio¹², através do trabalho de intelectuais e artistas ilustres, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira¹³ e Tarsila do Amaral. As fotos a seguir retratam essas últimas informações.

¹² Ver o item "Cultura, patrimônio e civilização", p. 77.

¹³ Manuel Bandeira redigiu o Guia de Ouro Preto em 1938.

Figura 9: Vista de Tiradentes e crianças da cidade.
Desenho de Tarsila do Amaral.

Figura 10: A visita dos modernistas a Tiradentes.

Mapa 13 - Situação urbana de Tiradentes em 1939

Fonte: FJP, 1980.

Mesmo com a interferência do SPHAN, foi lento o processo de recuperação demográfica de Tiradentes: houve um novo decréscimo registrado pelo censo de 1950, isto é, 1142 habitantes. O "abandono" de Tiradentes pode ser visto inclusive em seu casario, como mostram as fotos abaixo.

As transformações urbanas seguiram pontualmente a partir da virada do

século XIX para o XX até o tombamento pelo SPHAN: exemplares com influência da arquitetura modernista, na rua Henrique Diniz, ou a construção neocolonial do Largo das Forras, provavelmente da década de 1920, fizeram-se notar (IPHAN, 1997:24).

É perceptível, portanto, que as transformações concentraram-se não no núcleo urbano consolidado no século XVIII, mas nas suas bordas, integrando-se lentamente no núcleo setecentista.

Figura 11: Prefeitura na década de 1940.

Figura 12: o prédio da Prefeitura na atualidade

Figura 13: Rua Direita na década de 1940.

Figura 14: a atual Rua Direita

Figura 15: Largo do Ó na década de 1940.

Figura 16: o atual Largo do Ó

2.2.2. A aceleração das modificações socioespaciais com o turismo - as décadas de 1960 e 1970: o "período de transição"

Tiradentes começa a conhecer a força do turismo como atividade transformadora de seu espaço urbano a partir dos anos de 1960. Inicialmente - até a década de 1970 - de maneira tímida, que é o "período de transição" para a fase seguinte, marcada por intensas modificações socioespaciais na Tiradentes das décadas de 1980 e de 1990. Essa fase "rápida" será abordada com destaque no capítulo seguinte.

Nas décadas de 1950 e de 1960 iniciou-se a confecção de jóias artesanais, usando a prata como matéria-prima. Foi essa nova atividade econômica que fez Tiradentes se levantar novamente e superar a fase decadente. Muitos ourives da região se mudaram para o local, a produção aumentou, a demanda também, e a cidade sobreviveu com esse artesanato durante anos. Mas a concorrência aumentou, a qualidade caiu, os grandes centros urbanos começaram a industrializar os objetos e, então, novamente Tiradentes voltou à estagnação conhecida após o término da mineração (PELLEGRINI FILHO, 2000:35). Hoje, poucas lojas de artesanato de prata existem no local, enquanto apenas algumas lojas vendem artigos desse metal. A partir do censo de 1960, em decorrência de sua recuperação econômica, Tiradentes não sofre mais decréscimos populacionais como na primeira metade do século XX.

Nas décadas de 1960 e 70, Tiradentes passa a conhecer uma outra atividade econômica, essa perdurando até os atuais dias: o turismo. Pessoas começaram a visitar Tiradentes atraídos pela tranquilidade, pelo casario colonial, pelos atrativos naturais, pelo artesanato, pela culinária regional, pela simplicidade da população local e também pela história do mártir da Inconfidência Mineira. Nessa fase foi criada a Sociedade dos Amigos de Tiradentes - SAT, em 1980, com o objetivo de fazer obras de emergência no casario, para assegurar a permanência dos moradores em suas residências no núcleo histórico. Inicialmente, 30 casas foram recuperadas. Depois, em convênio com a Fundação Roberto Marinho, outras casas foram recuperadas, incluindo o Solar Ramalho, que hoje abriga a sede da própria SAT e também do IPHAN. Por isso,

A paisagem urbana é mais heterogênea quando dois períodos de desenvolvimento dinâmico são separados por um período de desenvolvimento fraco. Os estilos e as técnicas de construção opõem-se muito mais claramente. A análise dos processos de desenvolvimento explica a distribuição e a importância relativa dos diversos elementos (GEORGE, 1983:75).

A cidade passou a viver para o turismo. Foram construídos diversos hotéis, pousadas, restaurantes e lojas de artesanato.

Porém, essa já é uma outra história. A cidade passa a sofrer modificações cada vez mais intensas a partir da sedimentação do turismo. Assim, o final do século XX e a década atual acenam para uma Tiradentes que constrói seu espaço com as marcas de seu patrimônio. Essa recente faceta está registrada no próximo capítulo, pois deixa uma forte chancela nas transformações socioespaciais de Tiradentes.

2.3. O PATRIMÔNIO TURÍSTICO DE TIRADENTES

As edificações religiosas e públicas construídas desde o século XVIII, compõem o principal atrativo turístico de Tiradentes, ao mesmo tempo em que criaram o próprio arranjo espacial da cidade que, ao passar por dificuldades econômicas entre os séculos XIX e XX, teve esse mesmo patrimônio salvaguardado das transformações urbanas, criando, assim, uma cidade em que seu passado vem organizando sua vida presente, através da atração turística.

Tiradentes possui como elementos de atração turística, além do patrimônio histórico-arquitetônico, o patrimônio natural, que são áreas de visitação referentes à natureza; os eventos que ocorrem ao longo do ano; as variedades artesanais disponíveis em lojas espalhadas por toda a cidade (artigos produzidos pela comunidade local ou vindos de cidades da região); além de poder ouvir os diversos “causos”, num bate-papo com a população nativa, conhecendo um pouco mais sobre a cultura desse local.

A cidade é constantemente visitada por excursionistas (que ficam menos de 24 horas na cidade, sem pernoitar) e pessoas que permanecem dias para apreciar toda a atratividade do local e também usufruir os equipamentos e serviços turísticos.

O patrimônio histórico-cultural é o mais procurado pelos turistas, mas há quem goste de juntar a cultura com a contemplação da natureza, já que o chamado “turismo ecológico” também é uma das opções que se encontra no Município.

A importância e a atratividade do patrimônio turístico de Tiradentes foram mensuradas por Mário Jorge Pires, no livro *Lazer e Turismo Cultural*, na sua última seção, através da metodologia da "alavancagem múltipla", também utilizada no livro *Turismo cultural em Tiradentes*, em que Pires contribui com seu autor, Américo Pellegrini Filho.

Tiradentes foi classificada pelo autor como "cidade histórica", já que possui um perímetro urbano pequeno e com continuidade urbanística que remontam ao século XVIII.

A definição mais adequada, neste caso, é a de *cidade histórica*, ou seja, aquela em que a maior parte de seus distritos (ou bairros) é histórica.

Portanto, a chamada cidade histórica já se caracteriza como um conjunto e, como tal, merece atenção diferenciada (PELLEGRINI FILHO, 2000:142).

Esse reduzido espaço praticamente anulou os inibidores geográficos, isto é, qualquer tipo de entrave à circulação de turistas entre os bens históricos. Assim, a conectividade e a concentração dos recursos numa área urbana pequena, receberam pontos elevados na metodologia em questão, o que levou a cidade a obter um resultado geral, chamado *fator de ponderação*, que está ligado também aos recursos histórico-arquitetônicos, igual a 134,4, enquanto o da cidade de São Paulo, a título apenas comparativo, é de 24 (PIRES, 2001:117).

Contudo, Tiradentes possui problemas como a falta de banheiros públicos, de estacionamentos próximos dos locais de visitaço e de telefones pblicos; dentre outros. Por outro lado, possui uma gama de atraes, que vo do patrimnio natural ao cultural, e que passam agora a ser apresentadas.

Mapa 14 - Principais atratividades de Tiradentes

Fonte: Secretaria Municipal de Turismo.

2.3.1. O PATRIMÔNIO HISTÓRICO-ARQUITETÔNICO¹⁴

O patrimônio histórico de Tiradentes é tombado pelo IPHAN, como citado anteriormente, considerado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Atualmente, o local sonha com o título de Patrimônio da Humanidade, cedido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), mas, para isso, necessita estar adequado às normatizações que esta instituição impõe.

As características do conjunto arquitetônico de Tiradentes foram conservadas em moldes dos séculos XVII e XVIII, sendo feitas apenas restaurações nas fachadas e interiores de inúmeros casarios e igrejas, e ruas da cidade (ROCHA, 1998: 32).

Sabe-se que não são permitidas as fotografias com *flash* dentro de museus e igrejas (para não causar deterioração nas pinturas) e na igreja Matriz. Mesmo sem *flash*, não é permitido fotografar.

Cada monumento histórico tem seu horário e dia de funcionamento, sendo que alguns cobram entradas simbólicas (entre R\$ 0,50 e R\$ 2,00) ¹⁵, para ajudar na manutenção do local.

IGREJAS E CAPELAS

As igrejas e capelas representam os pontos de maior visitação em Tiradentes, sendo que a maioria delas foi construída no século XVIII.

As capelas não possuem torres e as sineiras são adaptadas ao corpo do lugar. É uma arquitetura nacional simples e desconhecida dos portugueses. As igrejas são também de arquitetura nacional (ROCHA, 1998: 38).

Foi possível notar durante a pesquisa de campo, que a maioria das igrejas e capelas sofreu restaurações ou estão sendo restauradas. As igrejas e capelas de Tiradentes são:

¹⁴ As informações desse item foram baseadas nos estudos de FROTA, IPHAN, NASCIMENTO, PELLEGRINI FILHO - todos indicados na bibliografia dessa dissertação.

Matriz de Santo Antônio: foi dedicada a Santo Antônio. A construção da Matriz foi iniciada em 1710, mas terminou definitivamente em 1810, com a execução da portada de pedra-sabão, projetada por Antônio Francisco da Costa Lisboa - o Aleijadinho.

A matriz está entre as cinco primeiras igrejas do Brasil com aplicações em ouro no seu interior, doado pelos donos de lavras no auge da mineração. Possui em seu interior um órgão trazido de Portugal, em 1788, que teve sua caixa pintada por Manoel Victor de Jesus.

Segundo Izaura Rocha, a Matriz de Santo Antônio é:

Exemplar ímpar da arquitetura barroca religiosa, a matriz exhibe em sua fachada o traço requintado de Aleijadinho, autor da talha da portada em pedra-sabão. (ROCHA, 1998:37).

A igreja foi tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1949.

Figura 17

Igreja Nossa Senhora do Rosário: construída em pedra cantaria pela Irmandade dos Homens Pretos, no início do povoamento do Arraial Velho (antiga Tiradentes), em 1708. Possui imagens de Santos negros: São Benedito, São Brás e São Elesbão. Em seu interior foi sepultado Manoel Vítor de Jesus (1793-1828). Igreja tombada pelo IPHAN, em 1949.

¹⁵ Tais preços vigoravam até dezembro de 2005.

Figura 18

Capela Nossa Senhora das Mercês: foi dedicada aos negros nascidos no Brasil (“pretos crioulos”), também construída no século XVIII.

Figura 19

Diz-se que Manoel Víctor de Jesus foi autor das pinturas no teto da igreja. A igreja é localizada no centro histórico, na praça das Mercês. Tombada pelo IPHAN em 1964.

Capela São Francisco de Paula: construída por volta de 1750, no alto de uma colina de onde se avista toda a cidade - o Morro de São Francisco. À frente da igreja encontra-se um cruzeiro com mais ou menos quatro metros de altura. Tombada pelo IPHAN, em 1964. A edificação da parte detrás da igreja cedeu. Por causa disso, obras de recuperação tiveram que ser realizadas.

Figura 20

Igreja de Bom Jesus Agonizante ou Bom Jesus da Pobreza: construída em meados do século XVIII, localiza-se no lado leste do largo das Forras. Uma reforma foi realizada na igreja em 1940, interferindo nas características originais da edificação.

Figura 21.

Tombada pelo IPHAN em 1964. Atualmente a igreja passa por uma reforma, levada a cabo pela Prefeitura.

Figuras 22 e 23: reformas na Igreja de Bom Jesus da Pobreza em 2005.

Igreja ou Santuário da Santíssima Trindade: construída no alto de uma colina na primeira metade do século XIX, a igreja possui em seu interior: Sala de Milagres, alojamentos, chafariz, lojas (que vendem souvenirs religiosos, folhetos,

sanitários, etc.). Acontece nela o Jubileu da Santíssima Trindade, sendo em maio ou junho, atraindo milhares de romeiros durante as comemorações. Foi tombada pelo IPHAN, em 1964.

Figura 24

Igreja de Santo Antônio do Canjica: construída no século XVIII, por volta de 1702, seu nome veio da descoberta das pepitas de ouro, que tinham o formato de grãos de canjica ou de milho.

Figura 25

Não está localizada no centro histórico, mas é bem próxima. Tombada pelo IPHAN, é considerada parte do conjunto arquitetônico e paisagístico de Tiradentes.

CASARIOS COLONIAIS

São também construções, em sua maior parte, do século XVIII, quando ainda se explorava o ouro na região. Os casarios de características arquitetônicas

preservadas, como as igrejas, sofreram algumas restaurações necessárias. O conjunto arquitetônico estava em decadência, com rachaduras nas paredes e estruturas abaladas. Então, foram necessárias as reformas, para preservar o patrimônio.

A maioria dos casarios foi transformada em hotéis, pousadas, restaurantes, lojas de artesanato e museus; poucos ainda são mantidos como residência. A população local, percebendo a valorização dos imóveis do Centro Histórico, passou a alugá-los ou vendê-los para os forasteiros e mudar-se para a periferia.

Entre os mais famosos estão:

Centro Cultural Yves Alves¹⁶: é uma instituição privada, sem fins lucrativos, instalada em lotes que correspondem a duas fachadas de casarios construídos no século XIX. Localiza-se à rua Direita.

Figura 26

Foi inaugurado em 1998, resultante do trabalho da Fundação Roberto Marinho, da SAT - Sociedade Amigos de Tiradentes - e da Prefeitura Municipal de Tiradentes - PMT (proprietária do imóvel), com o intuito de homenagear Yves Alves - falecido em 1996 - figura que deu enorme contribuição à vida sociocultural de Tiradentes. Durante a execução do projeto do Centro Cultural, a TV Globo - Minas realizou várias chamadas para os potenciais turísticos do Município, incluindo a Serra de São José.

O local é equipado de anfiteatro com ar condicionado, galeria de exposições,

¹⁶ Yves Gomes Ferreira Alves foi publicitário, e trabalhou a partir de 1968 para a TV Globo, quando conheceu Tiradentes. A partir de 1982, quando passou a diretor regional da emissora em Minas Gerais, orientou algumas filmagens de mini-séries, filmes e novelas para Tiradentes, o que contribuiu para o aquecimento do turismo na cidade. Foi estudioso e apreciador do barroco mineiro, tendo sido membro do Conselho Curador do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico - IEPHA, de Minas Gerais. Morreu em 1996. Por desejo próprio foi sepultado em Tiradentes, onde vivia. Hoje, o Centro Cultural Yves Alves é uma homenagem à sua memória (OLIVEIRA, 2004:121-122).

loja, salas de reuniões, cafeteria e bar, equipamentos e um pátio que pode ser usado para eventos.

Cada sala de realização de eventos tem um nome de figura ilustre, que marcou a história de Tiradentes: Tomás Antônio Gonzaga, Padre Toledo, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa.

Museu Padre Toledo: construção do século XVIII, onde morou de 1777 a 1789, Carlos Corrêa de Toledo e Mello, líder inconfidente na Comarca do Rio das Mortes. A casa era local de reuniões sigilosas dos conspiradores. Antes do Padre Toledo, ocupou a casa o cônego Luís Vieira da Silva (também envolvido na Inconfidência Mineira).

Figura 27

Os dois imperadores, Pedro I e Pedro II, quando passaram por São José del Rei (Tiradentes), hospedaram-se no casario.

O edifício teve função de colégio, seminário e sede da prefeitura. Em 1971 foi doado para a Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, que o restaurou e instalou um museu. Sabe-se que os escravos eram presos nos porões da casa, onde foram encontrados vestígios de senzala. Tombado pelo IPHAN em 1952.

Câmara Municipal: construída em 1717, para abrigar o Senado da Câmara de Tiradentes; já foi o Fórum da cidade. Localiza-se à rua da Câmara.

A ala direita abriga atualmente a Câmara e os serviços da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Figura 28

Prefeitura Municipal: pertenceu a dom Pedro de Almeida, conde de Assumar. Localiza-se no Largo das Forras, bem no Centro Histórico, esquina da rua Resende Costa.

É o prédio mais alto da cidade, construído em 1720. Na parte inferior funciona a Secretaria de Turismo, Cultura e Meio Ambiente, também o Correio; e na parte superior funciona a administração municipal.

Figura 29

Cadeia - Museu de Arte Sacra: construída por volta de 1730. Situa-se na rua Direita, esquina com a rua da Cadeia.

O local sofreu um incêndio em 1829, sendo restaurado em 1835, onde foi construído o Museu de Arte Sacra em 1984. Tombado pelo IPHAN, pertence à Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Figura 30

Casa Custódio Gomes ou Casa dos Cinco Sentidos: situa-se na rua Padre Toledo, 114, onde foi construída para residência. Sua decoração representa os cinco sentidos. Hoje é loja de artesanato. Está em mau estado de conservação.

Figura 31

Sobrado Ramalho - IPHAN: o sobrado é uma edificação de 450 m², com dois andares. Foi construído na primeira metade do século XVIII.

Em 12 de fevereiro de 1987, a Fundação Pró-Memória Ministério da Cultura arrematou o sobrado em um leilão. Após restaurações, passou a abrigar a Décima Terceira Coordenadoria Regional do IPHAN, a sede da Orquestra e Banda Ramalho, o Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes e a Sociedade Amigos de Tiradentes. O andar térreo é destinado à exposições de artes plásticas.

Figura 32

Centro de Estudos da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade: localiza-se à rua Padre Toledo, 158, em uma construção civil de 1719.

O Centro de Estudos foi inaugurado em 1973 e a Fundação foi criada em 1970. Em 1984 recebeu o prédio da cadeia pública como doação. O prédio foi restaurado com a orientação do IPHAN, onde foi inaugurado, em 4 de março de 1984, o Museu de Arte Sacra.

OUTROS PONTOS CULTURAIS DE VISITAÇÃO

Além dos casarios, igrejas e capelas centenários, pode-se também fazer visitas a outras construções, como:

Chafariz de São José: foi construído em 1749, com o intuito de fornecer água vinda da Mãe D'água (fonte de água, situada em suave colina). Localiza-se na rua do Chafariz - Largo do Chafariz - e pertence à Prefeitura Municipal de Tiradentes.

Figura 33

Estação Ferroviária: datada de 1881, foi construída à época da inauguração da linha da Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas, em 1878. Passou mais tarde à Rede Ferroviária Federal. Hoje o trecho restante é terceirizado.

Figuras 34 e 35

A Maria Fumaça é uma atração sobrevivente em Tiradentes. O turista pode embarcar no trem em Tiradentes e ir até São João del Rei, ou fazer o trajeto inverso.

Uma outra atração, além do passeio, é a chamada rotunda (vide fotos anteriores). Para retornar, o maquinista realiza uma tarefa manual nos trilhos, invertendo sua posição na linha férrea, engatando novamente aos vagões.

Ponte de Pedra - Ponte das Forras: essa ponte localiza-se sobre o ribeiro Santo Antônio, entre Praça das Mercês e o Largo das Forras. Datada do final do século XVIII, duas arcadas em estilo romano compõem sua arquitetura.

Figura 36

Matadouro Público: situa-se à rua Custódio Gomes, ao lado da Rodoviária e próximo ao Alto São Francisco. Foi construído em 1831, para que a população da Vila de São José tivesse carne bovina.

Atualmente encontra-se desativado, pois os animais estão sendo abatidos

em Santa Cruz de Minas. Ainda não há nenhum projeto de restauração, nem de utilização do espaço. Encontra-se em precárias condições, desde o tombamento pelo município. Fala-se em restauração, mas nada está sendo feito.

Várias pessoas da comunidade dão sugestões para o local tornar-se um horto florestal, local para feira de artesanato, centro de comercialização de produtos hortigranjeiros, mercado municipal, etc.

2.3.2. O PATRIMÔNIO NATURAL

Além do turismo cultural que Tiradentes oferece, existem também opções para os adeptos à natureza. O turista pode realizar o turismo ecocultural em Tiradentes, juntando a atratividade histórica à ecológica, realizando atividades de forma responsável e promovendo a preservação do Patrimônio Turístico - o chamado “Turismo Sustentável”.

As principais atrações naturais são:

Serra de São José: possui cerca de 15 quilômetros quadrados em sua forma geral alongada, 500 metros em sua maior largura e cerca de 1100 metros de altitude. Possui grande biodiversidade na flora. Em seu meio há formações de cerrado e, em seus pontos mais altos, registram-se campos rupestres.

Figura 37

Os turistas têm a opção de chegar até o início da subida da Serra de charrete, ou a cavalo, e seguir o restante a pé, ou fazer todo o trajeto a cavalo.

Foi declarada Área de Proteção Ambiental - APA - pelo decreto 30.934/90 e acrescentada à Reserva da Biosfera em 1993.

Mãe-D'água ou Bosque da Mãe-D'água: é uma trilha com mais ou menos 1 Km, onde foi implantado um aqueduto que coleta água de uma nascente, levando-a até o Chafariz. No tempo de escravidão, abastecia toda a cidade e ainda hoje funciona perfeitamente.

Localiza-se ao final da rua da Câmara, passando-se por uma ponte e percorrendo um trecho da rua Francisco Cândido Barbosa. O bosque espalha-se por detrás e à direita do Chafariz.

Figura 38

Trilhas da Inconfidência: abrange os municípios de Tiradentes, Santa Cruz de Minas, São João del Rei, parte de Lagoa Dourada, Prados, Coronel Xavier Chaves e Resende Costa. Esta trilha foi idealizada dentro do projeto Estrada Real, discutida em uma reunião realizada em 1998, por empresários e funcionários públicos dos Campos das Vertentes. A trilha abrange um roteiro cultural, ecológico e rural, passando por cada município.

Percebe-se que este projeto não está envolvendo a participação das populações locais. Ao longo da trilha, com certeza passa-se por povoados, onde poderiam envolver os moradores, contando a história local, mostrando sua cultura. No pensamento de Américo PELLEGINI FILHO:

Trata-se de iniciativa oportuna, rara no Brasil, que permitirá o entrosamento das atividades dos municípios que atendam a interesses locais e turísticos, além de criar experiência no contexto de turismo ecocultural (2000: 47).

Poço da Canjica: localizado na rua Francisco Pereira de Moraes, perto da Igreja de Santo Antônio da Canjica. Trata-se de um poço que se aciona manualmente, situado em uma nascente. A água forma um riacho, desaguando na Lagoa do Canjica.

Cachoeira do Mangue: formada por três quedas d'água que se situam na parte inferior da Serra de São José, tem aproximadamente 60 metros de altura e forma piscinas naturais que permitem a natação. O mangue, com aproximadamente 1000 metros, é permanentemente alagado devido à nascente próxima.

Figura 39

Balneário de Águas Santas: o local faz parte da APA de São José. As águas do local têm supostamente capacidade de cura, daí veio o seu nome. Constantemente são jorradadas águas oligominerais (com poucos minerais) radioativas com temperatura entre 21° e 28° C, podendo-se usar no tratamento de doenças como: eczema, distúrbios renais, alergias, artrite, entre outras.

Foi construída uma capela no local no princípio do século XX. Existem

equipamentos de lazer para os turistas que visitam o balneário (quadras para jogos, duchas, vestiários, piscina, etc.).

Beco da Matriz: por todo o Beco se encontra vegetação, que passa aos fundos de inúmeras propriedades. Possui cerca 4 metros de largura e 300 metros de comprimento. Localiza-se na parte alta da cidade, iniciando no lado esquerdo da igreja São João Evangelista, seguindo em direção à Matriz de Santo Antônio, passando-se próximo à parte posterior dela e chegando à rua da Santíssima Trindade.

Pôde ser percebido, em conversa com a população local, que a maioria dos lugares de visitação, principalmente culturais, não são visitadas constantemente pelos moradores, que freqüentam as igrejas para assistirem as missas, ou quando são realizados eventos religiosos. A população, de um modo geral, não tem tempo para praticar o turismo, pois trabalha de segunda a segunda para atender aos turistas que regularmente visitam a cidade.

2.3.3. ARTESANATO REGIONAL

O artesanato de Tiradentes é bem diversificado, cuja população produz inúmeros produtos e muitos sobrevivem desta arte.

Como já citado, após o término das reservas auríferas, Tiradentes passou a produzir jóias de prata, em meados do século XIX, e viveu durante décadas dessa atividade. O primeiro a começar a produzir este artesanato foi Francisco Barbosa. Mas com o aumento da concorrência, essa arte foi deixada de lado para atender ao turismo.

São poucas lojas que vendem artigos de prata. São vendidos no mesmo local que também dispõe de objetos de cobre, bronze e ferro. A cerâmica, a madeira, o crochê, a pedra-sabão, entre outros, são facilmente encontrados nas dezenas de lojas de artesanato, espalhadas pela cidade.

Situado no largo das Forras, presidido por Agostino dos Santos Filho, está uma loja de artesanato, com o nome de Associação dos Artesãos de Tiradentes

(AART). No local encontram-se variedades artesanais de muitos artesãos de Tiradentes e região.

Os artesãos, para deixarem seus artigos à venda no local, pagam uma taxa de adesão à Associação, além de uma mensalidade no valor de 4 reais. Depois da venda do seu produto, é descontado 15 % (por cento) do valor cobrado. Esses valores são cobrados para a manutenção do local. O estabelecimento foi cedido pela Prefeitura, para dar mais oportunidades e divulgação ao artesanato local e regional.

A Associação está com um projeto chamado APEX, em parceria com a Central Mão de Minas e do Instituto Centro Cape. Este projeto destina-se a exportação do artesanato mineiro em metal e madeira, incluindo o de Tiradentes.

Com o recurso obtido através dos artesãos, a Associação investe em cursos de capacitação da mão-de-obra local. A população produz os artesanatos, mediante técnicas aprendidas nos cursos.

Alguns exemplos de artesanatos, que estão disponíveis em Tiradentes, são fabricados pela população local ou são oriundos de inúmeras cidades da região, como Prados (flores de palha de milho e objetos de madeira), Ouro Preto (pedra-sabão) e São João del Rei (miniaturas, taças etc., tudo em metal). As produções artesanais encontradas em Tiradentes são marcadas pela simplicidade e o consumidor típico - quase exclusivo - é o turista, para quem são criadas as peças artesanais (PELLEGRINI FILHO, 2000:89-90). A única cidade da América Latina a produzir artesanato em estanho, inclusive com a reprodução de peças dos séculos XVIII e XIX, empregando pouco mais de 300 pessoas, é São João del Rei, segundo dados da Prefeitura Municipal.

Vejamos a seguir, alguns artigos fabricados e/ou vendidos em Tiradentes:

Madeira:

- Objetos e móveis: cadeiras, cofres, estojos, castiçais, cama, cômoda, cadeiras, baús etc.;
- Esculturas: querubins, imagens de santos, anjos, altares de igreja etc.

Metais:

- Bronze e estanho: imagens religiosas, porta-retratos, miniaturas de animais, castiçais, luminárias etc. ;

- Ferro: miniatura de animais que representam sorte, paz, amizade, força, entre outros; também lampiões etc.

Cerâmica:

- painéis, panelas, xícaras, copos, travessas, carro de bois, automóveis, trenzinhos, flores etc.

Crochê - Teares:

tapetes, toalhas de mesa, colchas de cama, etc.

2.3.4. ARTES E CULINÁRIA LOCAL

A pintura é encontrada em diversos locais em Tiradentes. Muitos artistas passaram pelo local e fizeram trabalhos nas igrejas, nos casarios, etc. Mas também há figuras da população local que se dedicam à arte de pintura em objetos, como: pedra-sabão, latões de leite, móveis, potes de barro, dentre outros.

A culinária de Tiradentes é tipicamente mineira. Tendo como trivial o arroz, o feijão, a carne de porco ou boi, a farinha de mandioca, o fubá, e legumes e verduras diversos. Com toda essa variedade de ingredientes, o mineiro, desde a época da colonização, prepara pratos juntando um pouco de cada opção e fazendo acompanhamentos apreciados nacionalmente.

A culinária mineira foi criada para atender aos tropeiros que cruzavam a região. É valorizada pela sua originalidade, pois sofreu pouca influência externa.

Dentre os famosos pratos estão (PELLEGRINI FILHO, 2000: 68-84) ¹⁷:

Pratos Salgados: Queijo Minas; Feijão tropeiro; Arroz Carreteiro; Frango a molho pardo; Frango com quiabo; Frango caipira; Rabada; Tutu à mineira; Vaca atolada, etc.

¹⁷ Nesse livro é possível encontrar as receitas, na íntegra, entre as páginas 68 e 85.

Pratos Doces: Doce de abóbora; Doce de laranja; Doce de figo; Doce de mamão; Biscoito de fubá; Biscoito de nata; Broa; Arroz doce, etc.

2.3.5. FOLCLORE LOCAL

Em Tiradentes existem diversas manifestações folclóricas, mas ao longo dos anos, com a influência do turismo, estão sendo modificadas, como por exemplo, o Carnaval e a Semana Santa, que serão abordados posteriormente.

Das manifestações existentes em Tiradentes, pode-se citar:

Folia de Reis: formada por grupos que visitam as casas das pessoas, fazendo cantorias religiosas, no período do ciclo de Natal. O dia de Reis é comemorado em 6 de janeiro, quando termina o ciclo.

Pastorinhas: grupo de meninas e meninos que se vestem de pastoras e pastores, também no ciclo de Natal. Saem às ruas cantarolando na porta das casas. O grupo é regido por Ana de Meneses, desde a década de 1990.

Figura 40

Carnaval: o evento sempre foi realizado com a saída de blocos e bandas típicas nas ruas. Hoje executa-se a música mecânica em palcos armados na praça principal, o Largo das Forras, com caixas de som, e os carros de turistas, tocando "música baiana", funck, etc.

Figura 41: turistas na rua dos Inconfidentes

O Carnaval foi sendo modificado ao longo dos anos, pois pessoas de outras localidades foram levando os seus estilos de música e de carnaval para a cidade. Um jovem morador relatou que:

Quando reclamamos do atual estilo do Carnaval, o Prefeito todo ano dá desculpa que não conseguiu contatar nenhuma banda tradicional de Carnaval. Por isso monta um palco na praça para não deixar de ter alguma coisa. Mas isso ele faz para agradar os turistas! (22 de outubro de 2003).

Figura 42: turistas urinando no muro da Igreja de Bom Jesus da Pobreza - Carnaval, 2000.

O Carnaval em Tiradentes vem trazendo outras preocupações aos moradores, no que se refere aos pequenos roubos, mas sobretudo pela falta de

banheiros públicos durante o evento, o que induz a população a urinar em plena rua; além da evidente manutenção da imagem da cidade (leia-se patrimônio arquitetônico) num momento de grande atração de turistas, em que uma parte do núcleo histórico fica fechada ao trânsito de veículos automotores. A falta de sanitários públicos é um dos evidentes problemas existentes no Carnaval de Tiradentes.

Mapa 15 - O Centro Histórico de Tiradentes para o Carnaval de 2003

Folheto do Carnaval de 2003, distribuído aos turistas pela Prefeitura Municipal de Tiradentes.

Semana Santa: apresenta atrativos religiosos, como encenação na sexta-feira, da Crucificação e Descendimento da Cruz, de Jesus Cristo, na frente da matriz, e logo em seguida a Procissão do Enterro. É um evento realizado com muita seriedade e respeito. O vigário e sacerdotes estão sempre presentes e pessoas da comunidade tiradentina representam as figuras bíblicas: Jacó, Moisés, Simeão, Isaías, José, apóstolos (principalmente João Evangelista), Maria, Verônica, Nicodemos, José de Arimatéia, Maria Madalena, Pilatos, entre tantas outras figuras.

A Banda Ramalho e o Coral de Senhoras Tiradentinas cantam durante toda

a celebração.

Oswaldo GIOVANNINI JR. (2001: 149) citou a Semana Santa como um dos eventos mais importante do calendário de Tiradentes, concentrando o maior número de turistas. Fazendo uma análise sobre as relações entre comunidade local e turista, durante a realização de eventos religiosos, ele relatou:

O nativo de Tiradentes tipicamente professa uma religiosidade tradicional, depositando em igrejas, santos e procissões um significado de caráter absoluto, sagrado. O turista, geralmente originário de cidades grandes, possui razoável poder aquisitivo, vem com certo nível intelectual, e viaja até esses lugares principalmente pelo seu valor histórico e cultural. Assim, surge uma realidade em que símbolos de devoção religiosa podem adquirir outro sentido, o de patrimônio cultural (GIOVANNINI JR., 2001: 153).

O autor argumenta que os eventos religiosos, para alguns turistas, representam uma maneira de adquirir cultura, em que podem conhecer o sagrado através da religião de uma comunidade, mas também pode acontecer o inverso. A motivação faz com que a religiosidade se transforme em atração turística, em função do interesse ser apenas histórico-cultural e não sagrado:

O turismo seguiria a tendência da secularização, focalizando especialmente os rituais como espetáculos, apresentando os eventos como momentos e espaços dessacralizados, ou apela para a fé a importância do sagrado, tendo de fato uma experiência religiosa?

Dizem que a história e religiosidade espreitam o visitante em cada canto; de fato, mas o que garante a condição material de sua expressão são objetos de alcance artístico. Desde a pintura e a escultura barrocas e o rococó das igrejas até as cerimônias religiosas, tudo tem a forma de arte. Fé, emoção estética e razão são colocadas em relação - mito, história e arte são elementos, não só presentes, mas definidores de templos e atos litúrgicos. É na articulação e no diálogo entre o conteúdo mítico, uma interpretação racional e uma experimentação estética, que o conjunto simbólico em questão - culto, imagens, templos - ganha densidade e sentido para turistas e nativo (GIOVANNINI JR., 2001: 155).

Neste contexto, pode-se enquadrar a Semana Santa e as festas em

homenagens a santos, de Tiradentes, no pensamento de Giovannini Jr., pois muitos turistas vão para a cidade buscando adquirir cultura através da arquitetura local e das cerimônias religiosas.

O turista tem o poder de transformar as tradições folclóricas em atrações que fazem parte dos próprios desejos: um exemplo dessa transformação, em Tiradentes, é o Carnaval atual. Alguns moradores não souberam explicar o motivo de as Pastorinhas e da Folia de Reis não terem saído às ruas em todos os natais nos últimos cinco anos, mas acreditam que o interesse das pessoas por este tipo de folclore esteja desaparecendo com o tempo.

Figura 43: o Descendimento da Cruz, durante a Semana Santa de 1999.

Figura 44: os centuriões romanos na Procissão do Enterro (Semana Santa, 1999)

Teatros e grupos musicais: grupos musicais externos e um teatro de bonecos, vez ou outra apresentam em igrejas e na praça, para turistas. Este teatro de bonecos é representado por um grupo de pessoas que veio de Belo Horizonte, há

cerca de 13 anos, para trabalhar com o turismo.

O mais tradicional grupo musical da cidade é Banda Ramalho, cuja sede está no Sobrado Ramalho, situado na rua da Câmara.

Figuras 45 e 46: o Sobrado dos Ramalho e a rua da Câmara, onde este está localizado.

Nota-se que, com o tempo, as características folclóricas de Tiradentes estão se perdendo. É provável que o turismo tenha influência nisso.

2.3.6. EVENTOS

Tiradentes possui um calendário fixo ao longo do ano, beneficiando-se de eventos tradicionais e comuns em várias cidades, como a Semana Santa e o Carnaval, e de eventos que distinguem a cidade das demais, como a Mostra de Cinema, embora não seja um tema exclusivo de Tiradentes, mas que lhe confere um panorama próprio, atraindo um público voltado para atividades religiosas, culturais ou de lazer, e uma misto de parte ou de todas elas.

Também, esporadicamente, são realizados outros tipos de eventos, como um encontro de pessoas que dedicam o seu tempo a palavras cruzadas. Dona Lúcia Maria cedeu o salão de sua pousada, a Mãe D'água, para realização deste.

Veja a seguir a tabela 2, que contém o calendário fixo de eventos de Tiradentes. A programação refere-se ao ano de 2005, fornecida pela Secretaria Municipal de Turismo - SMT.

Tabela 2: Programação turística de Tiradentes - 2005

MESES	EVENTOS
Janeiro	VIII Mostra de Cinema
Fevereiro	Carnaval
Março / Abril	Semana Santa
Abril	Semana da Inconfidência (ponto alto de comemoração, no dia 21)
Junho	XIII Festival Harley-Davidson (último final de semana) - Festa da Santíssima Trindade
Julho	Festival de Inverno (última Quinzena)
Agosto	Festival de Gastronomia
Setembro	Festa do Bom Jesus da Pobreza (dia 14) Festa de Nossa Senhora das Mercês (dia 24)
Outubro	Festival de Cavalos Campolina (data móvel)
Dezembro	Festas de Natal

Fonte: Secretaria Municipal de Turismo.

Em todos os eventos a cidade fica cheia, chegando até a ultrapassar os limites de saturação. A infra-estrutura local ainda é insuficiente.

Atualmente, os eventos mais demandados e famosos são o Festival de Gastronomia e Cultura, o Festival de Cinema e o Carnaval. São estes os responsáveis pela guinada do turismo em Tiradentes, como citado anteriormente.

O Festival de Gastronomia exclui, quase que totalmente, a participação dos moradores, pois é um evento caro, destinado ao público de alto poder aquisitivo. Geralmente os tiradentinos trabalham no evento. Segundo o responsável pelo evento à época, Ralph Justino:

O Festival de Gastronomia é destinado aos turistas de alto poder aquisitivo. Ele foi criado com essa intenção, de modificar o público de Tiradentes. Então, geralmente eles não podem pagar, mas podem demonstrar sua arte culinária.

Não pensamos, só na cultura local nesse momento e sim no benefício que o evento pode trazer.

Algumas cozinheiras de Tiradentes participaram do evento, demonstraram sua culinária na praça. Todo ano vai ter esse tipo de participação. Assim, valorizamos a culinária local (23 de outubro de 2003).

Um evento que também dá um bom público, cerca de 7.000 pessoas, é o

Festival de Motos Harley-Davidson. Alguns moradores não gostam desse encontro porque geralmente os motoqueiros não trazem recursos econômicos para a cidade e o barulho das motos incomoda demais. Esse evento ocasiona um contraste de cultura bem visível: Tiradentes é uma cidade de características históricas e os participantes desse evento são motoqueiros que usam roupas de couro; andam pelas cidades acelerando suas motos antigas, mas não históricas.

2.4. O TURISMO COMO NECESSIDADE CRIADA: A NOVA FUNÇÃO DE TIRADENTES

A ocorrência do fenômeno turístico, inscrito nas conjunturas atuais de globalização e modernização incompleta, vem desencadeando uma série de abordagens nas mais diversas áreas do conhecimento. Seja pelas rápidas alterações imprimidas aos destinos turísticos, ou mesmo pelas prospeções feitas em função dos efeitos econômicos, o fato é que entender o contexto no qual o turismo vem se solidificando é importante nas diferentes abordagens feitas sobre tal fenômeno.

A exploração turística acontece praticamente em todos os lugares do planeta e dentre os itens cruciais nas considerações sobre o tema na contemporaneidade, destaca-se que, como indutores às viagens turísticas, existem motivos inerentes à sociedade global e capitalista, como também existe a eminente busca pelo contato com o outro, aquele (e também aquilo) que é desconhecido (“outro”, do latim *alter*, aquilo que falta).

A partir do século XIX, o turismo passou a ser a forma mais procurada de lazer e, na atualidade, fazer turismo tornou-se uma aspiração de todos os incluídos na sociedade global de consumo. RODRIGUES (2001:22) afirma que “(...) emerge a ‘indústria’ do lazer e do turismo, que erige a viagem como a única forma de livrar-se das neuroses urbanas, do cotidiano constrangedor das cidades”. Tal ideologia aportaria no Brasil dos anos 60 do século XX, período em que o país deixava de ser rural para ser urbano e, conseqüentemente, assumir-se “moderno”.

Nesse sentido, BENI afirma que, para o homem contemporâneo, o descanso é uma necessidade, e sair da cidade “(...) é a oportunidade de encontrar a si mesmo, seu semelhante e a natureza” (2001:77). Ele aponta que a necessidade de sair da cidade está vinculada ao fato desta estar cada vez mais desumanizada.

Sendo assim, a globalização, no sentido de proporcionar mais facilidades nos sistemas de comunicação e de informação, atua tanto como indutora às “neuroses urbanas”, quanto como a “salvadora”, a válvula de escape frente a tamanhos problemas.

A busca por conhecimento e cultura também pode ser somada aos fatores

que impulsionam a prática do turismo. Pode-se, assim, falar no turismo associado a atividades culturais em cidades históricas, como ocorre em Diamantina, Ouro Preto e Tiradentes. Cidades como essas

Apresentam uma realidade sociocultural muito peculiar, que proporciona a viajantes, nativos e pesquisadores uma experiência cultural especial, na qual interagem várias formas de perceber o mundo e as relações humanas (GIOVANNINI JR., 2001:149).

Pedro P. GEIGER afirma que o turismo não pode ser imputado tão somente à sua vertente econômica, e que o turista pode ter manifestações internas (micropolítica) e também externas (macropolítica). Assim, pode ocorrer o desejo de vivência do espaço e de uma busca por conhecimentos a ele associados: “uma prática sobre a contradição dialética entre o ‘aqui e agora’ e a ‘totalidade e o sempre’, da continuidade e descontinuidade, através da mobilidade no espaço” (In: RODRIGUES, 2001:57-58).

As diferentes abordagens dadas ao turismo são compreensíveis, levando-se em consideração que ele pode ser pensado como uma experiência pessoal e cultural, como um fenômeno social e espacial, ou mesmo como uma atividade econômica, dentre outras possibilidades de se classificar o turismo como uma manifestação contemporânea.

Os empresários do turismo e os gestores públicos de cidades turísticas, por exemplo, criam imagens comercializadas e padronizadas, uma espécie de *trade mark* da cidade, pelas quais elas são conhecidas. Algo que estiver fora disso e puder ser percebido pelo turista poderá atrapalhar a hedonização que as viagens ganharam na atualidade. Afinal, não foi com a imagem de cidade maravilhosa, com suas várias garotas de Ipanema (aliás, o bairro foi tombado recentemente, em 2003) que o Rio de Janeiro, assim como Natal e Fortaleza, mas tornaram-se símbolos do que podemos chamar de “cidades-prazer”, e que aproximaram o Brasil da rota do turismo sexual?

OLIVEIRA JR. (In: PONTUSCKA e OLIVEIRA, 2002:353) apresenta em seu artigo questionamentos sobre a fidedignidade das imagens que são passadas pela

mídia (TV e cinema), e como elas influenciam na formação de uma idéia que construímos sobre um determinado espaço geográfico. Reflete e questiona como nós, professores, faremos/estamos fazendo a ligação entre os mundos real e virtual com que lidamos para o ensino de geografia. Citando o exemplo de alguém fora dessa ciência, Diogo Mainardi escreveu na revista *Veja* (1999:163) sobre o descontentamento que teve com sua viagem para o Marrocos, alegando que sua falta de conhecimento sobre o lugar conduziu-o a ter idéias diversas daquelas que antecederam suas novas descobertas. Algumas de suas frases são bastante representativas:

Não sabia a diferença entre um berbere, um beduíno e um tuaregue. Não sabia que no Marrocos nevava, tanto que peguei o maldito resfriado (...). Não dá para aproveitar um lugar sem conhecer história, geografia, filosofia, antropologia, arte, literatura.

O papel da mídia é o de divulgar os locais turísticos, mesmo que isso não contribua para um conhecimento real do lugar. Geralmente o turista é atraído por aquilo que lhe parece novo, desconhecido e exótico. Essa experiência da experimentação de um novo lugar é carregada de sensações prazerosas. Jaques WAINBERG (In: CASTROGIOVANNI, 2000:13) aborda essas questões acerca do contato do turista com as cidades:

A semiótica do ambiente urbano nos ensina que a cidade deve ser vista como uma escritura, uma fala a ser interpretada pelo transeunte. Trata-se de um enigma a ser desvendado pela exploração. A percepção é estimulada pelo estranhamento causado por sua arquitetura, vias, limites, bairros, pontos nodais, marcos, avenidas, cafés e bares. É uma obra de arte viva, e seus atores móveis são os seus habitantes. Há cores e odores. Hábitos e costumes. História e memória. No campo estranho, todo detalhe é relevante na composição do todo.

Entretanto, uma viagem poderá trazer efeitos dramáticos se houver uma diferença entre aquela imagem que foi “vendida” e se alocou no imaginário do turista

e uma realidade distante, distinta. É claro que o padrão cultural do turista poderá levá-lo a ter maior ou menor satisfação com o local visitado¹⁸.

Buscar esse turista de maior nível cultural, e também socioeconômico, transformou-se numa característica do poder público de Tiradentes a partir de 1997, sobretudo sob a tutela do Secretário de Turismo Ralph Justino, que exerceu o cargo até o final de 2004.

Segundo F. Sánchez, citada por TADINI JR. (2005:20), o *citymarketing*, ou *marketing* de cidades, é muito mais do que um procedimento específico para ser aplicado em situações particulares. É mais do que qualquer outro instrumento disponível nas novas políticas urbanas. A emergência e a ascensão do *marketing* na esfera das políticas urbanas na virada do século, indica também o surgimento de uma nova ideologia do planejamento e ação, uma nova visão de mundo que se impõe na orientação dessas políticas. A década de 90 é um marco temporal na idéia que hoje relaciona-se com as cidades turísticas como “cidades-mercadoria”.

Apesar de toda uma preocupação com a captação de recursos que norteia tais políticas de mercado, o Plano Nacional do Turismo (2003:18) revela em seu diagnósticos que no Brasil há uma deficiência crônica na gestão e operacionalização de toda a infra-estrutura básica (transportes, energia, saneamento e água) e turística.

A estratégia da referida administração de Tiradentes concentrou-se sobre a criação de eventos, como a Mostra de Cinema e o Festival Gastronômico, ambos iniciados em 1998. A idéia era tornar a cidade independente da demanda turística oriunda de São João del Rei, já que Tiradentes entrava na programação de sua cidade vizinha apenas como um item a mais e facilitado pela curta distância, apenas 14 km, com a opção de ser percorrida pela velha maria-fumaça, a mais antiga em atividade em toda a região.

Além dos eventos, a cidade foi promovida nas diversas mídias, sobretudo pela sua utilização como “cenário” para produções da TV Globo (que já investiu na recuperação de casarios da cidade através da Fundação Roberto Marinho), além de

¹⁸ Parte das considerações feitas até aqui no item 2.4 são oriundas de CAMPOS, 2004:42-45.

filmes, como o Menino Maluquinho¹⁹. A promoção através de revistas especializadas em turismo, *folders*, *sites* e divulgação da cidade em palestras e fóruns que discutem o turismo em cidades históricas, acrescentaram “visibilidade” a Tiradentes. De acordo com o levantamento de TADINI JR. (2005:99) junto à Secretaria de Turismo de Tiradentes, no final de 2004, há uma tendência de a cidade não mais ser representada e participar de feiras e exposições, já que a “marca Tiradentes” foi considerada satisfatoriamente conhecida.

Ampliando as estratégias de mercado vigentes até recentemente, surge o “turismo virtual”, descartando a antiga “obrigatoriedade” de uma experiência direta, palpável, cinestésica com o lugar. RODRIGUES (2001:33) referenda o que foi exposto, relatando que existem locais de visitaçaõ meramente virtuais, como a igreja Cluny, em Paris, que foi destruída há mais de duzentos anos, mas que reaparece agora graças ao trabalho do arquiteto K. Conant. Segundo CAMPOS (2004:45), a criação dessa nova “modalidade de realidade” coloca em xeque nossa capacidade de interação com a sensação, com o olhar. Os signos culturais são criados dessa interatividade. Com a criação de espaços virtuais, os *ciberespaços*, teremos pela frente uma nova forma de se empreender a análise espacial?

FERRARA (In: YÁZIGI, CARLOS e CRUZ, 2002:16) alimenta essa discussão. Vejamos:

(...) o tempo e o espaço (...) precisam ser revistos e reinventados a fim de recuperar a eficiência epistemológica que lhes permitirá interpretar um cotidiano mais virtual do que real e, com ele, a cultura que edifica e os novos valores e signos daí decorrentes. Uma nova cultura, outra linguagem, outro plano simbólico.

Não se trata de maniqueísmo acerca dos efeitos da globalização e da mundialização, como salienta LÉVY(2003), mas que sirva de norte para que as ciências tributárias à compreensão da relação entre turismo e espaço, possam decifrar a importância do turismo na formação atual de nossa sociedade.

¹⁹ Em 2005, a cidade foi usada para as filmagens da novela "Essas mulheres", da TV Record, baseada na obra de José de Alencar.

Pode-se dizer que a apropriação do espaço para o turismo, logo com o seu uso e consumo, insere discussões relevantes e esclarecedoras, pois podem contrariar a idéia contida nas imagens positivas de lugares selecionados para o consumo turístico. Assim,

Muitas vezes o *citymarketing* cria uma imagem que não corresponde à realidade da cidade, produzindo simulacros e cenários que a tornam desvinculada do cotidiano daqueles que habitam a mesma, uma característica que muitas vezes, no turismo, se imprime a partir de ações do poder público, como dos empreendedores do setor turístico (SANTOS:2004).

Nesse sentido, trata-se de ressaltar algumas implicações promovidas pelo processo de turistificação, mas não de afirmar que as idéias contidas nessas imagens sejam falseadas ou convertidas, embora permita aludir sobre a omissão de outros aspectos relativos ao espaço urbano e sua relação com o turismo.

2.5. PATRIMÔNIO, CULTURA E CIVILIZAÇÃO

Quando observamos uma certa paisagem, estamos diante da afirmação de diferentes sociedades, com técnicas também diferentes, que caracterizam, assim, períodos históricos, que podem ser identificados através destes fatores abordados (história e técnica). É por isso que os elementos do espaço atual que compõem a paisagem “contam” a sua história. Nesse sentido, Milton SANTOS (1985:49) deixou a conceituação consagrada de paisagem como o resultado do acúmulo de tempos. Como é de domínio público, sabe-se que Tiradentes é uma cidade “histórica”²⁰, o que lhe imputa o sentido de agrupar diferentes cronologias que ordenaram seu território, o que faz, a um só tempo, com que sua forma - com bens histórico-arquitetônicos - também se converta em sua função: o turismo.

É justamente esse aspecto visível de que se reveste a forma que faz da paisagem um precioso elemento de consumo impetrado pela atividade turística. Numa análise que se aproxima desta, Adyr B. RODRIGUES (2001:72) interpreta que a paisagem “(...) corresponde à representação artístico-pictórica do mundo visível da cultura, desde o século XV”. Tal período, na verdade com mais veemência a partir do século XVI – marcado pela busca insana de ouro e prata da etapa do famigerado Capitalismo Comercial – foi responsável não só pelo surgimento de Tiradentes, como também de outras cidades históricas, além de ter dado feição arquitetônica a tais localidades, criando, atualmente, diacronicamente, paisagens urbanas tão fascinantes, com estilos de épocas diferentes, concentradas num pequeno espaço intra-urbano. Não por acaso, fascínio e exotismo estão indissociados do turismo, que pode trazer mudanças nessas mesmas paisagens, sujeitas à evolução.

É Eduardo YÁZIGI (2003:32) o responsável por lembrar que o radical da palavra civilização indica *processo*, endossando a idéia já arrolada de que a paisagem é formada por um acúmulo de tempo e, logo, também, ela é processual. A consecução dessa continuidade é oriunda de inter-relações locais e externas que compõem as redes que fazem a conexão no interior das cidades e entre elas, compondo a categoria de análise espacial que Milton SANTOS (1985) denominou de

²⁰ Segundo a Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, UNESCO, 1972, Tiradentes enquadra-se como uma “cidade histórica viva”, ou seja, possui uma função atual, mas sem perder vestígios significativos de antigas civilizações (SILVA, 2003:89).

processo. Para Fernand Braudel, citado por YÁZIGI (2003:29), as civilizações são espaços geográficos, considerando as terras, os animais, as vegetações “(...) e tudo o que daí decorre para o homem: agricultura, criação, alimentos, habitações, vestuários, comunicações, indústrias”. Segundo Braudel, civilização e sociedade são conceitos que se fundem, sendo que as cidades são uma exterioridade fundamental no processo de afirmação da sociedade. Por isso, cultura e civilização também são encaradas como sinônimos, possuindo, inclusive, uma origem etimológica comum: a partir de “(...) *civis* (cidadão, em latim), estendendo-se para *civilidade*, *civismo*, *cidade* e *civilização*”, ensina YÁZIGI (2003:27).

A ligação de tudo isso com o turismo pode ser observada através de certas modalidades de consumo, dentre as quais destaco duas:

- a primeira se atém ao consumo daquilo que se torna uma espécie de simbolismo do local, ou seja, sua “marca registrada”, como, por exemplo, o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, ou a Matriz de Santo Antônio, para o caso de Tiradentes. Tal modalidade de consumo agrupa duas idéias anteriores: a da paisagem, que consagra aquilo que podemos observar, visualizar. Por isso, as imagens são tão valorizadas no turismo: vendem-se filmes fotográficos e postais; empresas e governos produzem *folders* e propagandas na mídia. A segunda idéia é rebocada pelo fascínio que a produção cultural da humanidade é capaz de imputar. Nesse sentido, o turismo conhecido como “cultural” atrai pessoas com potencial econômico grande e comumente interessadas em “descobrir” o que uma determinada sociedade (civilização) produziu (de cultura), numa certa época, como a que caracteriza o Barroco em Tiradentes;

a segunda modalidade refere-se ao ávido consumo daquilo que é exótico, confluindo (como ocorre com o chamado “turismo ecológico”), para uma “aproximação” da natureza, perceptível na recente procura pelos *lodges* da Amazônia brasileira, para ficar em apenas um exemplo.

No entanto, essas modalidades de consumo podem criar uma alteração contínua em aspectos sociais e naturais, simultânea e continuamente, conforme

indicou Milton SANTOS (1985:51), já citado e analisado anteriormente, contribuindo para um processo de modificação do espaço geográfico. Desse modo, o patrimônio turístico transformou-se em algo cambiável e lucrativo, assim como os períodos de lazer, o que faz da proteção do patrimônio não só uma ação que procura salvaguardar as obras culturais de uma época e sociedade, mas também uma garantia de continuidade dos lucros e dos ganhos a perder de vista.

Ulpiano de MENESES (In: YÁZIGI, CARLOS e CRUZ, 2002:88-99) estabelece uma relação entre cultura e o seu uso. Para isso, identificou quatro características que norteiam a idéia de cultura: 1) a cultura é uma *opção humana*, derivada dos valores e atribuições; 2) tais opções revelam que há uma identificação com determinados valores, indicando que a cultura é fruto da aceitação e que, logo, cria um *conflito*; 3) o valor cultural não está nas coisas, mas é produzido nas relações sociais, levando a uma *fetichização* de objetos culturais; 4) a cultura corresponde a uma *necessidade*, ligada à totalidade das experiências sociais e não apenas a um restrito mundo de significações. A partir disso, Ulpiano de Meneses levanta algumas problematizações acerca do turismo, em especial do turismo cultural, convergindo para as reflexões até aqui desenvolvidas. Aponta que as políticas públicas não dissolvem o uso solene da cultura, fundamentada como um instrumento de segregação (p.95). Preocupa-se também com o que chamou de *desterritorialização cultural*: como criar prioridades para aqueles que possuem relações de habitualidade com os bens? Ele mostra outros dois problemas: o da fruição *voyerística*, que conduz à pulsão superficial da visão, à cenarização, à sociedade do espetáculo (embora não cite o filósofo francês Guy Debord); e o perigo de se empreender uma massificação que iniba os legítimos ritmos individuais de contato cultural: o autor exemplifica, questionando se são experiências similares uma visita em grupo ou individual a uma igreja, por exemplo. Ou ainda, o perigo de se hierarquizar a alteridade cultural (p.99). Aqui, percebe-se uma preocupação de Meneses com a necessidade de se tomar a produção cultural no sentido de uma complementaridade que não force a sectarização.

Convertendo as proposições do artigo de Meneses para a realidade de Tiradentes, destaco duas situações: a primeira refere-se à *cenarização* que ocorre

no período da Semana Santa (com um evento para turistas e outro para os que são “realmente religiosos” e interessados), fato estudado por GIOVANNINI JR. (In: BANDUCCI JR. e BARRETO); e a segunda é a da *desterritorialização*, que ganha sentido no fato de que a população local de Tiradentes, por estar atendendo turistas, nem sempre possa acessar o patrimônio turístico da cidade, tendo o seu sentido pragmático e prazeroso esvaziado (embora estejam ganhando dinheiro com os turistas). Deriva daí o fato de que a titulação, ainda não alcançada, de “patrimônio da humanidade”, não estimular toda a população de Tiradentes.

DESTRUIÇÃO E PRESERVAÇÃO: CONVIVENDO COM O PATRIMÔNIO

Por outro lado, nota-se que há um reconhecimento, por parte da população local, da importância da manutenção do patrimônio turístico de Tiradentes, embora alguns casos contrários possam ser relatados. Um deles, exposto anteriormente, trata de um incêndio provocado por um grupo de rapazes que estavam acampados na Serra de São José. Infelizmente os casos de vandalismo não acontecem apenas sobre o patrimônio natural, mas também sobre o conjunto arquitetônico.

Na década de 1990, graças ao incentivo do turismo ou independentemente dele, houve reformas também descaracterizadoras no próprio núcleo histórico - janelas, basculantes, alumínio, concreto aparente, revestimento com azulejaria, porta de vidro, telhas de amianto etc., além de reconstruções empreendidas feitas sem base em documentação (PELLEGRINI FILHO, 2000:05).

Portanto, existem formas variadas de se computar e enumerar as ameaças de todo o tipo que existem em relação ao patrimônio de Tiradentes, inclusive aquelas que não são tão grosseiras, como essas indicadas na citação anterior. Talvez aí haja uma pista para o entendimento de um vandalismo que seria ainda maior sobre o patrimônio cultural.

A idéia de destruição do patrimônio fez com que, em 1794, na França, as primeiras medidas contra o vandalismo fossem tomadas, a partir de um inventário de

bens feito pelo padre Henri Grégoire, que criou o neologismo "vândalo", tão usado na atualidade, mas desconhecido nessa época como "destruidor".

A preservação surge como uma política conduzida na França, a partir da Revolução Francesa, ganhando consistência cerca de 60 anos depois, em 1850. O novo governo herda os bens da antiga monarquia e dos aristocratas que fugiram do país por causa da Revolução. Daí surge a constituição dos "bens nacionais", a partir da idéia de herança de família. "Consequentemente, as obras e os monumentos deveriam exprimir e testemunhar o *gênio do povo francês*. Os monumentos seriam a materialização da identidade nacional e, por meio deles, os cidadãos se reconheceriam como franceses" (CAMARGO, 2002:21). Essa idéia foi depois incorporada em outros países, servindo de modelo, por exemplo, para a constituição do *patrimônio nacional brasileiro* e do *patrimônio da humanidade*.

No Brasil, a noção de patrimônio e de sua proteção surgem apenas nos anos 30 do século XX. Tal atraso liga-se a uma dificuldade de se construir uma identidade nacional que, inicialmente, vinha de não ser português. "A herança do colonizador, para os homens daquela época, fora o legado do atraso e da ignorância" (CAMARGO, 2001:74).

Comparado com países como França e Inglaterra, o Brasil era o país em que "tudo estava por se fazer". As seis artes que indicavam a civilidade do nosso povo, não satisfeita pela fase indianista do romantismo brasileiro que, ao tentar delinear uma origem para o país, indicava que ele estava na "infância da arte".

O início do século XX é marcado por modificações urbanas radicais, que procuravam dar feições modernas às capitais. Por isso, velhas construções portuguesas vieram a baixo e os cortiços saíam dos centros das cidades, como no Rio de Janeiro: a higienização²¹ social era concomitante com a higienização literal das capitais. Soma-se a isso as disparidades intra-urbanas, como as da capital paulista no período supramencionado.

²¹ Para a idéia de *higienização social*, muito comum durante os processos de renovação e de revitalização das cidades, é também usado o termo *gentrification*, um processo de *mudança social urbana*, no sentido de que certas áreas são transformadas morfológica e socialmente, ante a "invasão de alguns bairros operários da cidade [Londres] por parte das classes médias" (RIGOL, 2005:99). Originariamente, o conceito de *gentrification* foi definido pela socióloga Ruth Glass, em 1964, via evidências empíricas observadas em Londres.

A volúpia européia trouxe belos ícones, mas mascarou os problemas urbanísticos: criou-se a tradição de abandono e desleixo das periferia (...), o resto da cidade já se configurava como os confins da civilização, com ruas lamacentas, sem serviços públicos e com péssimas condições de moradia (YÁZIGI, 2003:183).

O mesmo exemplo em outras palavras:

Somente no final do século XIX é que São Paulo, já sob a tutela dos ganhos com o café, irá mudar, se modernizar. A arquitetura das taipas não se sustentava mais. O centro sofre profundas mudanças, com muitas demolições e renovações contínuas (...). Criava-se uma cidade maquiada, com o centro sendo um espelho do afã de se ter uma identidade "civilizada", leia-se européia, portanto (CAMPOS, 2003:02).

O patrimônio cultural ainda se vinculava aos velhos padrões europeus, mas a fase da I Guerra Mundial acirra os impulsos patrióticos e o nacionalismo. A dificuldade de importação de materiais de construção obriga o uso de produtos nacionais. As construções coloniais estavam abandonadas, regra que inclui Tiradentes. Surge o movimento neocolonial: não foi necessariamente uma tendência estilística, pois muitos se apoiavam mais na arquitetura lusitana, sobretudo do século XVIII, do que propriamente nas soluções construtivas e decorativas brasileiras.

Independente de ser uma proposta eclética ou não, o fato é que pôs em discussão o passado histórico que rejeitara como símbolo de atraso, e que agora iria se resgatar como símbolo da nacionalidade.

A criação de Belo Horizonte, a nova capital de Minas Gerais, e o "esquecimento de Ouro Preto", a antiga capital, trazem preocupações com possíveis perdas das edificações da cidade. Inventários e outros estudos são feitos. Uma viagem, em 1924, contava com a presença dos modernistas, como Mário de Andrade, responsável por recolher materiais que subsidiariam a criação do Departamento Histórico da Prefeitura de São Paulo, em 1935, e o plano de trabalho para o SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Em 1933, finalmente ocorre a primeira medida oficial de reconhecimento do

patrimônio cultural e da necessidade de sua preservação: Ouro Preto, via decreto²² governamental, torna-se Monumento Nacional. O decreto não fala em patrimônio cultural, mas vincula a cidade a feitos, como o da Inconfidência Mineira e a morte de Tiradentes. Ouro Preto é o pilar da formação da nacionalidade (CAMARGO, 2002:83-84).

O SPHAN e todos os demais esforços e ações governamentais nessa época, faziam parte de um contexto mais amplo de construção do Estado Nacional do Brasil, onde as cidades tombadas representam a produção arquitetônica mais autêntica, fonte de inspiração para um Brasil moderno. Os tombamentos em conjunto foram reforçados pelo tombamento individual dos imóveis considerados excepcionais do ponto de vista histórico e artístico (ARAÚJO, 2004:12).

Embora intelectuais como Mário de Andrade e Manuel Bandeira (esse último foi autor do *Guia de Ouro Preto*²³, um guia turístico) demonstrassem afinidade com a pesquisa histórica, "(...) o desejo de enaltecer e resgatar a cidade histórica com seus monumentos de arte, parece ter sobrepujado uma pesquisa mais crítica e metodologicamente embasada". É o período de exaltação nacionalista da cidade, no qual cresce o interesse no estudo das "cidades históricas" e a valorização das construções em pedra, que substituíram as taipas, forjando um novo conceito para a arte colonial, sobretudo a mineira, estendido mais tarde ao conjunto urbano: trata-se do barroco (ANDRIOLO, 1999:92).

A rejeição do neocolonial e do ecletismo, ainda vigente no século XX, tem como contrapartida a valorização dos velhos mestres de obras do barroco colonial, com seus materiais e soluções adaptados ao clima e ao relevo do Brasil.

Arquitetos e outros intelectuais valorizam os bens materiais mencionados pelo decreto que exalta Ouro Preto e, assim, formaram o SPHAN, em 1938, com esforços de Rodrigo de Melo Franco Andrade (diretor de 1938 a 1967) e de Lúcio Costa, pela política de preservação.

Em 1938, as cidades mineiras de Ouro Preto, Mariana, São João del Rei,

²² O ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, solicita a Mário de Andrade, em 1936, um anteprojeto para a criação de um serviço de proteção ao patrimônio histórico e artístico do Brasil, origem do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que institui o tombamento como instrumento de preservação dos bens culturais brasileiros (ARAÚJO, 2004:11).

²³ A partir desse guia, outros foram publicados nos anos de 1930, como o *Guia Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, de 1934, e o guia turístico do Estado de Santa Catarina, editado em 1935.

Tiradentes, Serro e Diamantina são tombadas em conjunto, por possuírem características históricas, estéticas e estilísticas semelhantes que, segundo o pensamento vigente na época do tombamento, seriam representantes de uma autêntica cultura nacional, originária da mistura das habilidades peculiares dos povos formadores do país.

A elevação de Ouro Preto a Monumento Nacional e a criação do SPHAN articulam-se com políticas de divulgação de atrativos, como Ouro Preto, o Rio de Janeiro e as estâncias hidrominerais. Havia uma nítida pretensão de o governo federal em promover o turismo, inclusive o internacional (CAMARGO, 2002:88). O SPHAN, transformado em DPHAN - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1946, atual IPHAN, que se empenhou não só com a preservação, mas também com o restauro, ampliação e codificação do patrimônio, passou a considerar, a partir dos anos de 1980, outros elementos: os bens de origem popular, bem como os seus afazeres; e o patrimônio imaterial (festas, danças, procissões, gastronomia etc.), conforme a configuração presente nesta dissertação.

Apesar do tombamento em 1938, Tiradentes, nas décadas de 1940 e 1950, era vista como uma cidade decadente, "morta", conforme atestam os textos transcritos abaixo:

Velha, abandonada, decadente, quase em ruínas, ergue-se entre o Rio das Mortes e a Serra de São José, à margem da Estrada de Ferro Oeste de Minas, a histórica cidade de Tiradentes (JORNAL DO BRASIL, 1941: s/p).

Esta é uma reportagem sobre uma cidade morta. (...) O silêncio, apenas o silêncio envolve tudo (NUNES, 1950: s/p).

Uma cidade que conheço está sendo destruída (...): é a cidade de Tiradentes e vem sendo liquidada pela ação do tempo e pela mão do homem (PEDROSA, 1950: S/P).

Nos anos seguintes, o SPHAN realizou diversas obras nas cidades históricas, visando a restauração de seus patrimônios arquitetônico e urbanístico. Em Tiradentes, pode-se destacar a restauração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e da Matriz de Santo Antônio.

Figura 47: Restauração da Matriz de Santo Antônio em 1946.

Entretanto, as ações pontuais não foram suficientes para impedir a descaracterização das cidades tombadas. Em 1968, o próprio diretor do DPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, reconhece que "(...) apesar do tombamento, parte considerável das cidades aludidas tem sido desfigurada mais ou menos gravemente" (ANDRADE apud ARAÚJO, 2004:13), caso especialmente de Tiradentes, mergulhada em um longo processo de estagnação econômica.

O crescimento do turismo nas décadas de 1970 e de 1980 marcariam também a ação de entidades preocupadas com a manutenção e o restauro do patrimônio histórico-arquitetônico de Tiradentes, como a SAT - Sociedade dos Amigos de Tiradentes, e a Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, numa ação conjunta entre os poderes público e privado. Assim, nos anos 80, a cidade passou a figurar constantemente nas revistas especializadas em turismo.

Confirmando o que foi arrolado anteriormente, nas décadas de 1980 e 1990 a atividade turística cresceu de tal forma que nas décadas de 1960 e 1970, a cidade possuía duas ou três pousadas (PELLEGRINI FILHO, 2000:35), contra 86 pousadas e hotéis cadastrados pela Secretaria de Turismo, em 2002.

Contar com um patrimônio turístico de monta como o de Tiradentes coloca em questão a segurança dos bens naturais, arquitetônicos etc., além das populações fixa e flutuante do Município. Assim, por iniciativa da SAT e da Prefeitura Municipal houve uma campanha em prol da segurança dos monumentos históricos contra roubos. "Tiradentes foi uma das primeiras cidades históricas mineiras a ter seus monumentos protegidos por sistemas de segurança", arremata Jorge dos Santos OLIVEIRA (2004:143).

Por outro lado, há serviços ainda precários: a polícia civil conta com um delegado e 5 comandados por ele, que é também responsável pelos municípios de Santa Cruz de Minas e São Vicente de Minas, sendo este distante cerca de 100 km. Já a polícia militar é composta por um tenente, que comanda 20 homens. Ela reivindica a compra de um mínimo de duas motos para a manutenção de rondas nas áreas dos bens naturais de Tiradentes, sobretudo na Serra de São José, onde já ocorreram incêndios criminosos.

A fim de combater tais precariedades, em 1992, foi criado o Corpo de Bombeiros Voluntários - CBV de Tiradentes para a prevenção e o combate a incêndios nas áreas rural e urbana. A preocupação é maior com a área urbana, pois há o uso intensivo de madeira nas construções dos séculos XVIII e XIX. Porém, o último incêndio registrado ocorreu na década de 1940.

O CBV possui atualmente 30 integrantes voluntários, que recebem instruções periódicas do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais. O seguro de vida dos voluntários é patrocinado pela Prefeitura Municipal de Tiradentes. O CBV desenvolve atividades de conscientização junto à população e de cooperação com os bombeiros de cidades vizinhas da APA - Área de Proteção Ambiental, da Serra de São José.

Os bombeiros são voluntários duas vezes: a primeira na atividade de bombeiro, e a segunda quando promovem campanhas para obter recursos que mantenham a sobrevivência do CBV, pois este não recebe nenhuma subvenção dos poderes públicos municipal, estadual ou federal.

É importante salientar o trabalho da comunidade local nas ações de salvaguarda de seu patrimônio, como essa do CBV e a da SAT, além de outras

entidades como a Prefeitura Municipal, a Fundação Roberto Marinho e o IPHAN, que cumprem um destacado papel na vida cultural e socioeconômica de Tiradentes.

Apesar de toda a importância do patrimônio histórico-arquitetônico para Tiradentes, os casos de negligência, roubo e desaparecimento de obras e documentos são comuns. Vejamos alguns dos problemas que assolam o patrimônio da cidade:

- Livros e outros pertences da igreja foram queimados, na década de 1960, com a aquiescência do padre Adriano Bayngs, alegando que se tratava de coisas obsoletas, trastes;

- Móveis, imagens sacras e outros objetos antigos foram comprados por estrangeiros que se fixaram na cidade nos anos de 1960 e 70. Até da Matriz de Santo Antônio, a mais importante das igrejas da cidade, saíram móveis vendidos (PELLEGRINI FILHO, 2000:4-5);

- Diversos roubos de imagens sacras dos séculos XVIII e XIX marcam a violência contra a cultura nas cidades históricas, incluindo as igrejas de Tiradentes. Uma dessas imagens, encontrada no final de março de 2004, via disque-denúncia, mediante campanha desenvolvida pela Secretaria de Estado da Cultura, em parceria com a Fundação Roberto Marinho, estava numa igreja em São Paulo. No primeiro ano dessa campanha de recuperação do patrimônio, 216 peças foram localizadas²⁴;

- As igrejas católicas de Tiradentes são mantidas por suas respectivas irmandades, "(...) sabem seus integrantes com que esforço... Falta um serviço de atendimento das necessidades óbvias na manutenção de monumentos culturais, antes que seja tarde", sentencia PELLEGRINI FILHO (2000:6). Para efeito de comparação, vale ressaltar que a matriz de Santo Antônio enfrentou sérias crises: numa delas, nos anos 70, parte de seu telhado cedeu;

- A cidade não possui uma brigada oficial do Corpo de Bombeiros, mas uma Brigada de Bombeiros Voluntários. Criada em 1992, por iniciativa da população, a Brigada é o único meio de proteção do patrimônio cultural e natural de Tiradentes no que se refere aos incêndios, tendo colaborado até no combate ao incêndio ocorrido

²⁴ Conforme telejornal regional exibido em 04/09/2004.

no sobrado onde nasceu Tancredo Neves, em São João del Rei, além de um incêndio intencional, realizado de rapazes da população local que, durante a noite, soltaram foguetes e atearam fogo em um trecho da Serra de São José. Nesse episódio, em agosto de 1997, foi a vez da Brigada de Voluntários de Tiradentes ser ajudada: houve a participação dos colegas de São João del Rei e de Lavras, num total de mais de 50 homens combatendo o incêndio (INCONFIDÊNCIAS, nº 12, mai-set/1997:03);

- Durante os dias de grande demanda turística, as ruas da cidade, sobretudo as do centro histórico, ficam tomadas por veículos particulares e coletivos. Já em "dias comuns", até grandes caminhões transitam por essas mesmas ruas, prejudicando o calçamento de lajes e colocando em risco as construções desse mesmo centro histórico. No entanto, o artigo 177 da Lei Orgânica de Tiradentes trata do trânsito veicular na cidade:

No centro histórico de preservação máxima²⁵, não se permitirá o trânsito pesado constituído por ônibus, caminhão, carreta, cavalo-mecânico ou veículos similares. O disposto neste artigo não se aplica à Praça Dom Delfim Ribeiro Guedes, antigo Largo das Mercês (LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE TIRADENTES, 2002:47).

Figuras 48 e 49: a Praça da Rodoviária durante um dia comum, da semana, e durante um dia de Carnaval.

Tal irregularidade ocorre com o pleno conhecimento das autoridades da cidade, dentre as quais o prefeito e o secretário de turismo. Esse último relatou, em

²⁵ A área de preservação máxima é formada 20 ruas e logradouros, conforme o Ato das Disposições Transitórias, em seu artigo primeiro (LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE TIRADENTES, 2002:48).

julho de 2005²⁶, que isso é decorrente dos interesses dos comerciantes da cidade, sobretudo dos que têm seus estabelecimentos no centro histórico, contrários ao fechamento dessa região da cidade ao trânsito veicular, sob alegação de queda acentuada nas vendas destinadas aos turistas. O panorama exposto conflui para uma nova contradição, nos termos da lei, já que o turismo é reconhecido como uma forma de promoção e de desenvolvimento local no artigo 165 da LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE TIRADENTES (2002:46);

- Há casos de poluição visual no núcleo histórico: "placas identificadoras de estabelecimentos comerciais e placas publicitárias são afixadas sem atender aos critérios estabelecidos pelo IPHAN e constantes da lei municipal 1045/94", denuncia PELLEGRINI FILHO (2002:7).

Além desses casos que suscitam discussões, um outro rondou a cidade há poucos anos: a colocação de placas de acrílico para a indicação dos locais de visita da cidade, bem como as informações acerca de cada um desses locais.

Uma mesma equipe multiprofissional elaborou o projeto de sinalização dos bens arquitetônico-culturais de São João del Rei (1999) e Tiradentes (2001), utilizando placas em acrílico, o que dividiu as opiniões. A estratégia metodológica de tal equipe compreendeu dois momentos: 1º) levantamento dos principais monumentos e edificações; 2º) definição do conteúdo dos painéis e placas e o *design* das peças. Foram confeccionados 13 totens, contendo o nome dos lugares ou dos monumentos mais significativos e indicando, por meio de setas, a direção a ser seguida. Dezesesseis painéis foram colocados nos atrativos naturais e culturais de Tiradentes.

Em entrevista concedida em outubro de 2004, Olinto Rodrigues dos Santos Filho, historiador, membro da equipe supracitada e do IPHAN, relata que as mesmas placas foram instaladas em outras cidades, como Porto Seguro - BA, por exemplo, como parte do projeto de sinalização turística desenvolvido pela EMBRATUR, com aprovação do IPHAN. Segundo Celina ALBANO (2002:274), socióloga e responsável pelo projeto de sinalização turística implantado em Tiradentes, existe

²⁶ Entrevista informal concedida na sede da Secretaria Municipal de Turismo, em 29/07/2005.

hoje, ao contrário das práticas do passado, uma ênfase dos órgãos do patrimônio no "(...) estabelecimento de um diálogo contínuo com a população, informando-a sobre o valor de seus bens culturais". Isso foi aprovado por todos, mas a apresentação, em acrílico, é que não. Apesar de leigos, aos populares é que a sinalização serve, e não só aos especialistas no assunto. Assim, opinar não só é lícito, como é um dever de cidadania. Por outro lado, Celina ALBANO (2002:280) expressa que "(...) foi fundamental a participação de representantes da comunidade, dos Conselhos Municipais do Patrimônio e do Turismo, da Câmara dos Vereadores e do IPHAN nas diferentes etapas da interpretação". Não há a intenção de se considerar a percepção coletiva/popular infalível, segura. A esse respeito, alerta Milton SANTOS: "(...) a percepção não é ainda conhecimento, que depende de sua interpretação, e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência" (1988:62).

O responsável pela implantação das placas, José Antônio do Nascimento, vereador de Tiradentes, que conseguiu uma verba de 35 mil reais junto à EMBRATUR para a confecção das placas, não está muito preocupado com suas características e sim com a utilidade delas.

Ao avaliar o emprego das placas em Tiradentes, Celina ALBANO (2002:279) afirma que "(...) através da apresentação desses marcos referenciais, harmoniosamente integrados na paisagem, vão sendo decodificados os elementos arquitetônicos e artísticos, os modos de vida, os diferentes usos dos espaços e as práticas culturais". Ela reporta-se aos elementos naturais e culturais da cidade, ressaltando a harmonia que fora criada. Mas, como usar o mesmo tipo de placas para Porto Seguro, com elementos naturais e culturais tão diversos dos que existem em Tiradentes, e obter a preciosa harmonia decantada?

É certo que a cidade apresenta problemas perceptíveis na relação de sua população fixa com o equipamento e os serviços turísticos, bem como da população flutuante, conforme expressa o gráfico abaixo, elaborado pela Secretaria de Turismo.

Gráfico 7 - Reclamações dos Turistas: 2000 a 2005

Fonte: Secretaria Municipal de Turismo, 2005.

Eduardo YÁZIGI (2002:134) preocupa-se em incutir a idéia de que "(...) a paisagem interessa antes a seus próprios habitantes e que só numa relação de estima deles com ela é que despertará o interesse de transeuntes, visitantes, turistas". Essa é uma reflexão de enorme interesse para a garantia e a salvaguarda do patrimônio de Tiradentes, evitando-se uma futura mudança gradativa da ambiência da cidade, mas que, ao longo de um processo de pequenas e contínuas interferências, compõem ou podem compor um quadro de vandalismo cultural que ninguém quer, turistas ou nativos da cidade. Aí vai e vale o alerta para Tiradentes: YÁZIGI (2002:138) comenta que uma série de cidades sofreu tal situação impiedosa, como as cidades históricas do vale do Paraíba, e as estâncias hidrominerais, que "(...) foram acertadas uma a uma: Caxambu, São Lourenço, Águas do Araxá, Poços de Caldas, Serra Negra, Águas de Lindóia...". Os exemplos ainda dão conta das cidades paulistas de Atibaia e Praia Grande, e da mineira Ouro Preto.

3. TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM TIRADENTES - MG A PARTIR DE 1980

Tiradentes – MG enquadra-se na tradicional classificação das cidades, como “cidade turística”. O turismo passou a ser sua principal atividade nas últimas décadas do século XX, após Tiradentes atravessar um longo período - desde o século XIX - marcado pela decadência econômica. Isso criou uma “salvaguarda forçada” do patrimônio cultural da cidade, que esteve “esquecida” sobretudo até meados do século passado.

Como é uma atividade que se dispersou pelo espaço geográfico e que é dele dependente, o turismo passou a reunir em si um leque de possibilidades de conhecimento sobre a organização espacial da sociedade, a exemplo do que ocorre em Tiradentes, onde o turismo é a principal função exercida pelo Município. Essa mesma dispersão contribui para legitimar o interesse científico sobre as repercussões criadas pela atividade turística, que está revestida de uma certa ubiquidade, o que torna nítido o seu importante papel como meio de organização e modificação das estruturas socioespaciais da atualidade.

Posto isso, é perceptível a influência do turismo na organização espacial de Tiradentes, embora não seja o único vetor de suas transformações urbanas.

Não se pode deixar de considerar que o turismo vem modificando municípios e até regiões em várias partes do Brasil e do mundo, indicando-o como um foco de atenção para pesquisadores, professores e estudantes. Decorre daí o fato de o turismo ser estudado pela geografia e outras ciências, contribuindo para a análise e o conhecimento espaciais, a fim de se criar uma concepção diferente daquela que está instalada atualmente, ou seja, que considera o turismo “coisa de rico”, pois “(...) se por uma lado, entretanto, as paisagens não mudam de lugar, por outro, mudam freqüentemente de significado. Acrescida de significado, a paisagem forma o espaço” (CRUZ, 2001:17).

A evidência desse fato é tamanha, que a apropriação desses espaços indica que há uma competitividade no mercado, criando e recriando territórios destinados ao turismo que, ao final, promoverá uma transformação espacial baseada na forma

(os objetos) e no conteúdo (as ações), nos múltiplos interesses dos grupos e classes sociais. É por isso que Milton SANTOS (1997:02) afirma que “(...) o movimento dialético [é] apreendido na e através da realidade geográfica”.

O turismo é um dos fortes símbolos da sociedade moderna. Seu desenvolvimento tornou-se maior a partir do final da Segunda Guerra Mundial, período de internacionalização da economia mundial. É inegável que o turismo é uma atividade que se prende ao “mundo do econômico”, mas não pode ser considerado apenas por uma de suas características, embora esta seja muito marcante. Nas palavras de Jacqueline BEAUJEU-GARNIER (1980:56):

Existe um produto - os elementos de atração turística (paisagem, clima, monumentos, desportos) - e uma exploração desse produto, por vezes transformado (...) quantas vezes só através do efeito da comercialização. Assim, o turismo pode classificar-se tanto nas indústrias, como nos serviços. A sua exploração cria empregos, atrai clientela; logo, geradora de dinheiro.

A complexidade de suas relações transpõe a visão reducionista do turismo como atividade meramente econômica. Historicamente, por exemplo, apropriou-se das conquistas trabalhistas erigidas sobretudo a partir do século XIX, como férias e décimo terceiro salário de um lado; e de outro, aquilo que pode ser um grande diferencial do século XXI: o tempo livre dos trabalhadores. Assim, as jornadas de trabalho penosas da I Revolução Industrial foram reduzidas em todo o mundo, em maior ou menor grau. Entretanto, os períodos de recreação foram (re)absorvidos, também em escala planetária, como atividades lucrativas pelo capitalismo mundial em sua fase globalizante.

É por isso que no final do século XX, conforme Naisbitt, citado por PORTUGUEZ (In: RODRIGUES, 1999:182), o turismo empregou 10,6% da força de trabalho global, chegando a perfazer 10,2% do PNB mundial, ou seja, 3,4 trilhões de dólares. Representou ainda 10,9% de todos os gastos dos consumidores do mundo, 10,7 % dos investimentos de capital e 6,9% dos gastos governamentais. A tendência de crescimento do setor, inclusive no Brasil, continua a ser apontada por importantes organismos, como a Organização Internacional do Turismo (OIT). São dados tão

fantásticos para um mundo que, de forma contrastante, assiste ao período de maior desemprego da história e aos processos de precarização do trabalho e de enfraquecimento dos sindicatos.

Observando os números anteriores, ficamos tentados a afirmar que o turismo é uma atividade castradora, pois apenas as classes mais ricas é que podem usufruí-la. Entretanto, inclusive entre aqueles que são mais pobres está havendo um crescimento do turismo, muitas vezes caracterizando-os como grupos de excursionistas (quando permanecem menos de 24 horas no local receptor), embora possam ser segregados espacialmente, conforme artigo de RODRIGUES (2001:118). Os fluxos turísticos dos mais pobres crescem, assim como o poder de manipulação do tempo livre de que dispõem.

Nascido como espectro da sociedade globalizada que se desenhara nestes últimos anos, o turismo endossa a lista de novos atrativos para um mundo que criou o entretenimento do *shopping center*, da *Internet* e da TV. E por todos eles perpassa a necessidade da divulgação de imagens, reais ou não, a fim de compor um quadro de exotismo e atratividade, que conduzem enormes contingentes populacionais em fluxo para as cidades turísticas, geralmente desinformados e ansiosos para “consumir o lugar” onde chegarão. Ao mesmo tempo que o “novo” desperta e aguça a curiosidade em escala mundial, a busca pelo local que conserva a cultura pregressa e projeta o turista para um outro tempo, também ganha espaço.

O turismo para as cidades históricas é uma marca dessa tendência que, aliada a uma propaganda de certos espaços em detrimento de outros, criou símbolos e espaços culturais consumidos em massa, como o centro velho de Salvador. Em Minas Gerais, isso pode ser compreendido com um nome: Ouro Preto. Uma expressão da superexposição dessas e de outras cidades na mídia pode ser obtida através do grande número de obras científicas que abordam tais espaços. Entretanto, outras cidades mineiras que são menos divulgadas pela imprensa e também pelos estudos acadêmicos precisam ser analisadas com maior detalhamento. É o caso de Tiradentes, objeto de estudo desta dissertação de mestrado.

Há uma escassa literatura sobre a cidade, da qual destaca-se a obra

“Turismo cultural em Tiradentes”, de Américo Pellegrini Filho. A maior parte da obra compõe-se de um inventário sobre o patrimônio cultural de Tiradentes, cidade de expressão da cultura barroca do século XVIII, incluindo a culinária, a música e a literatura oral, dentre outras expressões. O autor também empreendeu um levantamento da estrutura e dos impactos do turismo na cidade, sobretudo aqueles que interferiram na sua arquitetura. Os resultados dessa obra estimulam e deixam em aberto o caminho para uma análise da organização do espaço em Tiradentes em função da atividade turística, que é o intento central desse projeto para uma pesquisa de cunho geográfico. Cabe observar ainda o papel dos órgãos planejadores do turismo em Tiradentes, através das várias instâncias de poder estabelecidas para tal finalidade, desde a Secretaria Municipal de Turismo até entidades de abrangência nacional que interferem em decisões locais. Em outras palavras, uma abordagem geográfica dos impactos do turismo na cidade de Tiradentes faz-se necessária.

Houve um recorte espacial para fins analíticos, privilegiando a área urbana apenas, em detrimento de todo o Município, já que o chamado “turismo ecológico” também lá tem ocorrência. Essa escolha reflete uma preocupação com a identificação das trajetórias dos grupos sociais da cidade, com seus objetivos particularizados, mas que vão deixando suas marcas na construção da vida urbana, seja no âmbito cultural ou na formação da materialidade das edificações, vias etc. Destarte, a cidade é vista como o *locus* das disputas sociopolíticas e da produção espacial, bem como da economia local, mergulhada no turismo. Portanto, a cidade - e não o Município - passa a ser o foco de estudo, sobretudo pelo seu caráter “territorial” - na acepção geográfica do termo criado por Milton Santos que, aqui é apresentado conforme MORAES (2002: 57), segundo o qual está no uso social seu elemento definidor - envolvendo o posicionamento político de grupos sociais diversos e do poder público. Citando diretamente seu criador, Milton SANTOS afirma que

O que interessa discutir é, então, o território usado, sinônimo de espaço geográfico. E essa categoria, território usado, aponta para a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do

território. Como se trata de uma proposta totalmente empiricizável, segue-se daí o enriquecimento da teoria (SANTOS e SILVEIRA, 2002:20).

Esse recorte espacial, com foco na transformação urbana de Tiradentes, ganha importância atual, já que o turismo “aportou” na cidade nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 90, após uma estagnação econômica longa e, por isso mesmo, “responsável” pela manutenção do patrimônio histórico-arquitetônico, segundo PELLEGRINI FILHO (2000:1). Tem-se assim, um espaço herdado, pretérito, carregado de valores como todos os outros, mas que fundamenta ações sociais contínuas para um novo ordenamento da paisagem-espaço, fato que demonstra a importância das rugosidades presentes na cidade, ao mesmo tempo em que temos um indicativo das transformações urbanas futuras que podem atingir Tiradentes. Dessa forma, cabe analisar que os objetos geográficos lá existentes são um testemunho de uma produção socioeconômica de outros tempos, e podem “(...) em seguida, por sua própria presença, influenciar os momentos subsequentes da produção”, em conformidade com Milton SANTOS (2002:174). Agrupando essa idéia para a especificidade dos estudos urbanos, iremos ter a companhia do pensamento de LEFEBVRE (2001:47). Para ele, a cidade é a obra de uma história de produção e de reprodução das e para as pessoas e, a partir daí, obtém-se a produção dos objetos.

Desse modo, um estudo sobre as modificações culturais na cidade e nos habitantes de Tiradentes, a partir da intensificação da chegada de turistas, também comporia uma visão sobre a realidade local, integrando uma visão a mais de conhecimento no universo das ciências parcelares.

3.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO URBANO E TURISMO

A exemplo do que se deu em Tiradentes, embora, historicamente, as cidades não tenham surgido para atender ao turismo, hoje, cada vez mais, há uma confluência de interesses, sobretudo econômicos, que aproximam a organização e a "desorganização" internas das cidades, das atividades e fluxos do turismo.

Em suas origens, as cidades tiveram como determinantes as condições naturais, atreladas à situação econômica, social e política. Desde o período neolítico (há cerca de dez mil anos), quando o homem passou a permanecer em locais bem definidos em decorrência da "revolução agrícola", passando pela Antiguidade, quando as primeiras civilizações se fixaram nos vales dos rios, até os tempos atuais, é perceptível que as condições naturais e sociais, assim como a organização político-econômica, foram os fatores que determinaram a modelagem do espaço urbano nos mais diversos pontos do planeta.

Por representar uma importância central na história humana, as cidades foram pensadas e repensadas, conceituadas e reconceituadas. Dessa forma, as concepções sobre "o que é o urbano" foram avaliadas segundo os critérios quantitativos e qualitativos. Assim, por exemplo, Ratzel pensou a cidade como um centro industrial e comercial, com uma reunião durável de homens e habitações. Max Sorre realçou o aspecto organizacional e as relações estabelecidas pela cidade necessárias à manutenção de sua indústria, de seu comércio e das demais funções. Nesse sentido,

Para alguns dos autores citados, as definições de cidade vinculam-se ao seu caráter funcional. Para outros, a existência da cidade se liga a aspectos econômicos, políticos e sociais. Na obra de Pierre George, a cidade é analisada de forma mais abrangente, envolvendo uma perspectiva histórica (...). Para ele, as cidades fazem parte de um conjunto e as formas das relações entre elas e dos diversos setores dos conjuntos seriam particulares a cada tipo de estrutura econômica e social (CARLOS, 1994:68).

Se hoje as relações sociais e as ações antrópicas no espaço seguem um padrão imerso no sistema vigente, foi por milhares de anos que se deu esse processo da relação homem-ambiente, que culminou nas diferentes manifestações urbanas. O espaço urbano é um reflexo de ações desenvolvidas no passado e no presente, criando e recriando a possibilidade de viver, aprender e de tornar a existência na cidade um campo de símbolos e identidades, de inclusões econômicas e sociais, mas também de isolamento, de exclusão social e de estranhamento com a construção da própria cidade. O espaço urbano é resultante dessa complexa teia de relações, que é mutante, agregadora de valores e que conduz a diferentes interesses, gerando os conflitos sociais e grupais, que voltam a modificar o espaço urbano... numa dinâmica infundável. É por isso que o espaço urbano "(...) é fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas" (CORRÊA, 1989b:9).

Torna-se irrefutável, sobremaneira nas últimas décadas, a influência da atividade turística sobre a modificação do espaço urbano. O turismo cria espaços urbanos ao demandar a utilização de serviços, transportes, comércio, enfim, infraestrutura. Além disso, apóia-se sobre a organização de instituições públicas e privadas a fim de obter apoio e comercialização, promovendo a atividade. Cria ainda novas relações interpessoais e de afetividade com o lugar, a topofilia, segundo a terminologia de Tuan. Desse modo, há uma interação de todas essas características no território, "legitimando" a vivência no espaço urbano, bem como o seu reconhecimento. MORAES (1995) está atento a isso, e se refere à produção do espaço urbano apontando atividades de ordem turística como responsáveis pelo ordenamento do uso do espaço urbano. Assim,

O crescimento e o desenvolvimento das atividades turísticas em um espaço é que justificam o estudo das relações entre o espaço e as atividades turísticas, do espaço conhecido ao espaço consumido, sem, no entanto, negligenciar outros fatores intervenientes (GARMS, In: LEMOS, 2001:142).

Consoante com o que já foi relatado sobre a concepção das cidades turísticas como "cidades-mercadoria", os territórios turísticos são ocupados em

ciclos, de acordo com o calendário de eventos. Assim, sofrem com períodos opostos: ora subutilizados, ora saturados ou perto disso. Esse fluxo que ocorre em períodos previamente conhecidos, pois são planejados os eventos que promovem a atração de turistas, exerce uma sobrecarga na infra-estrutura local. Problemas como falta de água e de banheiros públicos são comuns. Seria positivo se tal fluxo periódico e, logo, gerador de divisas, criasse também uma sobrecarga de cobranças e atitudes dos gestores municipais, contribuindo para a valorização da atividade e, ao mesmo tempo, para a melhoria da qualidade de vida do local. Aliás, a partir de Pierre George e sua "Geografia do Consumo", publicada na década de 1970, é que muitos geógrafos se quedaram para a ligação entre o consumo e os parâmetros próprios de cada fase histórica. Para exemplificar, BEAUJEU-GERNIER, algumas décadas atrás, já considerava que o consumo do espaço é um dos grandes problemas urbanos do nosso tempo, pois

(...) arrasta múltiplas e preocupantes conseqüências: (...) o crescimento dos bairros que necessitam de infra-estruturas caras e de meios de transporte rápidos e eficazes, os fenômenos de alastramento do tecido urbano que provocam o desenvolvimento da segregação social, os desequilíbrios ecológicos ameaçando o ambiente geral, os custos crescentes de organização do espaço, e, talvez ainda mais grave, a diluição e a desorganização da função urbana de centralidade (1980:105).

Sobre os efeitos negativos decorrentes dos fluxos turísticos em cidades históricas, OLIVEIRA (2003:12) afirma que isso se dá de uma forma mais intensa, pois elas não foram projetadas para as condições de consumo, de vida e desenvolvimento contemporâneos. Por isso as ruas são estreitas, não há locais para estacionamento e o comércio e as lojas dividem espaços com visitantes e residentes.

Em geral, as modificações espaciais conseqüentes de um grande fluxo turístico podem ser notadas pela necessidade de infra-estrutura, equipamentos de hospedagem e outros, relacionados à estadia do visitante. Tais exigências têm conseqüências espaciais de alcance sobre o lugar e sobre a população.

Desse modo, o turismo adquire o *status* de importante fator no papel de ocupação e modificação espacial, pois atrai agentes relacionados com a produção de novas edificações; instituições e organizações de moradores preocupadas com a preservação de patrimônios culturais e naturais etc. Esse espaço co-produzido pelo turismo não é mais apenas visto, ele é reorganizado e consumido.

Assim, além de fator de urbanização, o turismo é expresso espacialmente na cidade como reflexo das atividades diretamente associadas e impulsionadas pela atividade turística. As cidades apresentam diferentes ofertas de serviços atrativos turísticos. O fato de uma cidade tornar-se importante ponto de atração turística, não a isola de suas relações e fluxos com outros lugares. O conjunto de cidades mais próximas de uma cidade turística inscreve-se como mercado imediato. Numa outra abordagem, CORRÊA diz que

A rede urbana constitui-se simultaneamente em um reflexo *da* e uma condição *para* a divisão territorial do trabalho. É um reflexo à medida que, em razão de vantagens locacionais diferenciadas, verificam-se uma hierarquia urbana e uma especialização funcional definidoras de uma complexa tipologia de centros urbanos (1989a:48).

3.1.1. Produção, consumo e reprodução do espaço no interior das cidades

A concentração de renda em poucas parcelas da população provoca uma concentração espacial, em algumas áreas da cidade, sobretudo nas centrais e subcentrais, dotadas de melhor infra-estrutura. A distribuição da população e das atividades produtivas no solo urbano segue a regra do poder aquisitivo: quem tem mais dinheiro melhor se localiza na estrutura das cidades em relação ao emprego, à oferta de serviços urbanos, ao comércio e serviços em geral, sobremaneira os de cultura e lazer. Isso se agrava ainda mais com a especulação imobiliária, tanto com a terra rural nas vizinhanças da cidade, na expectativa que se tornem urbanas, como a especulação com as terras intra-urbanas. Em outros termos, CORRÊA(1989b:16) afirma que os proprietários fundiários

Estão particularmente interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja têm interesse na expansão do espaço urbano na medida em que a terra urbana é mais valorizada que a rural. Isto significa que estão fundamentalmente interessados no *valor de troca* da terra e não no seu *valor de uso*.

(...) podem então exercer pressão junto ao Estado, especialmente na instância municipal, visando interferir no processo de definição das leis de uso do solo e do zoneamento urbano.

A especulação imobiliária é a forma pela qual os proprietários de terra recebem uma renda transferida dos outros setores produtivos da economia, especialmente através de investimentos públicos na infra-estrutura e serviços públicos, que são os meios coletivos de produção e consumo ao nível escalar do espaço urbano.

O processo de crescimento das cidades, aliado com uma escassez de recursos a serem investidos e com a concentração da renda social, acaba por privilegiar as zonas centrais e os bairros mais “nobres”. O mercado de terras é intrinsecamente monopolista devido ao baixo índice de substituidade entre terrenos, tendo em vista a heterogeneidade essencial do tecido das cidades. A redução recorrente da oferta de terrenos urbanizados tende a provocar uma maior

diferencial de preços entre aqueles e os não urbanizados.

A escassez da oferta de áreas urbanas totalmente urbanizadas e a grande liquidez para a compra desses terrenos por parte das classes mais ricas, transformam o solo urbano num verdadeiro leilão e num investimento rendoso. Nos períodos de inflação alta, os investimentos em terra eram uma garantia contra as perdas inflacionárias. Além disso, há uma canalização de recursos públicos voltados para um contínuo reciclamento das áreas já servidas de infra-estrutura, pouco sobrando para a ampliação da oferta de novas áreas urbanizadas nas periferias. Nesse sentido, "(...) se o acesso à terra vai se tornando cada vez mais difícil, pela interação de processos especulativos, relativos ao uso do solo para fins urbanos, o privilégio da sua propriedade se acentua", avalia CAMPOS FILHO (1992:62).

A demanda por terrenos provocou um supercrescimento das cidades, tanto vertical como horizontalmente. O preço mais alto da terra urbana fez com que os empresários imobiliários, para diluí-lo, buscassem a redução da cota-parte dos terrenos, ou seja, "subiram" mais os edifícios. Como tal artifício não é permitido em Tiradentes, onde inexistem os edifícios, mesmo fora do núcleo histórico, a periferia da cidade cresce horizontalmente, através dos novos loteamentos, via de regra implantados sob a batuta da Prefeitura Municipal. De forma geral, a periferia urbana é alvo de atenção dos proprietários de terras. De acordo com CORRÊA (1989b:16), "(...) isto se deve ao fato de estar ela diretamente submetida ao processo de transformação do espaço rural em urbano".

Nesse sentido, a elevação constante dos preços dos terrenos centrais e dos bairros principais, propaga-se para a periferia. As cidades, por consequência, espalham-se demasiadamente e com muitos interstícios. Desse modo, as prefeituras que tentam, com recursos próprios, levar a infra-estrutura até a periferia são obrigadas a fazer isso com um custo muito maior.

Aos proprietários de terras mal localizadas resta loteá-las a fim de extrair daí a renda da terra. Eles se aproveitam sobremaneira de loteamentos clandestinos, comprando terras entre eles e o espaço urbano contínuo (CORRÊA, 1989b:19).

Pessoas de baixo poder aquisitivo tendem a não comprar moradias prontas no mercado imobiliário, mas sim terrenos. Aqueles que não podem pagar aluguel,

nem em cortiços, vão para as favelas. Isso vai levando tais pessoas cada vez mais para a periferia, criando um distanciamento socioespacial: famílias mais distantes dos locais de trabalho, do comércio melhor e mais barato, de áreas de lazer etc. Essa situação descrita enquadra-se no ritmo de vida dos habitantes de grandes cidades, embora o distanciamento socioespacial descrito possa ocorrer em cidades menores, como em Tiradentes, guardadas as diferenças de escala do problema entre pequenas e grandes cidades.

A valorização dos imóveis deriva do crescimento urbano como um todo, em razão da renda fundiária e, especialmente, da renda diferencial, pelas diferenças de qualidade que são estabelecidas no espaço urbano pelos mais diversos investimentos, como a abertura de uma avenida, a localização de uma estação rodoviária ou ferroviária, o asfaltamento de uma rua etc. No caso de Tiradentes, o processo de revitalização²⁷ do centro histórico foi de suma importância para a revalorização dessa área.

Os diferentes níveis de valorização dos terrenos urbanos são reforçados pelos governos municipais, que viabilizam a acumulação de capitais e a reprodução das classes mais ricas. Isso repercute, por exemplo, na cobrança do imposto predial e territorial, tão diverso quanto forem os terrenos. Portanto, isso reforça a segregação espacial, atribuindo diferentes valores a diferentes espaços (CORRÊA, 1989b:26). Numa perspectiva histórica, a industrialização potencializou o processo de valorização dos terrenos, segmentando as classes sociais e os seus respectivos bairros.

Um outro traço que transforma profundamente a cidade da era industrial é a segmentação socioeconômica entre os bairros. O fenômeno mais importante, no entanto, é aquele gerado pelo barateamento dos materiais de construção produzidos em escala industrial. Daí decorre a facilidade para demolir e reconstruir de tal forma que o valor das edificações se transfere para o solo urbano. O valor recai sobre o terreno, dando origem à especulação imobiliária (CAMARGO, 2002:16).

²⁷ Revitalização: operação que muda a função de um edifício ou do espaço urbanístico. In: YÁZIGI, E. (2003:89). A revitalização ocorre em áreas já ocupadas e historicamente sedimentadas. "Eis porque a revitalização costuma valorizar a dimensão humana; o patrimônio histórico e ambiental; a simbologia, e por consequência, o turismo também" (YÁZIGI, Eduardo. In: CARLOS e CARRERAS, 2005:84).

O empresário imobiliário, que está relacionado aos temas aqui mencionados, é, em geral, confundido como meramente especulador. É preciso distinguir a atividade produtiva da improdutiva ou especulativa. A atividade empresarial imobiliária é produtiva quando investe capital e se utiliza do trabalho produtivo dos operários para produzir uma mercadoria, que será a urbanização de uma área, o lote urbanizado, e todos os tipos de edificação, especialmente a habitacional, que é a mais freqüente. Já na improdutiva, nada se faz para agregar valor ou riqueza social. O proprietário extrai riqueza sem ter que trabalhar. Assim, o empresário será tanto mais especulador quanto menos agregar capital e trabalho, e mais auferir ganhos resultantes do esforço de terceiros. E vice-versa, será menos especulador quanto mais investir e produzir um espaço útil a uma maior número de pessoas.

O espaço urbano tiradentino é aqui encarado como um produto que possui valor de uso (a cidade e a vida urbana; o tempo urbano) e valor de troca (os espaços comprados e vendidos; o consumo dos produtos, dos bens, dos lugares e dos signos) - segundo Henry LÉFEBVRE (2001:27) - e que, por isso, é impregnado de importância econômica e sociopolítica para os grupos da sociedade local. Nele, espaço urbano de Tiradentes, o turismo é o maior símbolo, o principal meio de vida para a população e, por conseguinte, é também o foco das lutas entre os agentes produtores desse mesmo espaço.

O fato de que essa dissertação se propõe à compreensão de uma dada realidade, concreta e específica, não a exime de contribuir para um conhecimento ainda não apurado em outros estudos, como também de estabelecer uma ligação com um contexto acadêmico, social, político e econômico que extrapolam a realidade imediata pesquisada que é a cidade mineira de Tiradentes. LÉFEBVRE (2001:46) indica essa ligação ao afirmar que a cidade funciona como uma "mediação entre as mediações", pois depende das relações de imediatez (famílias, corporações etc.) que compõem a *ordem próxima* (relações dos indivíduos em grupos e desses grupos entre eles). Essa, por sua vez, relaciona-se com a *ordem distante* (a ordem regida por grandes e poderosas instituições, como o Estado), que "(...) se projeta na realidade prático-sensível. Torna-se visível ao se inscrever nela. Na ordem próxima (...) ela completa seu poder coator", ensina Henry LÉFEBVRE

(2001:52). Assim, esse mesmo autor argumenta que uma senda metodológica prevê "(...) o estudo das articulações entre os níveis da realidade", e que isso "(...) permite pôr em evidência as distorções e defasagens entre esses níveis, e não dissolvê-las (2001:52).

Como a modificação do espaço urbano de Tiradentes intensificou-se sobremaneira a partir dos anos 90, após uma longa "inércia" que o deixou "preservado", isso requer que o uso social que dele vem sendo feito tenha um precioso enfoque. De acordo com Maria Laura SILVEIRA e Milton SANTOS (2002:20), o estudo do território usado aponta para a necessidade de uma análise sistemática sobre a constituição do território.

É imprescindível retomar os enunciados apresentados anteriormente, a fim de clarear os objetivos postulados nessa seção da dissertação, ou seja:

- os estudos enfocam apenas a área urbana, e não todo o Município de Tiradentes;
- as relações entre espaço urbano e atividade turística são reconhecidas como muito importantes, mas não são as únicas que integralizam o quadro que permite a compreensão da formação socioespacial tiradentina;
- questões conceituais que objetivam dar suporte a esse estudo de geografia urbana estão dispersas ao longo da dissertação. Assim, não houve uma seção exclusiva para a apresentação de conceitos, que surgem, sobretudo, conjuntamente com os estudos da área urbana de Tiradentes, abordados neste capítulo.

O objetivo central aqui é o de expor a “comunicação” interna da Tiradentes, protagonizada pelo núcleo ou centro histórico e pela periferia, marcada pela abertura de loteamentos nas últimas décadas. O uso, a ocupação e a valorização imobiliária do centro histórico estão relacionados com o processo de migração para a periferia, em novos ou antigos bairros. Nos novos loteamentos desses bairros, evidencia-se a força da Prefeitura Municipal como o maior veículo indutor de expansão da mancha urbana de Tiradentes. Quanto às legislações, a cidade promove a confecção de leis que possam atender, a um só tempo, exigências específicas de uma área central do século XVIII e de bairros novos e velhos, influenciados por uma valorização

imobiliária que cresceu nas últimas décadas, assim como os novos moradores (alguns ilustres, como artistas plásticos e diretor de TV), a construção de residências secundárias e de novos loteamentos. De um lado há um centro histórico a ser mantido (mas não inerte, sem alterações) e, de outro, uma transformação socioeconômica e espacial que acelera seu ritmo de interferências; no meio de tudo isso, uma única legislação sendo elaborada.

Tiradentes é uma pequena cidade, com menos de 6 mil habitantes. Porém, após o que foi exposto, não se pode afirmar que é uma cidade simples de se “ler”. Portanto, essa dissertação procura contribuir para um maior conhecimento geográfico que visa “traduzir” a complexificação que ocorre na atual formação socioespacial tiradentina, o que permite inferir acerca de tendências futuras que estão sendo delineadas, assim como aquelas passadas que interferem ainda hoje em Tiradentes.

3.2. A INFRA-ESTRUTURA URBANA: INFLUENCIANDO OS LOTEAMENTOS E, LOGO, A OCUPAÇÃO DAS CIDADES

Com o intuito maior de demonstrar as relações entre o turismo e a ocupação e a modificação urbanas em Tiradentes, houve uma ênfase nas análises que permeiam as interações entre infra-estrutura e loteamentos.

Para iniciar com um conceito, GIOVANETTI e LACERDA (1996:109-110) indicam que infra-estrutura é a

estrutura básica e essencial para o desenvolvimento industrial e urbano, como o funcionamento de energia elétrica e rede de água, vias de circulação e acesso para o transporte de pessoas, matérias-primas e mercadorias – rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, comunicações, saneamento básico, sistema de drenagem e escoamento de águas servidas, além das chamadas indústrias de base (...).

Um problema a ser resolvido em Tiradentes, bem como em outras cidades turísticas é o do crescimento das chamadas “residências secundárias”, pois tendem a aumentar o número de construções e a “mancha urbana”, criando uma necessidade de instalação de infra-estrutura. Em cidades históricas, por exemplo, existe uma pressão nas periferias, que tendem a crescer em função da proibição de se construir nos centros históricos. Assim, a horizontalidade das construções em bairros periféricos demanda investimentos elevados, já que a extensão das redes de água e esgoto, por exemplo, passa a ser maior.

Via de regra, a saturação criada sobre a infra-estrutura das cidades (turísticas) é sensivelmente perceptível nos setores de transportes, com os congestionamentos e estacionamento escassos e indevidos, e de oferta de água. As altas temporadas e os eventos de grande fluxo são os detonadores dessa situação, que é fortemente sentida nas pequenas cidades pelo impacto de uma mudança brusca, se comparados tais períodos de atração de turistas com os dias “normais”, de baixa temporada.

Esses problemas, que resultam em fortes pressões, acabam por alterar o ambiente no qual a atividade turística é intensa, transformando-se numa necessária

prioridade de investimentos por parte das administrações municipais, mas nem sempre chegando a uma concretização em obras públicas. Isso está posto para que um único fator, o aumento de turistas nas altas temporadas, não se reverta em vilão do turismo e naquilo que KNAFOU denominou “medo da quantidade”. Trata-se de uma retomada do medo e do mito da superpopulação, derivados da velha ideologia malthusiana, agora travestidos com os nomes de “capacidade de carga” e de “desenvolvimento sustentável” (In: RODRIGUES, 2001:66).

É fato também que muitos loteamentos são lançados sem a devida lisura de seus promotores, que tentam se aproveitar dos interstícios urbanos em que a prévia existência da infra-estrutura nesses locais é um fator de valorização dos imóveis. Dessa forma é possível negociar com classes mais abastadas, das quais é possível a obtenção de lucros maiores. Especificando ainda mais esse item , CORRÊA afirma:

(...) verifica-se a produção de imóveis de luxo visando atender aqueles que dispõem de recursos, aí incluindo-se a produção de residências secundárias, em áreas de lazer, para este segmento da população (1989b:22).

Portanto, o objetivo dos empreendedores é trabalhar com uma demanda solvável, isto é, com os mais ricos. Assim, a saturação ou a proibição de construções em um bairro “obriga” os promotores imobiliários a ofertar bairros que tenham *status*, como acessibilidade, segurança, áreas verdes etc., fatores que confluem para a “parceria” entre abonados e empreendedores urbanos. BEAUJEU-GARNIER condena o paroxismo que é a situação da habitação nos países pobres, que absorve poucos investimentos, pois “(...) o capitalismo privado não está interessado nas carências das classes pobres e prefere especular sobre a mais valia fundiária ou imobiliária, através da construção de habitações reservadas aos ricos” (1980:327).

Por outro lado, bairros com deficiência de infra-estrutura compõem uma característica marcante e freqüente das cidades brasileiras, turísticas ou não. Para os promotores imobiliários, trabalhar com as classes populares não traz tantas vantagens econômicas devido aos baixos salários percebidos e porque não podem

construir habitações utilizando inovações, as quais uma vez utilizadas, gerariam um valor de uso superior às antigas construções (CORRÊA, 1989b:21).

As redes de água e esgoto e a coleta de lixo compõem o saneamento básico. São serviços imediatamente necessários à população, pois relacionam-se com a qualidade de vida e a salubridade. Através do saneamento básico é possível o controle e a prevenção de doenças, a melhoria da produtividade do indivíduo e, portanto, facilita a atividade econômica. A coleta e a disposição de águas residuais; o controle e a poluição das águas; a coleta, o transporte e a disposição de lixos urbanos, dentre outros fatores, compõem o saneamento ambiental (SIQUEIRA, 2005:38-39).

A relação nem sempre estável entre os saneamentos e os fluxos de população flutuante em períodos de grande atração de turistas configura um forte impacto do turismo nos locais de recepção e um fator que merece o cuidado da sociedade. Deve-se atentar não só para as responsabilidades governamentais, mas também para aquelas que determinam o envolvimento dos empresários que lucram com o turismo, como donos de hotéis e restaurantes, por exemplo. Setores que lucram diretamente com a atividade turística devem participar e consolidar políticas internas, na empresa, e externas, no Município, promovendo a melhoria dos padrões de saneamento e, por conseguinte, da qualidade de vida para as populações flutuante e fixa do local receptor .

3.3 - A SITUAÇÃO ATUAL DO MUNICÍPIO: POPULAÇÃO URBANA, QUALIDADE DE VIDA E TURISMO

O Censo 2000 identificou um total de 1622 edificações na área urbana de Tiradentes, sendo que 61% delas contam com rede de esgotos, 70% possuem abastecimento de água e 77% possuem coleta de lixo. Dessas edificações, as secretarias de Turismo, Cultura, Esporte, Lazer e Meio Ambiente de Tiradentes estimam, em seus cadastros, que 1413 sejam de uso exclusivamente residencial. Portanto, são 209 as edificações para os demais fins, sobretudo o de uso comercial, perfazendo cerca de 13% do total das edificações da área urbana. Porém, as famílias que utilizam suas residências para fins comerciais, sobretudo nos períodos de maior fluxo de turistas, colocam em xeque as informações oficiais da Prefeitura Municipal.

Tiradentes recebe, durante os finais de semana, cerca de 1000 visitantes, e cerca de 2000 visitantes durante os finais de semana com feriados, de acordo com dados da Secretaria Municipal de Turismo. "Tal visitação gera um aumento de 18% a 35% do número de pessoas em Tiradentes durante os finais de semana" (ARAÚJO, 2004:19).

Porém, nem sempre o panorama das visitas foi assim. Conforme já relatado anteriormente neste trabalho, o turismo ganhou a importância maior na economia tiradentina há poucas décadas, sobretudo a partir da década de 1990. Segundo os dados do IBGE, a população do Município de Tiradentes era de 4580 habitantes em 1991, passando para 5233 em 1996, e chegando a 5759 em 2000, no último recenseamento. Portanto, houve um crescimento da população municipal da ordem de 25,7% em dez anos. Destes 5759 habitantes, 4167 são residentes na zona urbana, correspondendo a 72,5% do total, enquanto 1592, ou seja, 27,5%, vivem na zona rural do Município. Segundo a GISMARKET, uma empresa que trabalha com dados georreferenciados para o Município de Tiradentes, a população era, em 2004, estimada em 4.460 pessoas na área urbana, dos quais 2.210 eram homens e 2.250 mulheres.

O crescimento do turismo na cidade pode ser observado, também, pelo número de empresas com CNPJ. Elas eram apenas 3 em 1969, passando para 6 em

1979, e para 36 em 1989, chegando, em 1999, a 257 unidades locais, segundo os últimos dados cadastrados (IBGE, 1999). Observa-se, desta forma, que o aumento de empresas alcançou 714% em pouco mais de uma década. Em 2002 foram cadastrados 86 pousadas e hotéis, além de 46 restaurantes e 87 lojas predominantemente voltadas para a venda de artesanato e antiguidades, ultrapassando a marca de 200 estabelecimentos comerciais que exploram o comércio relacionado com a presença de turistas.

Ralph Justino, ex-Secretário de Turismo de Tiradentes, falou em entrevista:

A presença de Yves Alves, antigo diretor da TV Globo Minas, na década de 1980, foi um ponto positivo para o patrimônio histórico de Tiradentes. Com a ajuda dele, a Fundação Roberto Marinho realizou restaurações em inúmeros imóveis. Nesta fase, o turismo da cidade começou a se intensificar, mas os Festivais de Cinema e Gastronomia, que começaram a ser realizados por volta do ano de 1995, foram os responsáveis pela demanda potencial existente nos dias atuais

O turismo proporcionou para Tiradentes um desenvolvimento econômico. Todas as lojas de artesanatos, boa parte dos hotéis e restaurantes, enfim, todos os empreendimentos diretamente ligados à atividade turística, têm o alvará cedido pela Prefeitura para funcionar regularmente. A Prefeitura fiscaliza constantemente as lojas de artesanato; não permite que estas deixem as calçadas interditadas com seus artigos. Não é muito bom para a imagem da cidade, ver as inúmeras mercadorias que ficavam expostas fora das lojas. Por isso, esta rígida fiscalização (23 de outubro de 2003).

Em contradição à resposta do secretário, PELLEGRINI FILHO (2000: 170) observou que a Prefeitura não cobra o IPI - Imposto sobre Produtos Industrializados, não atualiza os alvarás das empresas, não providencia as placas externas dessas empresas, não faz cadastros imobiliários etc.

O fato, porém, é que parte dos postos de trabalho criados pelo turismo em Tiradentes são ocupados por pessoas oriundas de outras cidades. Isso é o reflexo de uma situação socioeconômica precária que é ainda muito recente.

As características da estagnação estiveram bem delineadas até o final da década de 1970, conforme é possível depreender a partir de algumas informações

socioeconômicas acerca de Tiradentes, oriundas do Plano de Organização Espacial e Preservação do Centro Histórico de Tiradentes, da Secretaria de Estado do Planejamento (FJP - FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1980):

- Havia uma dependência marcante de Tiradentes para com São João del Rei: consta que inúmeras pessoas trabalhavam e estudavam em São João, e apenas a população mais pobre se abastecia do comércio local e de consumo imediato. Até o pão vinha de São João del Rei!

- Atualmente, tal dependência é menor: há uma demanda sobre os serviços educacionais de São João, como no caso de sua Universidade Federal, para ficar no mesmo tipo de exemplo da FJP;

- No setor turístico, exceto durante a Semana Santa e o carnaval, os hotéis e restaurantes ficavam permanentemente com capacidade ociosa. Existiam apenas 4 hotéis na cidade;

- Não havia nenhuma escola de ensino médio, 2º grau, em Tiradentes. Tal serviço era absorvido por São João del Rei;

- Tiradentes contava apenas com escolas de 1º grau (atual ensino fundamental). A demanda por escolas secundaristas e superiores era atendida por São João del Rei.

Em meados da década de 1980, a cidade já contava com escola de 2º grau (ensino médio), e a menos de 5 anos conta com um único curso superior - Normal Superior -, que funciona na Escola Municipal Marília de Dirceu, localizada no Largo do Sol e próxima ao Museu Padre Toledo.

A cidade não contava com um médico residente e apenas os beneficiários do FUNRURAL tinham atendimento médico e odontológico, mas apenas duas vezes por semana. A ausência de flúor na composição da água potável de Tiradentes provocava uma grande incidência de cáries, fazendo com que muitos jovens com menos de 20 anos fossem atendidos pelos "práticos" e já usassem dentaduras.

Atualmente, a cidade possui um equipamento recentemente inaugurado, classificado entre posto de saúde e hospital, a Santa Casa de Saúde, situada na rua Frei Veloso, na saída do centro histórico, em direção a Santa Cruz de Minas. A

Santa Casa possui 21 leitos.

Funciona em Tiradentes o Programa de Saúde da Família - PSF, situado próximo ao Chafariz, composto por uma equipe de 9 agentes, 1 médico, 1 enfermeiro de nível superior e 1 de nível técnico, além de 1 motorista, pois incide sobre as áreas rural e urbana. O programa abrange desde o acompanhamento de puericultura (até os 6 anos de idade) até o controle da desnutrição, higiene e outras anomalias em adultos e idosos (OLIVEIRA, 2004:140).

Há apenas uma farmácia, no Largo das Forras, que possui também funcionamento sob plantão em horário noturno.

No início dos anos 80, a perspectiva da economia local era limitada, pois não existiam condições para a sua dinamização sem o aporte significativo de capitais externos ou alterações determinadas institucionalmente.

O que se pode concluir é que a infra-estrutura da cidade é insuficiente tanto para a população residente como para a população flutuante, sendo que esta chega a ser até 6 vezes maior que aquela durante os grandes eventos, como o carnaval por exemplo. Assim, é possível entender o porquê de vários postos de trabalho não ficarem nas mãos de tiradentinos e também o domínio do principal eixo comercial da cidade, localizado sobretudo no Largo das Forras e na rua Direita, por parte dos ETs - os extratiradentinos ou estranhos de Tiradentes - designação dada pela população nativa aos imigrantes que aportaram na cidade com mais intensidade nas últimas três décadas.

Essa carência de infra-estrutura é que pode explicar a seguinte situação demográfica de Tiradentes: em 1920 possuía 1.236 habitantes, contra 1.142 em 1950. A população migrava para outras cidades em busca de melhores condições de vida. Entretanto, com a afirmação da atividade turística nas décadas subseqüentes, Tiradentes passa a ter índices elevados de acréscimo populacional, conforme atestam os dados a seguir.

Tabela 3 - População de Tiradentes: período de 1950 a 2000

ANO	POPULAÇÃO	CRESCIMENTO (%)	FONTE
1950	1142	-	FJP (CENSO 1950)
1960	1467	De 1950 p/ 1960 = 28,46	FJP (CENSO 1960)
1970	1830	De 1960 p/ 1970 = 24,75	FJP (CENSO 1970)
1980	2294	De 1970 p/ 1980 = 25,36	FJP (estimado)
1990	2893	De 1980 p/ 1990 = 26,12	FJP (estimado)
2000	4167	De 1990 p/ 2000 = 44,04	FJP (CENSO 2000)

Fonte: IBGE e FJP.

Gráfico 8 - Evolução populacional de Tiradentes (1950-2000)

Fonte: IBGE e FJP

Além da população, o acréscimo de qualidade de vida também pode ser verificado. Segundo pesquisa nos registros da GISMARKET, empresa que utiliza a tecnologia do Sistema de Informações Geográficas (SIG) para Tiradentes, pôde-se obter uma evolução do IDH-M, o Índice de Desenvolvimento Humano - Municipal. Esse índice é baseado no IDH, criado pela ONU a fim de medir a qualidade de vida obtida pela população de um determinado país.

O IDH-M é adaptado para avaliar a qualidade de vida nas cidades brasileiras, levando em consideração a educação (tempo de escolarização), a longevidade e a renda média dos habitantes do município em análise. Tal índice varia de zero (nenhum desenvolvimento) até um (desenvolvimento total), permitindo a seguinte classificação:

- De 0,800 a 1,000 - alto nível de desenvolvimento;
- De 0,500 a 0,799 - médio nível de desenvolvimento; e
- De 0,000 a 0,499 - baixo nível de desenvolvimento.

Tabela 4 - IDH-M de Tiradentes (1991-2000)

IDH-M	1991	2000	VARIAÇÃO (+)
Total	0,672	0,773	0,101
Renda	0,588	0,702	0,114
Longevidade	0,659	0,772	0,113
Educação	0,768	0,845	0,077

Fonte: Gismarket

Tabela 5 - Classes Sociais de Tiradentes - 2004

Classes Sociais	%
Alta 1	1
Alta 2	3
Média alta 1	5
Média alta 2	10
Média média	47
Média baixa	33
Miséria	1

Fonte: Gismarket

Tabela 6 - Escolaridade do Responsável Familiar

População por Faixas Etárias	%
0 a 9 anos	18
10 a 19 anos	19
20 a 29 anos	18
30 a 39 anos	17
40 a 49 anos	14
50 a 59 anos	7
60 em diante	7

Tabela 7 - Distribuição da População por Faixas Etárias

Escolaridade do Responsável Familiar	%
Básico Incompleto	29
Básico Completo	44
Fundamental	8
Médio	12
Superior	5
Mestrado/Doutorado	2

Fonte: Gismarket, 2004.

De acordo com o IDH-M, Tiradentes está com um médio nível de desenvolvimento, posicionando-se na 1.256^a colocação dentre os 5.507 municípios brasileiros constantes no censo de 2000. A tabela sobre a escolaridade do chefe familiar evidencia a necessidade de investimentos educacionais, mesmo porque 37% da população tiradentina possui menos de 20 anos de idade.

Os espaços públicos destinados ao lazer da população local são praticamente inexistentes. As praças de Tiradentes não estão equipadas com brinquedos para as crianças. Existe apenas uma quadra poliesportiva, o Ginásio da

Prefeitura (que conta também com uma piscina externa), onde também está funcionando provisoriamente a biblioteca municipal, anexa ao almoxarifado. O Ginásio localiza-se no bairro Parque das Abelhas.

Figura 50: Ginásio Poliesportivo, no Parque das Abelhas.

Os dados arrolados sobre Tiradentes têm um direcionamento: indicar a busca por uma "real" situação de cidade, pois há ainda uma reconhecida deficiência no equipamento urbano que serve os seus moradores. Isso está posto pois verte para uma breve reflexão sobre o conceito de cidade em vigência no Brasil, instituído no governo de Getúlio Vargas, através do decreto-lei 311/38, segundo o qual é urbano todo habitante que reside no interior dos perímetros delineados pelas Câmaras Municipais. Portanto, considera-se que as cidades possam suprir as necessidades de seus moradores. Ao relatar isso, fica evidente que Tiradentes precisa ampliar e qualificar seu equipamento urbano e, mais que isso, confirmar de fato a sua condição de cidade que ora atende sua população fixa e também a uma população visitante.

Apenas para efeito de comparação, caso Tiradentes estivesse em solo lusitano, as exigências para com o atendimento de seus residentes seria maior. De acordo com uma lei, aprovada pela Assembléia da República de Portugal, em vigor há mais de vinte anos, uma povoação só pode ser elevada à categoria de vila se possuir pelo menos metade de 8 equipamentos coletivos: 1) posto de assistência médica; 2) farmácia; 3) centro cultural; 4) transportes públicos coletivos; 5) estação

dos correios e telégrafos; 6) estabelecimentos comerciais e de hotelaria; 7) estabelecimento que ministre escolaridade obrigatória; 8) agência bancária. Pela mesma lei, uma vila só pode ser elevada à categoria de cidade se possuir pelo menos metade de 10 equipamentos urbanos coletivos: 1) instalações hospitalares com serviço de internação; 2) farmácias; 3) corporação de bombeiros; 4) casa de espetáculos e centro cultural; 5) instalações de hotelaria; 6) museu e biblioteca; 7) estabelecimento de ensino preparatório e secundário; 8) estabelecimento de ensino pré-primário e infantários; 9) transportes público, urbanos e suburbanos; 10) parques ou jardins públicos.

Além desses critérios, há uma preliminar eliminatória: para que seja vila, a povoação deve contar com mais de 3 mil eleitores em aglomerado populacional contínuo. E para ser elevada à categoria de cidade, a exigência mínima é de 8 mil eleitores. José Eli da VEIGA²⁸, comenta que são poucos os municípios brasileiros nos quais se pode encontrar 8 mil eleitores em aglomerado populacional contínuo. E mais raro ainda são os aglomerados populacionais que possuem alguns dos 10 equipamentos coletivos que definem as cidades portuguesas.

Portanto, é justo concluir que, apesar da inferioridade em número de habitantes, Tiradentes seria "aprovada" nessa avaliação lusitana - mais severa que a brasileira, já que seu equipamento urbano melhorou sobremaneira nas últimas duas décadas. A julgar pelos dados da Fundação João Pinheiro, de 1980, e pelos critérios de Portugal, Tiradentes não era uma cidade até esse período, situação que foi superada no decorrer das décadas de 1980 e 1990, conforme os dados do Município mostrados anteriormente que apontam para uma atual melhor condição de vida em Tiradentes.

²⁸ Comentário disponível em www.fea.usp/professores/zeeli.

3.4 - A OCUPAÇÃO RECENTE NO CENTRO E NA PERIFERIA, A PARTIR DA DÉCADA DE 1980

3.4.1 - A ocupação histórica: a formação do espaço intra-urbano de Tiradentes

A ocupação da cidade, com seu adensamento populacional e de ruas, precisa ser apresentada de forma cronológica, a fim de se criar a idéia do processo de construção e reconstrução intra-urbana em Tiradentes: afinal, a paisagem urbana é formada pelo acúmulo do tempo, de várias cronologias impregnando-a com seu respectivo período técnico e científico, como exporia o vetusto e sábio Milton Santos. Afinal,

(...) a planta de uma cidade é o resumo da sua história; por ela podem seguir-se as várias etapas de seu desenvolvimento (...), o espírito de conservação ou de agitação da geração actual; podem deduzir-se as necessidades de adaptação à vida de hoje e de amanhã. É um documento primordial para o geógrafo (BEAUJEU-GARNIER, 1980:114).

No último quartel do século XIX, com a implantação da estrada de ferro, houve uma alteração da estrutura física da cidade, que se expandiu em direção ao novo equipamento urbano instalado.

Durante as primeiras décadas do século XX houve melhoramentos urbanos, como a instalação de pontes de concreto sobre o Ribeirão Santo Antônio e sobre o Rio das Mortes, e um aumento do número de vias para o lado leste do Centro Histórico.

Em síntese: as modificações socioespaciais ocorridas em Tiradentes até a década de 1950 são lentas e de menor intensidade. Isso pode ser verificado nas cartas seguintes, que mostram uma mancha urbana de crescimento tímido.

Mapa 16 - A cidade de Tiradentes do século XVIII até a metade do século XIX

Fonte: FJP, 1980.

Mapa 17 - A cidade de Tiradentes em 1939

Fonte: FJP, 1980

Já a partir da década de 1960, com o asfaltamento do acesso principal de Tiradentes até o trevo da BR-265, ocorreu uma intensa ocupação a nordeste e sudeste do núcleo antigo, compreendendo as atuais áreas dos bairros Cascalho, Parque das Abelhas e Cuiabá.

Como tais assentamentos estão em terrenos municipais, essa situação norteou as tendências de expansão da malha urbana. Nesse período, tem início uma aceleração das transformações espaciais de Tiradentes, impulsionadas pelo turismo: é a "fase de transição" - de acordo com a terminologia empregada nesse trabalho - que segue sendo apresentada.

Os caminhos de acesso à cidade e a presença de vazios no entorno das edificações implantadas fora do contexto urbano mais imediato (as igrejas de São Francisco de Paula, das Mercês, Santíssima Trindade e o Chafariz) tiveram ocupação mais recente ou permanecem ainda sem ocupação. Para essas áreas, a hipótese (IPHAN, 1997:27) é a de que, caso tenha havido uma ocupação primitiva, ela teria sido frágil ou rarefeita, não tendo chegado ao início do século XX.

Em alguns casos, a ocupação recente deu-se de forma desordenada e inadequada, por um processo muito rápido de grande adensamento, que modificou o traçado e interferiu nas relações de uso da cidade, como é o caso da rua da Praia. Em outras áreas, a nova ocupação foi mais facilmente assimilada, ou por ser mais rarefeita ou por dar continuidade ao processo de ocupação preestabelecido, como no caso dos largos das Mercês e das Forras. Restam ainda vazios urbanos significativos, privatizados na forma de grandes lotes - vagos ou com baixíssima ocupação - como, por exemplo, trechos das ruas Padre Toledo e do Chafariz.

Mapa 18 - Tiradentes: taxas de ocupação dos lotes nas imediações do Núcleo Histórico

Fonte: IPHAN, 1997: 32.

O arruamento resultante não seguiu um desenho pré-definido, ajustando-se às linhas naturais do percurso já existente, bem como em larguras de caixas irregulares de ruas, que permanecem até hoje. Essas larguras variam de 5 a 10,20m para as ruas, e de 1 a 2,20m para as calçadas.

Mapa 19 - Tiradentes: mancha urbana em 1960.

Fonte: FJP, 1980.

Quanto à densidade de ocupação do solo (percentual da área edificada por quarteirão), ela era, em 1980, mais alta no núcleo antigo que nos demais bairros. A áreas de ocupação da época eram representadas pelos bairros Cuiabá, Pacu e Várzea de Baixo.

O turismo já se incorporava como atividade central na economia local, respondendo pela densidade de ocupação descrita anteriormente, além do fenômeno da gradativa saída da população nativa do Centro Histórico, em direção à periferia. A densidade habitacional da cidade, em 1980, era: no Centro, de 26 hab./ha; no Pacu, de 11 hab./ha; nos bairros Cascalho e Cuiabá, de 30 hab./ha; e na Várzea de Baixo, de 28 hab./ha. Segundo relato de 1980, da Fundação João Pinheiro, o número de edificações desabitadas no Centro Histórico era grande, sendo parte delas bens em espólios ainda não solucionados. Atualmente, a densidade demográfica da cidade de Tiradentes é de 69,38 hab./km (IBGE - Censo Demográfico, 2000).

Mapa 20 - Tiradentes: densidade demográfica em 1980

Fonte: FJP, 1980.

A próxima documentação cartográfica mostra que a cidade de Tiradentes sofreu uma expansão para nordeste e sudeste, se comparada com o mapa de 1960. As regiões sul e sudeste de Tiradentes eram as que mais cresciam - conforme a tendência indicada pela FJP, em 1980 - incidindo sobre os bairros Várzea de Baixo e Alto da Torre, ao sul, e Cuiabá, a sudeste.

Mapa 21 - Tiradentes: eixos de expansão da mancha urbana em 1980

Fonte: FJP, 1980.

3.4.2 - Ocupação, mudanças e características recentes no espaço urbano de Tiradentes

Em alguns casos, a ocupação recente deu-se de forma desordenada e inadequada, por um processo muito rápido de grande adensamento, que modificou o traçado e interferiu nas relações de uso da cidade, como é o caso da rua da Praia. Em outras áreas, a nova ocupação foi mais facilmente assimilada, ou por ser mais rarefeita ou por dar continuidade ao processo de ocupação preestabelecido, como no caso dos largos das Mercês e das Forras. Restam ainda vazios urbanos significativos, privatizados na forma de grandes lotes - vagos ou com baixíssima ocupação - como, por exemplo, trechos das ruas Padre Toledo e do Chafariz.

A áreas de ocupação já antigas do Centro da cidade, ao contrário do que se pode imaginar, não estão estáveis, pois permanecem com o processo de ocupação, incluindo lotes maiores, conforme demonstram os dois mapas seguintes.

Mapa 22 - Tiradentes: áreas de ocupação recente - 1997

Fonte: IPHAN (1997: 28).

Mapa 23 - Tiradentes: área dos lotes na região central - 1997

Fonte: IPHAN (1997:30)

Nesse sentido, as tendências "tradicionais" de ocupação nas direções sul, sudeste e nordeste de Tiradentes, já delineadas nos mapas de 1939, 1960 e de 1980 apresentados anteriormente, podem ser confirmadas pelo mapa a seguir, que aponta para uma intensificação de crescimento ao longo dos anos de 1980, 1990 e na atual década. Portanto, o crescimento horizontal experimentado por Tiradentes, promoveu uma notável expansão espacial num eixo de 180° que corre em sentido horário, a partir do norte do Centro - no Cascalho -, passando a nordeste, leste, sudeste e sul, englobando os seguintes bairros: Parque das Abelhas, Cuiabá, Alto da Torre e Várzea de Baixo, este último já na saída para a BR-265, acesso para São João del Rei e Barbacena.

Apesar das últimas transformações relatadas, Tiradentes permanece com a características dos quintais e suas áreas verdes entremeadas com as edificações no

Centro e também nos bairros.

Os mapas seguintes informam sobre as características detalhadas acima.

Vejamos:

Mapa 22 - Tiradentes: vista aérea das áreas verdes

Mapa 23 - Tiradentes: ocupação cronológica (1702-2005)

Fonte: CAMPOS, 2006.

No entanto, as últimas décadas - 1980 e 1990 - marcaram um crescimento do espaço urbano de Tiradentes para o lado oposto a esse "hemisfério leste de expansão". Assim, nas imediações da histórica Igreja da Santíssima Trindade cresceram os bairros do Pacu - ainda nas proximidades do Centro - e da Mococa, - este mais distante, a sudoeste.

Portanto, das áreas urbanas contíguas ao núcleo histórico setecentista, nota-se uma expansão acelerada em quase todas as direções, a exceção da região a noroeste do Centro, a última ainda não ocupada, até porque aí é o local onde o sítio tende a ser mais acidentado, pela presença da Serra de São José.

Mapa 24 - A topografia das imediações de Tiradentes

Fonte: OLIVEIRA, (2004:177)

A noroeste do Centro, numa região descontínua da manha urbana principal de Tiradentes, destaca-se o crescimento do bairro das Águas Santas já nas décadas de 1980, 1990 e na atual, cuja expressão pode ser indicada pelos loteamentos Jardim Belvedere e Vila São José. O bairro é acessado contornando a Serra de São José - que o separa espacialmente do "núcleo urbano contínuo" -, e atravessando trechos dos municípios de Santa Cruz de Minas e de São João del Rei, referenciados no mapa seguinte.

O outro bairro descontínuo ao núcleo principal é o César de Pina, localizado no acesso secundário de Tiradentes, trevo da BR-383, onde inclusive está parte do Aeroporto de São João del Rei, que consta no mapa abaixo. Próxima ao trevo pode-se observar a antiga Estação Ferroviária de César de Pina (mostrada nas fotos 49 e 50), atualmente ocupada e dividida por duas famílias.

Mapa 25 - Tiradentes e núcleos urbanos vizinhos

Fonte: www.cidadeshistoricas.art

Figuras 51 e 52: a Estação Ferroviária em César de Pina.

Dentre as questões que relacionam o turismo com a ocupação e a mudança recentes no espaço urbano de Tiradentes, podem ser citadas:

1) Os vários loteamentos promovidos, via de regra, pela Prefeitura Municipal, que já se aproximam do núcleo histórico, ao qual poderão interligar-se. Alguns

destes loteamentos serviram de “abrigo” para a classe média local, após a venda de suas casas no núcleo histórico, onde têm um grande valor venal, em detrimento dos novos bairros, que são menos valorizados.

Segundo alguns moradores, mesmo não contando com o apoio efetivo da prefeitura, Tiradentes foi sendo remodelada, a partir da década de 1990, com investimentos em equipamentos e serviços feitos por empresários vindos de fora. Em 2001, a cidade tinha mais de 50 hotéis e pousadas, 25 restaurantes, onde o visitante podia encontrar desde a comida típica mineira até as culinárias italiana e francesa. Em contrapartida, as diárias dos hotéis giravam em torno de R\$ 100,00 a R\$ 250,00, conforme a temporada, sendo que uma casa no centro histórico passou a valer R\$ 100.000,00 (MAGALHÃES, apud SIQUEIRA, 2004:74).

A secretária do IPHAN - Seção Tiradentes, Aparecida Nascimento, ela própria moradora da valorizada rua Direita, informou²⁹ que esse valor pode ser até quatro vezes maior. Tal mudança está ligada a uma imigração populacional verificada após o *boom* do turismo na década de 90, quando a cidade sediou a filmagem de uma minissérie da TV Globo, atraindo como morador um de seus diretores, Yves Alves, o que explica os investimentos da Fundação Roberto Marinho em Tiradentes (PELLEGRINI FILHO, 2000:169).

Figuras 53 e 54: duas ruas das mais valorizadas de Tiradentes: Rua Ministro Gabriel Passos e Rua da Câmara.

²⁹ Entrevista concedida em 16 de outubro de 2004.

2) Os imigrantes, chamados por parte dos naturais de Tiradentes de “Ets”, estranhos de Tiradentes, têm ocupado o espaço econômico e sociocultural local, a exemplo do que ocorreu com a Secretaria de Turismo, que esteve a cargo de Ralph Justino, atual secretário de turismo da vizinha cidade de Barbacena. Muitos dos comerciantes instalados nas áreas mais rentáveis e estratégicas, como o Largo das Forras, praça central da cidade, são imigrantes. "Verificou-se, também, que muitos artistas, entre pintores e escultores, resolveram nela fixar residência, inclusive alguns provenientes do exterior" (MAGALHÃES, apud SIQUEIRA, 2004:74). Por seu turno, a população local, não podendo ser proprietária de equipamentos ou serviços de apoio turístico e com baixa qualificação, emprega-se em atividades de baixa remuneração e com longas jornadas de trabalho, em especial na temporada dos eventos. São criados, com frequência, subempregos para a população local. Muitos são empregados dos “forasteiros” ou ocupam atividades não registradas, mas que atendem à demanda turística, como, por exemplo, charreteiros, vendedores de picolé e de pipoca, guias de turismo não registrados etc. Grande parte dos imigrantes é oriunda das principais capitais do país, como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, além de Juiz de Fora e cidades próximas. É preciso ainda descortinar a influência do contato da população de Tiradentes com imigrantes oriundos de cidades tão distintas da realidade sociocultural que essa pequena cidade encerra. Além disso, coube a todos os naturais de Tiradentes conviver com a inflação de preços decorrentes da exploração do turismo, praticados por exemplo nos aluguéis e serviços de alimentação, mas também para a consecução de maiores lucros sobre os turistas³⁰.

3) A falta de um Plano Diretor é um dos sérios e comprometedores problemas de Tiradentes. Por isso, certas descaracterizações já ocorreram, como as imitações de estilo, chamadas de “pastiches” pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, que é uma representação do poder público federal com presença na cidade. A partir de 20 de janeiro de 2004 entrou em vigor a Lei de Uso e Ocupação do Solo e um Código de Obras, sob a tutela da Prefeitura Municipal,

³⁰ Informações obtidas a partir de pesquisa em Tiradentes.

que contou com apoio da UFV – Universidade Federal de Viçosa, e de advogados de Belo Horizonte, conforme informações da Secretaria de Turismo. Lendo-os, é perceptível que, em certos casos, houve uma justaposição de regras que foram tiradas de outras cidades, como é o caso da metragem do afastamento lateral das construções. Como exigir afastamento numa área edificada no século XVIII e que compõe o grande atrativo de Tiradentes? Durante a realização da Lei, em 2003, que ainda estava sendo formada, existiam determinações para os edifícios, sendo que na cidade as construções limitam-se em até dois pavimentos! Tal gafe foi devidamente desfeita com a correção presente no Capítulo IX, "Ocupação do Solo", em sua Seção IV, "Altura das Edificações".

4) Ainda no campo das legislações, Tiradentes está apenas parcialmente adaptada ao Estatuto da Cidade. De acordo com a lei número 10.257, de 10 de julho de 2001, denominada Estatuto da Cidade, em seu artigo 41 (p.426), consta que o plano diretor é obrigatório para as cidades “integrantes de áreas de especial interesse turístico”. Esta “categoria” de cidade não está obrigada a criar plano diretor num prazo de cinco anos da entrada em vigor da lei, ou seja, até julho de 2006, mas apenas as que possuem mais de 20.000 habitantes e as que são integrantes de regiões metropolitanas e aglomerações urbanas (p.425). Talvez isso explique a demora para o início de medidas práticas para a consecução de um plano diretor para Tiradentes. Todavia, independentemente desta lei, seria criterioso e sensato que a cidade já dispusesse de mecanismos que orientassem melhor a sua “vida socioespacial”.

5) A falta do plano diretor interfere na inclusão de Tiradentes como Patrimônio da Humanidade, pois toda cidade que almeja esse título deve Ter o seu plano. Essa é uma das exigências da UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Para a consecução dessa titulação, Tiradentes precisa organizar seu plano diretor como prevê o Estatuto da Cidade, embora tal recurso jurídico ainda não tenha sido “... utilizado pelo governo brasileiro para persuadir o Comitê do Patrimônio Mundial da inscrição das cidades históricas

brasileiras", opina Fernando F. da SILVA (2003:144). Ele relata que a grande maioria das cidades teve a sua inclusão na Lista do Patrimônio Mundial com base em até mais de um critério. Esta mesma situação pode ser pretendida no caso de Tiradentes, já que o Comitê considera um bem cultural de valor excepcional, quando: a)"exerce influência, por um período de tempo ou dentro de uma área cultural específica do mundo, a respeito do desenvolvimento da arquitetura, das artes monumentais; b)"representa um testemunho especial ou no mínimo excepcional de uma civilização ou tradição cultural desaparecida"; c)"é um exemplo de um tipo de construção ou conjunto arquitetônico ou paisagem que ilustre significativo(s) estágio(s) da história humana" (SILVA, 2003:94). Tiradentes enquadra-se, portanto, em 3 dos 6 itens considerados pelo Comitê. Os novos usos que os bens históricos têm hoje, diferentemente do passado, não interferem na inclusão das cidades na Lista do Patrimônio Mundial. Porém, é necessária a "... comprovação de que o Estado interessado adotou medidas protetoras ao bem objeto de inscrição" (SILVA, 2003:93).

A enumeração dessas situações não encerra todas as relações existentes entre turismo e espaço urbano em Tiradentes, mas tem abrangência sobre relevantes questões que estão construindo a história atual da ocupação da cidade.

Há, na atualidade, uma necessidade premente de a ciência se ocupar com o cotidiano dos lugares, pois há uma modificação muito rápida de "tudo": do espaço, das técnicas, das pessoas até etc., num movimento contínuo da sociedade que caracteriza a chamada "aceleração contemporânea", termo criado por Milton Santos (SANTOS e SILVEIRA, 2002:77). Assim, se antes era preciso que se deixasse passar o tempo de uma geração para estudar o espaço, pois aí sim modificações importantes poderiam ser percebidas, hoje é uma instantaneidade que insere nas cidades traços complexos de outras cidades, numa simultaneidade transformadora dos espaços que se margeiam e dos espaços distantes.

Como já expresse anteriormente, Lefebvre faz uma distinção entre *cidade* e *urbano*. Para ele, a cidade constituiria o que chama de *ordem próxima*, na qual é possível pensar em escala local, revelando o que é vivido. Já o urbano, indicaria a

ordem distante, através da qual depreende-se os processos generalizados que estão relacionados com o processo de urbanização.

O que isso tem a ver com Tiradentes? Indubitavelmente, os tiradentinos vivem numa "cidade dual". Isso significa que sua população enfrenta situações que vão da simplicidade de uma pequena cidade, até um certo ar cosmopolita. Isso significa ainda que existe parte da população invadida por um sentimento de apreço e de identificação com esse processo de atração de turistas e de moradores, com a sofisticação do equipamento urbano local. Entretanto, há também quem não se identifique com as "novidades" impostas pela atual função de Tiradentes. Para esses que "não se enquadram", às vezes nem o apelo econômico seduz. Todo esse panorama de transformações rápidas e recentes pode criar um sentimento de destruição e/ou de metamorfose em crenças, comportamentos, culturas etc. locais, como no exemplo dado aqui nessa dissertação, o da Semana Santa, derivado dos estudos de Giovanninni Jr. Portanto, é no plano local que se concretiza, se realiza o processo de mundialização, podendo levar a formação de uma idéia de *estranhamento* - nas palavras de Ana Fani ^a CARLOS (2004:9) - do indivíduo habitante para com a sua própria cidade. Assim, essa dimensão da possível transmutação dos valores, das tradições; da valorização e da relação da população local com o patrimônio histórico-arquitetônico de Tiradentes, dentre outros itens, constituem espaços de investigação científica.

3.4.3. As faixas de ocupação

A população urbana de Tiradentes está distribuída em 10 faixas de ocupação³¹, denominadas pela tradição local como: Alto da Torre, Canjica, Cascalho, Centro, Cuiabá, Mococa (cujo nome oficial, de acordo com Prefeitura Municipal, é Recanto da Serra), Pacu, Parque das Abelhas, Santíssima Trindade e Várzea de Baixo.

As faixas da Santíssima Trindade e da Canjica são muito estreitas e de pequena extensão. Elas estão inseridas no crescimento dos bairros adjacentes. Assim, a expansão da SS. Trindade pode ser observada através dos bairros da Mococa e Pacu; enquanto a Canjica está encravada no Parque das Abelhas. Além do mais, Santíssima e Canjica não estão recebendo novos loteamentos. Todos esses fatores reunidos fizeram com que tais faixas fossem subtraídas de uma análise particularizada, como segue agora para cada bairro de Tiradentes.

O quadro três (abaixo) é indicativo do contexto das mudanças urbanas recentes em Tiradentes: apesar de contar com o maior número de habitações, o Centro é apenas o 4º mais populoso, seguido de perto pela Mococa. Os três primeiros colocados em população - Cascalho, Cuiabá e Várzea de Baixo - são bairros cuja ocupação é antiga e ainda em curso. Tudo isso revela também o uso intenso do Centro para as atividades terciárias, amplamente influenciadas pelo turismo, enquanto os bairros recebem a população tiradentina recém-saída da região central, os imigrantes e ainda a construção de residências secundárias.

Portanto, é possível o seguinte vaticínio: como os novos empreendimentos imobiliários na cidade vêm priorizando os bairros, e não o Centro - que por seu turno tende a se tornar ainda mais terciário - estes devem concentrar um percentual ainda maior da população de Tiradentes nas próximas décadas.

³¹ O termo "faixa de ocupação" refere-se aos locais dentro da área urbana de Tiradentes que foram ocupados de forma espontânea ou planejados, mas que não possuem uma delimitação precisa. Foram analisadas apenas as áreas contínuas ao núcleo histórico, que têm uma representatividade maior, se comparadas com os bairros descontínuos - Águas Santas e César de Pina.

Tabela 8 - Tiradentes: relação entre bairros e número de habitantes - 2004

Nº	Bairro	Habitações	Habitantes
1	Cascalho	355	800
2	Cuiabá	258	729
3	Várzea de Baixo	208	574
4	Centro	380	483
5	Mococa	189	432
6	Alto da Torre	191	378
7	Parque das Abelhas	164	374
8	Pacu	120	358
9	Santíssima Trindade	154	328
-	Somatório	2019	4456

Fonte: Prefeitura Municipal de Tiradentes, 2004.

Mapa 26 - Tiradentes: vista aérea geral dos bairros

onte: www.google.com.br

Segundo Olinto dos Santos Filho, pesquisador do IPHAN - Seção Tiradentes, a maioria das faixas de ocupação tem origem no final do século XVIII, a partir da implantação de importantes monumentos como a Igreja de São Francisco de Paula, a Igreja da Santíssima Trindade e a Igreja de Santo Antônio do Canjica, que deram origem a ocupação das áreas conhecidas como Alto São Francisco (cuja expansão deu origem ao bairro do Cascalho), Santíssima Trindade e Canjica.

Apesar da origem setecentista, tais faixas só foram adensadas na década de 1970, de forma espontânea na Santíssima e na Canjica, e no Cascalho através de loteamento regularizado pela Prefeitura Municipal de Tiradentes. Esses locais têm, até hoje, como principais marcos em suas paisagens urbanas, as igrejas que deram origem à sua ocupação.

Figura 55: Igreja da Santíssima Trindade.

Figura 56: Igreja de Santo Antônio da Canjica

a) Cascalho

O bairro Cascalho é o primeiro bairro de expansão da cidade, já no início do século XX. Possui o privilégio de ser vizinho do centro histórico e ao mesmo tempo da Serra de São José. Por isso é o bairro mais populoso de Tiradentes. Porém, segundo OLIVEIRA (2004:204), as pontes do bairro sobre o ribeirão Santo Antônio são estreitas e necessitam de guarda corpo. De acordo com o relato dos moradores, as muretas laterais, que eram de pedra, foram levadas enxurradas abaixo.

b) Parque das Abelhas

Nas décadas de 1980 e 1990 foram realizados os últimos grandes loteamentos da cidade. O primeiro, o Parque das Abelhas - que hoje constitui um dos bairros de Tiradentes -, foi efetivado pela iniciativa privada em 1987. Um único

terreno foi desmembrado em grandes lotes, ocupados predominantemente por residências permanentes, e também as temporárias, destinadas às populações das classes média e média-alta, formando junto com o Centro, as áreas de maior valorização imobiliária da cidade. Apesar disso, algumas ruas ainda não possuem passeio cimentado.

Os lotes maiores permitem a presença de grandes áreas verdes, o que é uma característica da implantação tradicional de bairros em Tiradentes. Por outro lado, observa-se a preferência pela construção de edificações de grande porte e de dois pavimentos, o que prejudica sensivelmente a visibilidade da Serra de São José em alguns pontos na Canjica e no Cuiabá.

O Ginásio Poliesportivo e o Prédio Anexo, que abriga o Almoxarifado e a Biblioteca Pública, estão situados no Parque das Abelhas.

Figura 57: Parque das Abelhas.

Figura 58: Casa no Parque das Abelhas.

Mapa 28 - Os bairros Cascalho e Parque das Abelhas

Fonte: CAMPOS, 2006.

Escala: 1:5000

c) Cuiabá

O bairro Cuiabá sofreu uma expansão ainda na primeira metade do século XX. Contudo, ainda está sendo alvo de loteamentos (vide mapa) e seu adensamento pode ser atestado por ser o segundo bairro mais populoso da cidade. Pode ser classificado como um local de moradia da classe média, com muitas construções inacabadas e ruas com traçados e larguras irregulares.

Conforme é possível visualizar no mapa, o bairro Cuiabá é composto por dois quarteirões e por duas ramificações, que seus atuais locais de expansão urbana:

- a primeira é chamada de *Cuiabá de Cima*, que situa-se ao longo da saída do Centro para nordeste, a caminho de Vitoriano Veloso (Bichinho), em Prados. Nessa ramificação encontra-se o condomínio "Terra dos Cuiabás", lançado em 2002 pela iniciativa privada;

- a outra ramificação é conhecida como *Cuiabá de Baixo*, se estendendo nas proximidades - cerca de 150 m - do rio das Mortes, sentido montante. Em 2004 foram iniciadas as obras do loteamento residencial "Maria Barbosa". Mais a leste ainda, a 3 km do bairro, situa-se o local de despejo de lixo, que é alugado para a Prefeitura.

Apesar de comporem o mesmo bairro, essas duas partes do bairro Cuiabá encerram distâncias de até 3 km, o que é considerável para uma mancha urbana pequena como a de Tiradentes, o que também revela que aí está presente o recente crescimento da cidade.

Mapas 29 e 30 - A ocupação do bairro Cuiabá em andamento

Fonte: www.google.com.br e CAMPOS, 2006.

d) Várzea de Baixo

Sobre a Várzea de Baixo, existem documentos que comprovam a existência de sua ocupação desde o final do século XIX (ARAÚJO, 2004:22), provavelmente devido a implantação da linha férrea naquela região da cidade. O bairro localiza-se entre a linha férrea e o acesso principal da cidade, pelo sul, que é a BR-265. Porém, esta ocupação ficou praticamente estagnada até a década de 1970, quando começa o seu adensamento. A partir daí, a região é ocupada predominantemente por edificações residenciais para a população de baixa renda. Dessa forma, constitui-se, atualmente, no terceiro bairro mais populoso de Tiradentes, atrás do bairro Cuiabá, cuja ocupação foi semelhante ao da Várzea.

Na década de 1990 inicia-se a ocupação da Avenida Governador Israel Pinheiro, na região da Várzea de Baixo, por pousadas e hotéis de maior porte. Entretanto, OLIVEIRA (2004:210) indicou a necessidade de cuidados com a limpeza dessa via de acesso, "(...)evitando que ao longo do percurso turístico sejam observados terrenos com lixos, entulhos ou situações que venham a causar um impacto negativo".

Figura 59: Várzea de Baixo.

Figura 60: Pousada na Várzea de Baixo.

O bairro Várzea de Baixo pode ser apontado como de grande expansão nas últimas décadas, pois vem recebendo a implantação de loteamentos em profusão: Loteamento Rainha da Paz (1996); Loteamento Recanto das Pedras (1999-2000); Loteamento Parque dos Bandeirantes (2001).

e) Mococa (Recanto da Serra) e Alto da Torre

Os outros dois loteamentos lançados nos de 1980 e de 1990 são a Mococa e o Alto da Torre, que foram lançados pela Prefeitura Municipal. Tais áreas foram ocupadas principalmente com edificações residenciais pela população tiradentina de baixa renda.

Figura 61: Mococa

Figura 62: Alto da Torre

O bairro da Mococa tem a possibilidade de explorar turisticamente o fato de ser cortada pela Estrada Real, pois está ao sudoeste do Centro, no sentido Santa Cruz de Minas, cuja ligação começa também a ser adensada.

As ruas do bairro, já com largura constante, refletem um certo planejamento, embora algumas delas ainda não tenham sido pavimentadas.

O nome "Mococa" é de uso popular, mas o bairro também é designado como Recanto da Serra, em virtude de um loteamento de mesmo nome lançado em 1993.

Mapa 31 - Localização dos bairros Alto da Torre e Várzea de Baixo

Fonte: CAMPOS, 2006.

O Alto da Torre é, como a Mococa, um bairro de crescimento na década de 1990 - loteado também em 1993 -, que possui infra-estrutura deficitária e está situado internamente, fora de visão para os turistas. O bairro localiza-se à direita de quem entra na cidade pelo acesso principal - entre o trevo da BR-265 e a Estação Ferroviária - que separa o Alto da Torre e o bairro da Várzea de Baixo.

Contudo, há uma tendência de valorização do bairro, em função de sua vista exclusiva para o Centro Histórico de Tiradentes, e de crescimento para a encosta oposta, ao sul. A instalação do Residencial Parque dos Bandeirantes, deixa entrever essa situação.

Mapa 32 - O bairro Alto da Torre e sua área de expansão

f) Pacu

A região do bairro Pacu, que era apenas um caminho para a Serra de São José, começa a ser adensada a partir de 1960, depois da abertura da estrada para São João del Rei, que substituiu a Estrada Velha, que passava pela área da Santíssima Trindade. O Pacu está situado entre o bairro Santíssima Trindade e o córrego do Pacu, no pé da Serra de São José, ao longo da saída para Santa Cruz de Minas. Seu adensamento foi intensificado a partir de um loteamento iniciado em 1983. Assim, já possui mais habitantes que o bairro da SS. Trindade, cuja ocupação é muito antiga, ordenada em torno da igreja homônima.

Mapa 33 - Os bairros e a ocupação atual da zona sudoeste de Tiradentes

g) Centro Histórico

O Centro é caracterizado pelo conjunto tombado do casario setecentista. O uso das edificações é predominantemente voltado para a atividade turística. Dos 219 imóveis utilizados para fins comerciais na área urbana, 117 encontram-se no centro: 42 pousadas e hotéis, além de 38 restaurantes e 37 lojas.

Além da atividade comercial, o centro é o cenário dos vários eventos turísticos realizados na cidade. Além dos eventos tradicionais, como a Semana Santa e o Carnaval, foram criados na década de 1990 vários atrativos com o objetivo de uniformizar o índice de frequência de visitação à cidade, como a Mostra de Cinema, o Festival de Cultura e Gastronomia e o Encontro de Motos Harley Davidson. Dentre tais eventos, os de maior porte são o Carnaval e a Mostra de Cinema, que atraem entre 30 e 40 mil visitantes cada, o que corresponde a

aproximadamente de 6 a 8 vezes a população da cidade.

Segundo reportagem da revista *Veja*, de fevereiro de 2002, 80% do casario do núcleo histórico de Tiradentes pertence aos "ETs" (extratiradentinos)³², onde a valorização dos imóveis aumentou 400% em 10 anos, sendo que a maioria não é mais de uso residencial (EDWARD, 2002:74).

Nesse sentido, é possível apresentar o exemplo do loteamento da iniciativa privada chamado "Quinta Imperial", lançado em 2004, mas ainda sob embargo, devido a mobilização do IPHAN junto ao Ministério Público, alegando que essa obra descaracterizaria o conjunto paisagístico da área conhecida como Várzea do Cacheu (lê-se Cachêu), onde nasceu o poeta Basílio da Gama. Segundo o IPHAN, não houve a apresentação de estudo de impacto ambiental - uma exigência do IBAMA - e nem a comunicação ao escritório do IPHAN em Tiradentes.

O IPHAN sustenta que o conjunto arquitetônico da cidade não se resume na soma ou na simples justaposição das ruas, praças, casas, igrejas e edifícios públicos, pois atinge também os imóveis e as paisagens que contribuem para a configuração do conjunto patrimonial.

O loteamento Quinta Imperial localiza-se ao final da rua Martim Paolucci, de fundos para o Recanto da Serra, nas imediações do campo do Aimorés Futebol Clube. Veja sua localização no mapa.

³² A denominação "ETs" é dada pela população nativa de Tiradentes aos imigrantes que se fixaram na cidade, sobretudo a partir dos anos de 1970. De acordo com PELLEGRINI FILHO (2000:5), a maioria dos "ETs" chegou visando comprar antiguidades na cidade, como móveis e imagens sacras.

Mapa 34 - Vista aérea do Centro de Tiradentes

Mapas 35 e 36 - O Centro de Tiradentes e sua mais recente ocupação

Fonte: CAMPOS, 2006.

Escala: 1:5000

Fonte: CAMPOS, 2006.

3.4.4. O Centro Histórico: restauração, revitalização e gentrificação incompleta³³

A situação encontrada na cidade e relatada pelo jornalista José Edward, em 2002, tem explicação em décadas anteriores, sobretudo a de 1980, quando a cidade e, em especial, o Centro Histórico, passou por uma "campanha" de valorização de seu patrimônio, envolvendo a ação dos governos do Município, do Estado e da República, em conjunto com entidades da própria cidade e outras de fora, responsáveis por um grande aporte de capitais em Tiradentes, multiplicando a chegada de turistas e de seus recursos; atraindo migrantes de várias partes do país; "vendendo" a imagem da cidade pelo país.

Na década de 1980, é possível perceber os investimentos que foram feitos em Tiradentes, através das referências a ações e projetos que visavam a preservação e o embelezamento da cidade, desenvolvidos pela SPHAN, em parceria com a Prefeitura, com o Governo do Estado e através da Empresa Brasileira de Turismo - EMBRATUR, com o Governo Federal. Tais ações e projetos explicitam o fato de a preservação ter sido utilizada como parceira para o desenvolvimento turístico da cidade e região, conforme atestam os boletins da SPHAN:

Cinco praças e largos localizados no núcleo histórico de Tiradentes (...) terão seu agenciamento paisagístico executado pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (SPHAN), com recursos do convênio firmado com a (...) EMBRATUR. O projeto final será do paisagista Burle Marx, que o executará gratuitamente, a partir de levantamentos feitos pela SPHAN (PRAÇAS, 1980:13)

A 7ª DR, através do Escritório Técnico que atende às cidades de Tiradentes e São João del Rei, vem mantendo uma equipe permanente formada por cinco operários, que devidamente orientada, executa obras de primeiros socorros em diversas edificações particulares (RESTAURAÇÃO, 1984:13).

Cidades como Ouro Preto e Tiradentes (...) estão tendo todos os imóveis que integram seus sítios históricos visitados, medidos e fotografados um a um por técnicos e estagiários (...) (PRINCIPAIS, 1988:8).

Apesar de toda a beleza e o empenho de Burle Marx sobre o Largo das

³³ Termo criado para designar exclusivamente o processo de gentrificação de Tiradentes. O estudo desse processo é pioneiro, um estudo-

Forras, há quem relativize tal aspecto urbanístico de Tiradentes: "Discute-se, todavia, a validade de um tratamento de paisagem urbana segundo uma estética moderna, destoando de todo o contexto colonial da cidade" (PELLEGRINI FILHO, 2000:67).

Destaca-se ainda, neste mesmo período, a atuação da Fundação Rodrigo Mello de Franco Andrade que, com o apoio do então governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, e de Yves Alves, consegue verbas da iniciativa privada para a recuperação de importantes imóveis da cidade, como a antiga Câmara Municipal, hoje Fórum; a Casa do Padre Toledo e a antiga Cadeia, hoje museus. Realizou ainda a restauração do órgão renascentista da Matriz de Santo Antônio, que estava desativado há décadas.

A obra de maior destaque do período foi a instalação de uma rede subterrânea de energia elétrica para adaptação da iluminação pública, eliminando a poluição visual causada por postes e fiação elétrica aérea. Essa obra foi realizada em parceria com o Governo do Estado, através da Companhia Energética de Minas Gerais, a CEMIG.

Outro grande parceiro na revitalização da cidade foi a Sociedade de Amigos de Tiradentes - SAT, que teve como grandes incentivadores John e Anna Parsons (ARAÚJO, 2004:17). "Entre as décadas de 1970 e 1980, dois visitantes, (...) vislumbraram um futuro promissor para a cidade e começaram a investir no turismo local" (SIQUEIRA, 2004:73).

A ação conjunta dos setores privado e público na cidade, através de investimentos que promoveram a sua preservação e a implantação de equipamentos turísticos, ressaltaram os atrativos de Tiradentes, proporcionando sua real inserção em diversos roteiros turísticos regionais e até nacionais. O crescimento da atividade turística, na década de 1980, pode ser observado através da grande divulgação da cidade nas revistas especializadas, que destacavam seus atrativos e o tipo de turista para o qual a cidade era recomendada, ou seja: "(...) para quem precisa de um lapso de requinte e sossego para enobrecer o cotidiano aviltado pela pressa", comenta

Alberto DINES³⁴ (apud ARAÚJO, 2004:17).

É justamente com esses ingredientes - restauro, revitalização e requinte, que a cidade vai passar a conhecer novas situações: a migração e a gentrificação "incompleta". Tudo isso a partir de um marco radial: o Centro Histórico.

Primeiramente é preciso esclarecer o significado dos termos *restauração*, *revitalização* e *gentrificação*, que estão associados ao recente processo de mudança do centro e que influenciou toda a Tiradentes, situações que serão desenvolvidas a seguir.

De acordo com Eduardo YÁZIGI, a *restauração* é "um complexo e sofisticado trabalho de redevolver forma original nos menores detalhes a uma obra de arte ou edifício" (2005:87). Como está relacionada a gastos elevados, a restauração envolve comumente a participação de empresas privadas, exatamente como se procedeu em Tiradentes.

Já a *revitalização* liga-se a "(...) uma nova vida no edifício ou no espaço urbanístico, (...) e pode se extravasar para o entorno, por contágio" (YÁZIGI, 2005:84). O que o autor chama de "nova vida" diz respeito a "nova função" que surge daí. É isso que explica porque o jornalista José EDWARD, ao falar do casario do núcleo histórico, diz que "a maioria *não é mais* de uso residencial" (2002:74). Eduardo YÁZIGI afirma que

A revitalização, acontecendo em áreas já ocupadas, ocorre, de praxe, em lugares historicamente mais sedimentados. Eis porque a revitalização costuma valorizar a dimensão humana; o patrimônio histórico e ambiental; a simbologia, e por consequência, o turismo também. Todavia, na medida em que esses tipos de mais-valia têm grande aceitação popular, a fórmula mais frequente se dá através de parcerias do poder público com empresas que usam a revitalização como marketing cultural (2005:84).

A frase de Yázigi fornece subsídios para que possamos entender a grande utilização de Tiradentes como "cenário" para novelas da TV Globo e dos filmes

³⁴ DINES, Alberto. "São João del Rei: Viagem à Minas Gerais de Tancredo Neves, num roteiro que inclui também a cidades de Tiradentes e Prados". In: REVISTA QUATRO RODAS. São Paulo, Editora Abril, nº 299, junho de 1985, p.130-141.

produzidos pela Globo Filmes. É claro que a influência de Yves Alves, um dos homens-fortes da TV Globo-Minas, e que viria a ser morador da cidade, pode ser apontada, mas não é a única explicação para os investimentos da Fundação Roberto Marinho em Tiradentes, e tampouco a mais provável. Talvez seja a mais ingênua e de mais fácil consecução ao se investigar a história da cidade.

Tiradentes, a exemplo de milhares de outras cidades brasileiras, conheceu seu esplendor inicial a partir de sua área central que, justamente por isso, é a sua "alma": simboliza, num pequeno espaço intra-urbano, a história da formação de uma cidade que é constituída por menos de 20 famílias originais³⁵ - considerando-se, obviamente, apenas a população nativa de Tiradentes, e excluindo-se os imigrantes das últimas décadas.

Assim, com todo o aporte de capitais que revitalizou o Centro Histórico e levou Tiradentes para os roteiros turísticos do país, a especulação veio na esteira de tais mudanças e trouxe consigo mais uma característica para a agitada vida tiradentina: a intensificação da chegada de novos moradores.

De acordo com PELLEGRINI FILHO, as décadas de 1960 e 70 marcam a chegada de estrangeiros em Tiradentes, atraídos pela aquisição de móveis e outros objetos antigos e de imagens sacras (2000:5). Porém, todos os estudiosos da cidade (PELLEGRINI FILHO, 2000; ARAÚJO, 2004; OLIVEIRA, 2004; SIQUEIRA, 2004; TADINI JR., 2005), apoiados em dados de entidades como o IBGE e a Fundação João Pinheiro, além da própria Prefeitura Municipal, indicam que o período maior de imigração ocorreu a partir dos anos de 1980. Mineiros, paulistas e fluminenses compõem os grupos que mais aportaram em Tiradentes que, com o seu requinte e "ares" de cultura, atraiu intelectuais, artistas plásticos etc., mudando não somente o perfil demográfico da cidade, mas também suas características socioculturais. Conforme já demonstrado, a escolarização média dos tiradentinos ainda é baixa.

Surgiram novas iniciativas visando a revitalização da cidade, destacando-se o *Projeto Tiradentes*, do ano de 1981, realizado através de convênio entre o SENAC e CINTERFOR/OIT, e as atuações da Fundação Rodrigo Melo

Franco de Andrade, Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes e SAT - Sociedade Amigos de Tiradentes. Como frutos desse trabalho de conscientização a atuação, destacam-se o projeto paisagístico para praças e jardins, elaborado por Burle Marx, e a instalação da iluminação subterrânea, inaugurada em 1984 (PREFEITURA MUNICIPAL DE TIRADENTES, 2001:s/p).

Como a revitalização é uma operação que exige grandes investimentos (oficiais, privados ou mistos), freqüentemente se presta à especulação. "Os antigos ocupantes, costumeiramente incapazes de arcar com os ônus das reconstruções, se vêem forçados a mudar para lugares mais baratos", avalia Eduardo YÁZIGI (2005:85). Entretanto, o que ocorreu em Tiradentes foi um caso em que a especulação foi sua grande chancela: os antigos moradores do núcleo histórico venderam ou alugaram suas casas - valorizadas em cerca de 400% na última década! - para os imigrantes, que usaram-nas para fins domiciliares e comerciais. Isso provocou um duplo movimento de residentes no espaço intra-urbano de Tiradentes: a periferia da cidade recebeu a população nativa que negociou suas casas com os imigrantes; e estes, que passaram a ocupar as áreas de maior valorização imobiliária e de maior acessibilidade aos fluxos de turistas no Centro Histórico, que se transformou eminentemente em uma região comercial, em detrimento de seu antigo uso, o residencial. Segundo BEAUJEU-GARNIER (1980:307), "A preocupação de restaurar os bairros antigos (...) escorraça impiedosamente os habitantes menos afortunados" - ou pode trazer enriquecimento para outros (como em Tiradentes) - mostrando como o espaço pode ser concomitantemente cambiante em termos migratórios e econômicos.

Em função dessa enorme valorização e do crescente fluxo de turistas, o equipamento urbano de Tiradentes tende a se concentrar nas imediações do núcleo central. As pessoas que migraram para a periferia, perderam quase tudo que dispunham de benefícios que uma área privilegiada da cidade disponibiliza. Nesse caso, portanto, não é só a distância que se torna um problema.

³⁵ Segundo informação dada pelo Secretário de Turismo, Cid Barbosa.

Por último, faz-se necessário avaliar como se deu o processo de gentrificação em Tiradentes. O termo *gentrificação* vem de "gentry" que, na Inglaterra, é o segmento social posicionado logo abaixo da nobreza.

O termo foi usado originariamente pela socióloga Ruth Glass em seu estudo sobre Londres, em 1964, quando percebeu a "invasão" de alguns de seus bairros operários por parte das classes médias (RIGOL, 2005:99). À medida em que ocorria essa troca de população, as formas também trocavam de conteúdo: as edificações ganhavam novas funções sociais, alterando ainda seus valores simbólicos e venais. A população que ocupava esses lugares

(...) de poucos recursos econômicos e culturais é expulsa e substituída por uma outra com altos recursos econômicos e culturais, as velhas moradias são reabilitadas e renovadas, novas lojas, restaurantes, galerias de arte e bares se estabelecem em espaços antes ocupados por negócios tradicionais que permitem a subsistência dos antigos moradores (RIGOL, 2003 apud LEMOS, 2005:123-124).

Heitor FRÚGOLI JR. - apoiado nos estudos de Harvey, Anderson e Zukin - afirma que a

(...) *gentrification* - ou "enobrecimento" -, [é o processo] em que geralmente áreas centrais da cidade são revitalizadas e passam a ser habitadas por grupos sociais de maior poder aquisitivo, com tendência à criação de novos enclaves residenciais e à expulsão dos moradores originais, de baixa renda ou de origem étnica distinta daquela dos novos moradores (2000:22).

Existem alguns enfoques acerca dos estudos de gentrificação, mas dois podem ser destacados, inclusive porque após serem produzidos, em caráter de oposição, agora são utilizados de forma integrada (RIGOL, 2005):

1º) o enfoque *econômico*, defendido, entre outros, por Neil Smith e sua teoria do *rent gap*. Segundo Smith, o espaço central passa por um desinvestimento que cria, assim, a possibilidade de reinvestimento de capital. Portanto, estabelece

uma relação entre o valor da terra e do imóvel;

2º) o enfoque *cultural*, assumido por David Ley. Para ele, a ocupação das áreas centrais pode ser explicada pela *urban commodity*, ou seja, a aspectos atrativos para a nova classe média, ocupada nos setores terciário e até quaternário, difíceis de se encontrar nas áreas suburbanas.

Ley descreve que os pioneiros na ocupação das áreas centrais são comumente profissionais do mundo da arte, da mídia e outros ramos culturais, e que a maior parte tem algum tipo de grau universitário, embora possam ter limitação de capital. Por isso, à medida que o local incorpora valor imobiliário, os pioneiros tendem a ser excluídos em razão dos altos preços residenciais. "Ideologicamente há uma valorização cultural acima da representação simbólica do *status* econômico", além do que as "... formas comportamentais desse pessoal, suas exposições, suas representações, mudaram as imagens dos bairros ocupados " (LE MOS, 2005:124).

Ao longo de seu artigo, Sergi Martinez i RIGOL, indica que vários autores assinalaram uma dificuldade de fazer correspondência entre uma definição teórica de quem são os gentrificadores com a realidade de seus estudos. É nesse sentido que indica a ativação das observações empíricas para os estudos de caso (2005:111-113).

O fato é que o processo de gentrificação ocorrido em Tiradentes não se encaixa exatamente nos estudos clássicos do tema, pois não houve um processo de "abandono" e de desvalorização da área central, como se dá em grandes e até médias cidades, que passam a desenvolver os subcentros, tornando-se cidades polinucleadas. Deriva daí o termo gentrificação *incompleta* que está sendo utilizado nessa seção do trabalho.

Entretanto, Tiradentes apresenta em sua recente história de ocupação do Centro Histórico algumas características que convergem para a o processo de gentrificação. Dentre elas podem ser enumeradas:

1. "(...) o que deveria ser explicado na *gentrification* era como se criavam as áreas suscetíveis ao processo, isto é, aquelas áreas com potencial de geração de

lucro e sob quais condições" (RIGOL, 2005:106).

Embora a área central de Tiradentes tenha sido sempre a mais importante da cidade, não impediu seu "abandono" junto com a decadência econômica que assolou a cidade sobretudo ao longo do século XIX e de grande parte do século XX. O aporte de capitais e os projetos para a revitalização do Centro Histórico originaram-se de várias fontes, desde empresas estatais, como a EMBRATUR, até empresas particulares, passando ainda pela participação do governo do Estado de Minas Gerais, através da nova iluminação pública implantada pela CEMIG, e da própria Prefeitura Municipal. Há ainda que se destacar a contribuição do IPHAN, da Fundação Roberto Marinho, da SAT e da Fundação Rodrigo Franco de Mello Andrade.

Portanto, o Centro Histórico de Tiradentes foi visto por uma série de entidades e empresas como uma área com enorme potencial de lucro, como assinala a frase de Rigol apresentada anteriormente.

2. "Nunca é demais lembrar que pela lógica histórica, os centros antigos guardam a memória da cidade e, só por isso, já representam um espaço de significativo valor simbólico para a mesma". É dessa forma que "... a sociedade, ao construir as formas materiais de uma cidade, suas condições de existência, também produz no seu imaginário suas representações simbólicas" (SCARLATO, 2005:132).

A indagação de Rigol expressa em "sob quais condições" uma área se torna gentrificada, precisa apenas ter a interlocução com Francisco Scarlato. Parece evidente que a cidade se desenvolve baseada em duas grandes sendas: a econômica, com a revitalização do Centro; e a outra, responsável por essa primeira, derivada do grande valor cultural e simbólico que está impresso na paisagem da cidade e de seus habitantes, sobretudo porque tudo isso - revitalização e patrimônio histórico e arquitetônico - criou as condições de intensificação do turismo na cidade, representando um alívio para a população local, vítima de décadas anteriores de estagnação econômica.

3. "A população local vai aos poucos se afastando em direção às áreas

situadas em sua periferia". Portanto, há um "esvaziamento do núcleo histórico em favor das novas áreas de expansão" (FJP, 1980:63).

"O valor histórico e artístico do conjunto se traduziu também numa crescente valorização dos imóveis neste setor, que aos poucos vão sendo adquiridos por pessoas de fora, de maior poder aquisitivo, sendo utilizados esporadicamente como residências de fins de semana, fechadas a maior parte do tempo. A importância turística do núcleo induziu ali o aparecimento de comércio e serviços voltados quase que exclusivamente para o atendimento externo" (FJP, 1980:66).

"Tiradentes não vive mais do ouro, das lutas pela liberdade, da tecelagem ou da agropecuária, mas da rica conjugação entre os valores preservados de seu passado e de um presente moldado por novas formas de expressão. (...). Entretanto, é o turismo que vem contribuindo não só para o pleno desenvolvimento sócio-econômico da região como também para o aprimoramento de seus serviços" (PREFEITURA MUNICIPAL DE TIRADENTES, 2001, s/p).

De fato, como sugerem essas frases e as outras anteriores, o lucro advindo de investimentos na área central de Tiradentes, tornou a cidade um pólo receptor de turistas, tendo seu apogeu a partir das décadas de 1980 e 1990. A consolidação dos eventos turísticos nos anos 90 endossou a atratividade da cidade. Quem confirma tal panorama é GIOVANNINI JR.: "O turismo (...) contou com um impulso na últimas duas décadas, trazendo significativas transformações para a cidade" (2001:151).

Dentre tais transformações destaca-se a chegada dos imigrantes, denominados como extratiradentinos - os ETs. A frase acima, que abre esse tópico, indica que a população local troca o Centro pelos bairros periféricos em expansão, ao vender e alugar suas casas nas áreas centrais em favor dos imigrantes. Aqui está mais um ponto em que a gentrificação em Tiradentes é *incompleta*, pois não houve a ocupação de um centro deteriorado ou coisa congênere, mas sim de uma área que sempre foi a referência para os tiradentinos desde a criação da cidade, no início do século XVIII.

Por outro lado, há uma característica local que se adapta totalmente aos estudos clássicos de gentrificação: a nova população instalada possui uma

escolarização e nível de renda superiores ao da população local. Nesse sentido, Eduardo YÁZIGI afirma que para que ocorra a gentrificação "... é preciso que certos fatores se modifiquem (...): em primeiro lugar, é necessário que exista segregação social e residencial". Ele alerta para o fato de que o processo "... repercute em toda uma área ou todo um bairro" (2005:87).

Como já foi dito, apesar de a população local que se retirou do Centro não ser formada eminentemente por operários, a gentrificação se dá numa área da cidade

... cuja unidade de vizinhança foi sendo comprada e elitizada pelas classes superiores, para fins de moradia e de serviços sofisticados. A expressão que nunca falta nas considerações arquitetônicas e urbanísticas desses casos é justamente "classe social". (...) a gentrificação cultural só pode ocorrer com uma ocupação geográfica [caso do Centro Histórico de Tiradentes] e cultural da elite [os migrantes recém-chegados] em substituição a um uso cultural que era popular, no mesmo lugar (YÁZIGI, 2005:86).

Embora não seja possível universalizar, é possível afirmar que há uma disputa pela centralidade, principalmente naquelas cidades cuja distribuição espacial dos bens e serviços é marcada pela forte desigualdade. É certo que podem surgir novas centralidades. Todas elas criam vantagens, como as de tempo e de transporte. Porém, o que é mais contundente nessas áreas centrais são as novidades introduzidas, guardadas as proporções, pois aqui não existe a intenção de se comparar Tiradentes com cidades de maior envergadura socioeconômica.

4. CONCLUSÕES

Tiradentes não pode ser comparada a uma *cidadezinha qualquer*, como escrevera Carlos Drummond de Andrade. Ou melhor, possui os traços peculiares de uma cidade do interior mineiro com menos de 10 mil habitantes: a vida pacata, os animais pelas ruas, as cadeiras nas calçadas etc. Por outro lado, apresenta um ritmo de vida que se acelera com os eventos turísticos e a conseqüente atração de população flutuante durante tais períodos, como o Carnaval e a Mostra de Cinema. Desse modo, a então tranqüila e "lenta" cidadezinha qualquer, passa a ganhar a feição de um novo espaço e com um novo ritmo: Tiradentes recebe pessoas oriundas de realidades diversas, como os metropolitanos de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte; os estrangeiros, sobretudo europeus; e turistas provenientes da região.

Portanto, a cidade sofre essa "dupla personalidade" - sem querer conferir ontologia ao espaço. Assim, Tiradentes vive entre a opacidade e a luz repentina que os eventos turísticos criam em certos momentos do ano. Isso faz da cidade um espaço dual, mas combinado, expresso aqui em algumas exemplificações: convivem, na cidade, os intelectuais e os artistas plásticos, com pessoas de baixa escolarização e que apenas conhecem as cidades mais próximas de Tiradentes; na gastronomia, a cidade convive com a simplicidade e tradição da comida mineira, ao lado de restaurantes que reproduzem a cozinha internacional, de certos países; o comércio local vive a euforia dos eventos, principalmente, e também dos finais de semana, em oposição aos dias de semana, quando está voltado prioritariamente para a população fixa da cidade.

A atividade turística permeia necessariamente as observações e estudos acerca de Tiradentes, dada a sua grande influência socioeconômica local, que abrange a chegada de imigrantes; a modificação do modo e do ritmo de vida; a revitalização do Centro Histórico, com a conseqüente valorização dos imóveis concentrados nessa área e suas imediações; o aporte de capitais originários de outras cidades, estados e até países; a migração da população local para os bairros periféricos; a construção de hotéis de porte em locais mais tranqüilos, longe do

Centro Histórico (é difícil encontrar infra-estrutura urbana de qualidade na periferia de uma *cidadezinha qualquer* !); a gradativa criação de legislação específica, que regulamenta o uso e a ocupação do solo, ordenando a "vida socioespacial" de Tiradentes, o que futuramente confluirá na formação do plano diretor, ação fundamental para que Tiradentes possa se enquadrar como Patrimônio da Humanidade, título dado pela ONU, através da UNESCO, cuja consecução deixaria locupletada não só a população tiradentina, mas, quiçá, toda a sociedade brasileira.

Guardadas as diferenças escalares entre Tiradentes e outras cidades, com equipamentos urbanos abrangentes, pode-se obter um delineamento de certas questões que foram abordadas nessa dissertação, e de outras que podem preencher o universo do conhecimento que está - precariamente - parcelado entre as ciências, esperando novas investigações. São elas:

- A mesma velocidade peculiar do período técnico-científico e informacional que cria a dualidade identidade-estranhamento entre os habitantes da cidade, transforma também o espaço urbano: desse modo, Tiradentes conheceu, nas últimas décadas, uma periferia que cresceu populacional e espacialmente, além de um Centro que se sofisticou e encareceu, ao se consolidar continuamente como a "alma" da cidade, como a expressão do orgulho de manter um patrimônio que é admirado e, obviamente, consumido. Portanto, produzir e reproduzir a vida cotidiana e o espaço local, transformam-se em sinônimos de mudança de estrutura e de funcionamento do espaço, com a possibilidade de uma espantosa e lépida redefinição dos locais de consumo e de investimentos, dentre tantas outras manifestações da *aceleração contemporânea* - para manter a terminologia empregada por Milton Santos.

- Os bens turísticos arquitetônicos de Tiradentes estão em estágio de desenvolvimento bem mais avançado do que os bens naturais, ecológicos. Prova disso é que, com o objetivo de agregar valor ao produto e proporcionar uma vantagem competitiva para a cidade, nota-se uma tentativa de tornar o cenário turístico de Tiradentes - leia-se atrativos histórico-culturais - um agente tangibilizador

das sensações e emoções proporcionadas pela cidade ao turista. O cenário tem papel fundamental na palpabilização dos serviços turísticos prestados pela cidade, e tanto o IPHAN, como o poder público e a iniciativa privada têm investido e recuperado o conjunto histórico-arquitetônico de Tiradentes. O IPHAN e a Prefeitura Municipal lutam contra a sua descaracterização e contra projetos de construção de novas edificações no Centro Histórico, criando normas específicas para isso, através da *Lei Orgânica do Município de Tiradentes*, de dezembro de 2002, e da *Lei de Uso e Ocupação do Solo e Código de Obras*, de janeiro de 2004. O Plano Diretor está previsto na Lei Orgânica (2002:51):

"O Plano Diretor e a legislação de parcelamento, ocupação e uso do solo, de edificações e de posturas serão aprovados no prazo de dezoito meses a contar da promulgação da Lei Orgânica".

Porém, o prazo estabelecido não foi cumprido e a cidade segue com seus problemas de saneamento³⁶, deposição de lixo etc. Como exemplo, à época final de conclusão desse trabalho, em janeiro de 2006, havia um grande obra nas imediações do Largo das Forras - uma futura hospedaria - cuja construção estava embargada pela Prefeitura e pelo IPHAN, que suspeitavam ainda de um incêndio provocado pelos promotores da obra em uma pequena casa - provavelmente do século XVIII ou início do XIX - localizada na parte frontal do terreno, a fim de poder dar vazão a uma construção nova, já que a antiga fora destruída por um suposto "acidente".

³⁶ A cidade passava por obras de ampliação das redes de água e de esgoto (2005-2006).

Figuras 63 e 64: terreno preparado para construção à rua dos Inconfidentes, no "coração da cidade".

Convém ainda incluir a transcrição do último parágrafo da "Introdução" do *Projeto Plano Piloto: Sítio Histórico de Tiradentes-MG*, realizado pelo IPHAN, que trata também da criação do Plano Diretor:

"... pretende-se preparar a participação da Instituição no Plano Diretor de Tiradentes, a ser realizado, através de convênio entre o IBAMA, a Prefeitura Municipal e o IPHAN, com apoio dos órgãos estaduais e financiamento do BIRD" (IPHAN, 1997:4).

O IPHAN e o IBAMA são responsáveis, respectivamente, pelos patrimônios histórico-arquitetônico e ecológico-natural existentes em Tiradentes.

- Apesar de toda a velocidade das transformações espaciais, que estão mediando a organização espacial das cidades e imputando ao cidadão o papel simplificado de consumidor do espaço e no espaço, algumas dessas mudanças podem ser detectadas e conferem o atual perfil socioespacial de Tiradentes:

1. Há um brusco crescimento da ocupação de bairros carentes na última década - Várzea de Baixo, Torre e Mococa; especialmente nos dois últimos - que, por isso, requerem investimentos em infra-estrutura;

2. O Centro Histórico apresenta uma valorização imobiliária exponencial, que se consolidou nas últimas décadas com a intensificação do turismo e a atração de novos moradores.

Assim, com todas essas características, Tiradentes é uma cidade em plena construção, inclusive de sua própria imagem de cidade - através da consecução de um futuro título de patrimônio da humanidade: constrói uma nova identidade de sua população, ao misturar a população local com os imigrantes permanentes e temporários; constrói aos poucos um novo equipamento urbano, ora de benefício apenas para os tiradentinos, ora também para os turistas; inscreve-se na rapidez do mundo atual, sob a influência do turismo, conjugando-a com a tradição e a tranqüilidade costumeira das cidades interioranas.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. e GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2002.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1992.

ANDRIOLO, Arley. **Ouro Preto, 1897-1973: a construção social de uma cidade histórica turística**. Dissertação de Mestrado, USP, 1999.

ARAÚJO, Márcia Maria P. **As relações entre a comunidade local e a área histórica de Tiradentes-MG**: uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural em áreas urbanas. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2004.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 2001.

CÂMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. **Lei de uso e ocupação do solo e código de obras**. Tiradentes, 2004.

CÂMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. **Lei orgânica do Município de Tiradentes**. Tiradentes, 2002.

CAMARGO, Haroldo C. **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.

CAMPOS, Helcio R. "Ensino do turismo e geografia: negligência e mundo virtual". In: **Cadernos do Professor**. Juiz de Fora: Prefeitura Municipal, 2004, p. 39-47.

_____. **A centralidade em São Paulo e o Largo de São Bento**: a renovação urbana na capital. Inédito, 2003.

CAMPOS, Maria Augusta do A. **A marcha da civilização: as vilas oitocentistas de São João del Rei e São José do Rio das Mortes - 1810/1844**. Dissertação de Mestrado, UFMG, 1998.

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Cidades brasileiras: seu controle ou o caos**. O que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 1992.

CARLOS, Ana Fani A. **Espaço e indústria**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CARLOS, Ana Fani e LEMOS, Amália I. G. **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

CASTROGIOVANNI, A Carlos (org.). **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2000.

CORRÊA, R. Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989a.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989b.

CRUZ, Luiz. "O futuro de Tiradentes é agora". In: **Inconfidências** 1(4), SAT, Tiradentes, mai/1996.

_____. "A saga dos emboabas". In: **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 14/12/2002.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2001.

DAMIANI, A. Luisa. A cidade (des)ordenada e o cotidiano. In: **Geografia** 9. São Paulo, 1995.

FROTA, Lélia Coelho. **Tiradentes - retrato de uma cidade**. Rio de Janeiro: Campos Gerais/Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1993.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO - FJP. **Plano de organização espacial e preservação do Centro Histórico de Tiradentes**. Vol. 1. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Planejamento, 1980.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez / EDUSP, 2000.

GIOVANNINI JR., Oswaldo. "Cidade presépio em tempos de paixão". Turismo e religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes". In: BANDUCCI JR., A. e BARRETO, M. (Org.). **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001.

GUIMARÃES, Fábio Nelson. **Informações turísticas sobre a cidade de Tiradentes**. Belo Horizonte, 1968.

GUIMARÃES, Geraldo. "Algumas considerações sobre Tiradentes". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del Rey** (7), abr/1992.

HORIZONTES. **É tempo de acordar Tiradentes**. Belo Horizonte, primavera de 1969, s/p.

IBGE. **Manual de delimitação dos setores de 2005** (Versão preliminar).

IPHAN. **Projeto Piloto - Sítio histórico de Tiradentes**: fundamentos e proposta de critérios e normas de intervenção. Tiradentes, 13^a Coordenadoria Regional do IPHAN, 1997.

JORNAL DO BRASIL. **A Tradicional Tiradentes**. Rio de Janeiro: 29 de junho de 1949, s/p.

LEMOS, Amália Inês Geraiges de (org.). **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. "*Gentrification* ou moradia social: estudo comparativo do consumo no centro antigo de São Paulo". In: CARLOS, Ana F. e CARRERAS, Carles. **Urbanização e Mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005 (GEOUSP, vol. 4).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2003.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil: terra de quem?** São Paulo: EDUSP/ Nobel, 1991.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional do Turismo**: diretrizes, metas e programas (2003-2007). Brasília: 2003. [On line] Disponível em www.embratur.gov.br

MORAES, Antônio C. Robert. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MURTA, Stela M. e ALBANO, Celina. "O sentido da interpretação nas cidades do ouro: São João del Rei e Tiradentes. In: MURTA e ALBANO (org). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG/ Território Brasília, 2002.

NASCIMENTO, Sandra. "Tiradentes: uma visita ao passado." In: **Veja MG** 24(53), jan./1991.

OLIVEIRA, Francisco V. **Capacidade de carga nas cidades históricas**. Campinas: Papirus, 2003.

OLIVEIRA, Jorge dos Santos. **Subsídios visando a elaboração de um Plano Diretor para o Município de Tiradentes - MG**. Dissertação de Mestrado, UFF, 2004.

PEDROSA, Milton. Uma cidade marcha para a morte - de mãos dadas, o tempo e o homem - Tiradentes, um núcleo abandonado. In: **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1950, s/p.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Turismo cultural em Tiradentes**: estudo de metodologia aplicada. São Paulo: Manole, 2000.

PIRES, Mário Jorge. "Metodologia de inventário e de atratividade em bens histórico-culturais: o caso de Tiradentes". In: **Lazer e turismo cultural**. Barueri: Manole, 2001.

PORTUGUEZ, Anderson P. **Consumo e espaço**: turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TIRADENTES. **Inventário de proteção do acervo cultural de Tiradentes**. Tiradentes, 2001, s/p.

RIGOL, Sergi M. "A *Gentification*: conceito e método". In: CARLOS, Ana F. e CARRERAS, Carles (Org.). **Urbanização e mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005 (GEOUSP, vol. 4).

ROCHA, Izaura. **Breve história de Tiradentes**. Tiradentes, 1998.

RODRIGUES, Adyr A.B. (org.). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. **Turismo, modernidade e globalização**. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. "Lugar, não lugar e realidade virtual no turismo globalizado". In: **Geografia 10**. São Paulo, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCARLATO, Francisco C. "Revitalização do centro antigo: o espaço da memória de São Paulo". In: CARLOS e CARRERAS (Org.). **Urbanização e Mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005 (GEOUSP, vol. 4).

SÉRGIO, Mário. "Risco ronda patrimônio de Tiradentes". In: **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24/02/1999.

SERRANO, C. M. Toledo e BRUHNS, H. Turini (org.). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.

SILVA, Fernando F. **As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade**. São Paulo-Petrópolis: EDUSP, 2003.

SIQUEIRA, Lauren F. **A saturação dos suportes urbanos decorrente dos grandes fluxos turísticos em Tiradentes-MG**. Monografia de Bacharelado, UFJF, 2005.

SPOSITO, Maria E. Beltrão. "O centro e as formas de expressão da centralidade urbana". In: **Revista de Geografia**, vol. 10, Presidente Prudente: UNESP, 1991.

TADINI JR., Ângelo B. **Citymarketing como ferramenta de desenvolvimento local: um estudo de caso na cidade de Tiradentes-MG**. Monografia de Bacharelado, UFJF, 2005.

TOURINHO, Andréa de Oliveira. **Do centro aos centros: bases teórico-conceituais para o estudo da centralidade em São Paulo**. Tese de Doutorado, USP, 2004.

VEIGA, José Eli da. **Como reconhecer uma cidade?** São Paulo: 2004. Disponível em www.fea.usp/professor/zeeli

YÁZIGI, Eduardo. **Civilização urbana, planejamento e turismo: discípulos do amanhecer**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. "Funções culturais da metrópole: metodologia sobre a requalificação urbana do centro de São Paulo". In: CARLOS e CARRERAS (Org.). **Urbanização e mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005 (GEOUSP, vol.4).

YÁZIGI, Eduardo.; CARLOS, A. Fani. A. e CRUZ, Rita de C. (org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002.

ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1: Mendigos residentes em São José

Fonte: Arquivo Público Municipal de Tiradentes (APMT), 1897:51

Tabela 2: Programação turística de Tiradentes - 2005

Fonte: Secretaria Municipal de Turismo (SMT)

Tabela 3: População de Tiradentes (1950-2000)

Fonte: IBGE e Fundação João Pinheiro (FJP)

Tabela 4: IDH-M de Tiradentes (1991-2000)

Fonte: Gismarket

Tabela 5: Classes sociais de Tiradentes - 2004

Fonte: Gismarket

Tabela 6: Escolaridade do responsável familiar - 2004

Fonte: Gismarket

Tabela 7: Distribuição da população por faixas etárias - 2004

Fonte: Gismarket

Tabela 8: Tiradentes: relação entre bairros e número de habitantes

Fonte: Prefeitura Municipal de Tiradentes

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráficos 1, 2 e 3: Origem dos turistas em Tiradentes, por Regiões do IBGE - 1º Semestre de 2005

Gráfico 1: Região Sudeste

Gráfico 2: Regiões Nordeste e Norte

Gráfico 3: Sul e Centro-Oeste

Fonte: SMT

Gráficos 4, 5 e 6: Origem dos turistas internacionais em Tiradentes, por continentes - 1º Semestre de 2005

Gráfico 4: Europa, América, África e Ásia

Gráfico 5: Europa

Gráfico 6: América

Fonte: SMT

Gráfico 7: Reclamações dos turistas: 2000-2005

Fonte: SMT

Gráfico 8: Evolução populacional de Tiradentes: 1950-2000

Fonte: IBGE e FJP

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Inauguração - BR 265.....	22
Fonte: ARAÚJO, 2004:14	
Figura 2: Capela curada em nível de arraial.....	27
Fonte: MARX, 1991:43	
Figura 3: Paróquia em nível de freguesia.....	27
Fonte: MARX, 1991:78	
Figuras 4 e 5: Auto de criação da Vila de São José.....	29
Fonte: FROTA, 1993:38	
Figura 6: Pelourinho, Casa da Câmara e Matriz.....	32
Fonte: MARX, 1991:79	
Figura 7: Vila de São José.....	32
Fonte: FROTA, 1993:44	
Figura 8: Serra e cidade de São José.....	32
Fonte: ARAÚJO, 2004:9	
Figura 9: Desenhos de Tarsila do Amaral.....	40
Fonte: FROTA, 1993:53	
Figura 10: Visita dos modernistas a Tiradentes.....	40
Fonte: FROTA, 1993:48	

Figura 11: Prefeitura em 1940.....	41
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:1E	
Figura 12: Prédio da Prefeitura na atualidade.....	41
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:1E	
Figura13: Rua Direita em 1940.....	41
Fonte: ARAÚJO, 2004:12	
Figura 14: Atual Rua Direita.....	41
Fonte: CAMPOS, 2006:41	
Figura 15: Largo do Ó em 1940.....	41
Fonte: ARAÚJO, 2004:12	
Figura 16: O atual Largo do Ó.....	41
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:8E	
Figura 17: Matriz de Santo Antônio.....	47
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 18 : Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	48
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 19: Igreja Nossa Senhora das Mercês.....	48
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 20: Igreja São Francisco de Paula.....	48
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	

Figura 21: Igreja Bom Jesus da Pobreza.....	49
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figuras 22 e 23: Reformas na Igreja Bom Jesus da Pobreza.....	49
Fonte: CAMPOS, 2006:49	
Figura 24: Igreja da Santíssima Trindade.....	50
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 25: Igreja Santo Antônio da Canjica.....	50
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:10E	
Figura 26: Casa de Cultura Yves Alves.....	51
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 27: Museu Padre Toledo.....	52
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 28: Câmara Municipal.....	53
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 29: Prefeitura Municipal.....	53
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 30: Cadeia - Museu de Arte Sacra.....	54
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 31: Casa dos Cinco Sentidos.....	54
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	

Figura 32: Sobrado Ramalho - IPHAN.....	55
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 33: Chafariz de São José.....	55
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figuras 34 e 35: Estação Ferroviária.....	56
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:4E	
Figura 36: Ponte de Pedra.....	56
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 37: Serra de São José.....	57
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:3E	
Figura 38: Bosque da Mãe D'Água.....	58
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:3E	
Figura 39: Cachoeira do Manguê.....	59
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:3E	
Figura 40: Pastorinhas.....	63
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:27E	
Figura 41: Carnaval.....	64
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:28E	
Figura 42: Turistas urinando no muro da Igreja de Bom Jesus da Pobreza - Carnaval, 2000.....	64
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:27E	

Figura 43: Descendimento da Cruz - Semana Santa, 1999.....	67
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:29E	
Figura 44: Procissão do Enterro - Semana Santa, 1999.....	67
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:29E	
Figura 45: Sobrado Ramalho.....	68
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 46: Rua da Câmara.....	68
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:8E	
Figura 47: Restauração da Matriz de Santo Antônio em 1946.....	85
Fonte: FROTA, 1993:56	
Figura 48: Praça do rodoviária num dia comum, de semana.....	88
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:162	
Figura 49: Praça da rodoviária, num dia de Carnaval.....	88
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:162	
Figura 50: Ginásio Poliesportivo, no Parque das Abelhas.....	116
Fonte: CAMPOS, 2006:116	
Figuras 51 e 52: Estação Ferroviária de César de Pina.....	130
Fonte: OLIVEIRA, 2004:186	
Figura 53: Rua Ministro Gabriel Passos.....	131
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:26E	

Figura 54: Rua da Câmara.....	131
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:1E	
Figura 55: Igreja da SS. Trindade.....	138
Fonte: www.terra.com.br/cidadeshistoricas	
Figura 56: Igreja de Santo Antônio da Canjica.....	138
Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2000:10E	
Figura 57: Rua no Parque das Abelhas.....	139
Fonte: CAMPOS, 2006:139	
Figura 58: Casa no Parque das Abelhas.....	139
Fonte: CAMPOS, 2006:139	
Figura 59: Várzea de Baixo.....	143
Fonte: CAMPOS, 2006:143	
Figura 60: Pousada na Várzea de Baixo	143
Fonte: CAMPOS, 2006:143	
Figura 61: Mococa.....	144
Fonte: CAMPOS, 2006:144	
Figura 62: Alto da Torre.....	144
Fonte: CAMPOS, 2006:144	
Figuras 63 e 64: Terreno preparado para construção - Rua dos Inconfidentes.....	165
Fonte: CAMPOS, 2006:165	